

Saiu-se do impasse?

GOVERNO AMANHÃ

• "O P.C.P. não caucionará uma viragem à direita "

As conversações para a formação do VI Governo Provisório parecem ter saído do impasse em que se encontravam, sendo praticamente certo que a sua constituição será anunciada amanhã. De acordo com informações provenientes de círculos muito ligados aos centros de decisão político-militar é provável que nem todas as pastas sejam atribuídas para já.

O almirante Pinheiro de Azevedo tem continuado os seus contactos com os três principais partidos políticos, tendo-se reunido esta manhã em Belém, a partir das 10 e 30 com representantes dos Secretariados do P.S. e do P.C. Ao encontro assistiu o major Melo Antunes, cuja presença no no-

vo elenco ministerial está absolutamente confirmada, sendo agora comumente apontado como um dos ministros sem pasta. O Presidente da República, general Costa Gomes, que recebeu os embaixadores da República Democrática e Popular da Coreia do Norte e do Egipto, para entrega de cre-

denciais, participou igualmente na reunião.

Ontem, depois dos encontros havidos de manhã e de tarde com o P.S., P.P.D. e P.C. — com os socialistas a servirem de mediateiros — Pinheiro de Azevedo reuniu-se das 23 e 30 até às duas da manhã com representantes do P.P.D. (Emídio Guerreiro e Mota Pinto) na presença de Sottomayor Cardia. Costa Gomes, a presidir ao Conselho da Revolução, não assistiu. Segundo informações dignas de todo o crédito, mas que não foram oficialmente confirmadas, o indigitado Primeiro-Ministro apresen-

Continua na pág. 13



PORTO

O CONSELHO MUNICIPAL NA RUA COM O POVO

PORTO, 12 — Não deixou de causar estranheza ao portuense desprevenido, que ao fim da tarde de ontem passava junto à Câmara Municipal, mais precisamente na Praça Humberto Delgado, o facto de ali se encontrar reunido o Conselho Municipal desta cidade. Tratava-se, na verdade, de uma primeira forma de luta daquele Conselho, que, descendo à rua, quis mostrar publicamente a sua face, a fim de propor-

nar uma maior participação de todos nos assuntos que lhes dizem respeito.

«O facto de não estar aqui muita gente presente não nos preocupa, porque também não tivemos grandes preocupações em mobilizar a população da cidade, na medida em que este problema da comissão administrativa, para já, ainda diz respeito, apenas ao Conselho Municipal» — afirmou um dos membros do Conselho a justificar a presença, ali, de apenas algumas dezenas de pessoas.

A sessão destinava-se à discussão dos motivos que levaram a actual comissão administrativa a pedir a demissão. Assim, foi lido um documento em que se explicitavam as condições apresentadas pela c.a. no acto de posse e a posição do Conselho Municipal perante a demissão agora apresentada pela comissão administrativa militar.

Um representante do Secretariado Regional do Norte das cooperativas procedeu, depois, à leitura de uma moção contra a demissão «de uma c.a. que sempre esteve a favor do Poder Popular», que é do seguinte teor: «considerando que os motivos que fundamentam o pedido de demissão da c.a. da C. do Porto se inserem em razões de ordem político-militar, através das quais se reflecte a carência do apoio necessário para continuar a exercer o mandato de que foi incumbida, nas condições originais de abertura a uma ampla participação popular na gestão do Município; considerando, assim, que a atitude da c.a. decorre do clima contra-revolucionário gerado no seio do MFA do qual resultam as dificuldades levantadas à actuação do comandante da Região Militar do Norte, Corvacho, no prosseguimento de uma política ao serviço das classes mais desfavorecidas; considerando que, portanto, se impõe a clarificação imediata de tal situação, em termos de garantir

a marcha da Revolução rumo ao socialismo; delibera este Conselho Municipal: actuar junto das entidades responsáveis do Governo da Nação, no sentido de serem dadas as necessárias garantias de apoio à política seguida pela c.a., ao serviço do povo desta cidade, de forma a evitar que se concretize o seu pedido de demissão; que esta tomada de posição seja entendida, simultaneamente, como definidora do princípio de que a designação de qualquer futura comissão administrativa deverá ter o aval prévio deste Conselho Municipal».

Esta moção foi aprovada por aclamação, o mesmo tendo acontecido em relação às de solidariedade com a luta do povo chileno, de repúdio pela lei do C.R. que impede a divulgação de notícias militares, e de repúdio pela condenação à morte dos dois patriotas bascos.

Foi ainda lido um comunicado do SUV (Soldados Unidos Vencerão), de apoio ao Conselho Municipal.

A batalha da Informação
RAMIRO CORREIA REÚNE-SE COM DIRECTORES DE JORNAIS

Pág. 13



APOIO AO POVO DO CHILE

Pág. 20

Nacional

CONSELHO DA REVOLUÇÃO

SPÍNOLA SERÁ PRESO SE ENTRAR EM PORTUGAL

• Reduzido para 19 elementos o C.R.

O Conselho da Revolução esteve ontem reunido pela segunda vez desde a Assembleia de Tancos, terminando os seus trabalhos de madrugada. Foi aprovada uma proposta de reestruturação do Conselho no sentido de este passar a ser constituído pelo Presidente da República e mais 18 elementos indicados pelas assembleias dos três ramos das Forças Armadas. Actualmente o Conselho da Revolução é constituído por 24 membros embora na prática só estejam em exercício 23 devido à renúncia do general Pinto Soares.

No final da reunião foi distribuído o seguinte comunicado: «Foi aprovada uma proposta de reestruturação do C. R. cujos princípios respeitam a plataforma de Acordo Constitucional com os partidos e remete para as assembleias dos ramos respectivos a indicação dos seus representantes, ficando assente que o Conselho da Revolução é constituído por 19 membros, incluindo o Presidente da República, que preside.

«Sob proposta do Gabinete de Angola da Presidência da República foi aprovado que uma comissão de 3 membros do C. R., um de cada ramo, se desloque a Angola após a formação do Governo, a fim de informar os militares das Forças Armadas Portuguesas sobre a situação portuguesa e suas perspectivas de evolução. «Pelo almirante Pinheiro de Azevedo, 1.º Ministro indigitado, foi exposto o estado actual das diligências para a formação do Governo, tendo o C. R. apreciado com agrado a evolução das mesmas.

«A propósito de notícias e afirmações públicas sobre um possível regresso a Portugal do ex-general Spínola, o C. R. considera conveniente esclarecer que o ex-general continua a ser considerado como inculcado no golpe contra-revolucionário de 11 de Março, pelo que, se regressar a qualquer território sob administração portuguesa, será preso e aguardará julgamento em tribunal militar revolucionário, nas mesmas condições em que se encontram outros militares cu-

jo grau de culpabilidade no abortado golpe de 11 de Março será provavelmente inferior».

Esta tomada de posição do C. R. surge no momento em que se multiplicam as declarações públicas do ex-general e os seus agentes, dentro e fora do País, movimentam-se numa febril actividade político-militar. Na verdade Spínola tem estado à porta espreitando a oportunidade, a ver se alguém de dentro lhe abre. O «DocumentadosNove», foi-meia volta à fechadura e as

ameaças bélicas de Emídio Guerreiro mais parecem o desejo de forçar a porta a pontanê.

«Spinolamente» falando a posição do C. R. não coincide com a do dr. Mário Soares que há dias condicionava o regresso do ex-general apenas à sua integração nas «regras democráticas», o que pouca gente acreditará, especialmente os soldados do RALIS que numa bonita manhã de Março foram «democráticamente» bombar-

Spínola considera-se "o homem da situação"

PARIS, 12 (F. P., «D. L.»). — António de Spínola, ex-general português, declarou ontem que as Forças Armadas deviam regressar imediatamente aos seus quartéis e entregar o poder «aos representantes legítimos do povo português».

Na entrevista concedida à televisão francesa, António de Spínola classificou mais uma vez de «versão fantasista e tendenciosa» a informação posta a circular de que estaria pronto a voltar a Portugal chefiando um Exército.

Na opinião de Spínola, a saída do general Vasco Gonçalves «não modifica em nada o fundo do problema», «não passando de um episódio no âmbito das contradições do actual regime».

«O meu regresso a Portugal apenas dependerá da vontade do povo português no seu conjunto, e não depende de tais ou tais dirigentes que hoje se encontram no poder», acrescentou. «A primeira condição do meu regresso ao País é que seja respeitada a vontade do povo português através das instituições verdadeiramente democráticas e representativas».

Em seguida, Spínola pede que seja respeitada «a Assembleia Constituinte, enquanto que organização representativa» e «que sejam fixadas sem ambiguidades as datas para as eleições municipais e legislativas».

«É necessário, que a Informação seja objectiva e demo-

crática, e que os presos políticos sejam soltos, é preciso instalar um Governo formado de homens honestos, que coloquem a salvação de Portugal acima dos seus interesses pessoais», disse Spínola em conclusão.

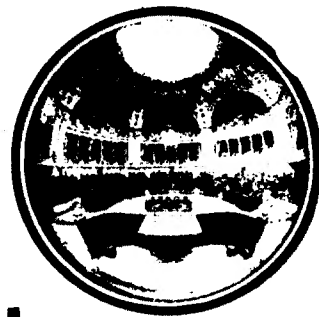
Entretanto, fontes estrangeiras na capital francesa afirmam que Spínola está «mais do que nunca convencido de que, mais tarde ou mais cedo terá o seu papel a desempenhar em Portugal» e que continua a ser «o homem da situação».

A mesma fonte indica a próxima terça-feira como data mais provável da partida de Spínola para o Brasil.

Uma pergunta, no entanto, fica no ar, depois de se tomar conhecimento das declarações do general traidor: que presos políticos deveriam ser soltos? Os que conspiraram armados contra a Revolução?

É que, sendo assim, deixaria de fazer sentido o exílio do ex-general, coisa aliás, defendida por pessoas de responsabilidade no meio político português.

O C. S. R., no entanto e como noutro local noticiamos, na reunião havida entre os seus membros e terminada na madrugada de hoje, decidiu voltar a considerar Spínola «inculcado no 11 de Março». O Conselho Superior afirma que, nessas condições, o ex-general, seria preso e aguardaria julgamento em tribunal militar, caso regressasse ao País.



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

A DEMAGOGIA

O período de antes da ordem do dia durou cerca de três horas. Dois representantes do P. P. D., Mota Pinto e Rebelo de Sousa, e um do P. S., José Luís Nunes, falaram do Chile, em jeito de contestação ao regime fascista de Pinochet. Apenas não explicaram as razões do golpe, nem as forças e países que apoiaram e apoiam ainda, a liquidação das liberdades democráticas do povo chileno.

O sr. presidente: O sr. deputado José Luís Nunes tem a palavra.

Agitação na sala. O sr. Américo Duarte: Mas o sr. presidente deixou falar o sr. Seabra...

O sr. presidente: É quem pediu primeiro.

O sr. José Luís Nunes: Sobre este assunto, e em nome do Grupo Parlamentar do P. S., nós estamos habituados às catilinárias irresponsáveis do sr. deputado Américo Duarte.

Vozes: Muito bem! O orador: Desejamos dizer que não ofende quem quer; em primeiro lugar. E, portanto o P. S. age em relação ao sr. deputado Américo Duarte como agiria com qualquer irresponsável ou qualquer inimputável.

Vozes: Muito bem. O orador: A actuação do nosso camarada Mário Soares é suficientemente conhecida para que não possa ser suja ou tocada sequer por salpicos de lama de uma pessoa que julga que o Palácio de S. Bento é o Cais do Sodré.

Aplausos. Uma voz: Boal **Aplausos. Burburinho.**

O sr. presidente: Um momento. Peço atenção!

Vozes: Foral Rual **Assobios e apupos.**

O sr. Américo Duarte: Os ataques da burguesia... são louvores para mim...

O sr. presidente: O sr. deputado Américo Duarte...

O sr. Américo Duarte: Tenho a dizer que os ataques... são louvores.

Burburinho. O sr. presidente: Peço a atenção da Assembleia...

Burburinho. O sr. presidente: Peço a atenção!

O sr. Américo Duarte: A demagogia é muito grande aqui dentro desta Assembleia...

O sr. presidente: Peço a atenção!

O sr. Américo Duarte: A classe operária saberá...

Apupos. O sr. presidente: Peço a atenção!

O sr. Américo Duarte: A classe operária saberá dar uma resposta a isto tudo!

Apupos e assobios. Vozes: Rual **Burburinho.**

O sr. presidente: O sr. deputado Américo Duarte pediu a palavra pois foi posto especialmente em causa e tenho que lhe dar a palavra.

Tem a palavra o sr. deputado Américo Duarte.

Vozes: O sr. Américo Duarte: Queria dizer que se as palavras demagógicas ditas, nesta Assembleia fossem notas de conto de réis o País não estava tanto na miséria como está!

Burburinho. O sr. presidente: Segue-se no uso da palavra o... Peço a atenção!...

José Luís Nunes voltaria entretanto a dar nas vistas e a receber aplausos significativos das bancadas do P. P. D. e do C. D. S., após considerar, em extensa tirada, marxistas iminentes os nomes entre outros, de Ota Sik e Dubcek. «Imagine-se aparecer alguém em S. Bento a falar de socialismo e a exemplificar com Olof Palme, Willy Brandt, etc. dir-me-ia, a propósito, um simples funcionário dos serviços de secretaria da Assembleia!

DIÁLOGOS

O mais divertido, e esclarecedor, ocorreu após a habitual intervenção de Américo Duarte (U. D. P.), com violentos «ataques» ao P. S., ao P. P. D. e ao P. C. P. Desta vez, a propósito de «provações» que lhe teriam sido feitas recentemente a si e ao respectivo partido.

O que se passou a seguir ficará assim registado no «Diário da Constituinte».

«Sr. presidente: Segue-se no uso da palavra o sr. deputado José Seabra.

Deseja pedir algum esclarecimento?

Sr. José Seabra (P. P. D.): Eu desejava fazer um veemente protesto.

Num dia em que nós prestamos homenagem a Salvador Allende, no dia em que nós manifestamos a nossa solidariedade aos patriotas, aos democratas, aos socialistas chilenos; no dia em que nós temos consciência de que devemos estar unidos todos os democratas em luta por um ideal que não é apenas o do Povo português, mas de todos os povos, vem o sr. Américo Duarte fazer catilinária contra homens como Mário Soares e Emídio Guerreiro que lutaram no passado, lutam hoje e lutarão no futuro pela liberdade do nosso povo. E eu não posso admitir que o sr. Américo Duarte tenha designado o secretário-geral do P. P. D. como chefe fascista, porque o prof. Emídio Guerreiro, lutou de armas, em Portugal, em Espanha e em França contra o fascismo, coisa que não fez o sr.

Américo Duarte! **Aplausos.** Vozes: Rual

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

4.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Quinta do Moinho Encarnado e imediações. (Das 8 às 12 horas).

Rua Direita de Palma de Baixo, Rua das Palmeiras, Caminho Paima de Baixo e imediações. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Rua de S. Julião 124 a 150 e Rua dos Sapateiros 52 a 96. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Av.ª Elias Garcia 101 a 123-B e Campo Grande 114 a 172. (Das 8 às 12 horas).

9.º Sector — Quinta Monte Cõxo, Rua Alberto, Pimentel, Quinta do Bacalhau e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras:** Brandoa, Pontinha (parte). (Das 8 às 14 horas).

CRUZ QUEBRADA: Cd.ª de St.ª Catarina, Rua Dr. Archer de Lima, Trav.ª Pinto Correia, E.N. 6-5 (parte) e imediações. (Das 10 às 14 h.)

CAXIAS (LAGOAL): Rua Maestro Raul Portela, Rua 7 de Junho de 1759, Rua de Goa, Av.ª Croft de Moura, Rua Paulo da Gama, Rua S. Rafael, Rua D. Manuel I e imediações. (Das 8 às 14 horas).

OEIRAS: Bairro do Alto da Barra. (Das 8 às 14 horas).

Leceia. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais — CARCAVELOS:** Quinta do Paulo Jorge entre a Av.ª da República e Est.ª da Torre. (Das 8 às 14 h.) Bairro do Casal dos Grilos, Torre da Aguilha (Seminário), Arneiro. (Das 8 às 12 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra — MEM MARTINS:** Rua das Camélias, Rua das Eiras, Rua Tomás de Aquino, Rua José Sampaio e Castro, Trav.ª das Eiras e imediações, Av.ª da Bela Vista, Rua da Tomadilha, Rua das Fontainhas, L.º dos Casais, Rua João XXIII, Largo do Brejo, Rua S. Martinho e imediações. (Das 8 às 14 horas). **RANHOLAS:** Vale de Flores. (Das 8 às 14 horas). Lameiras, Terrugem, Penaferrim, Linho Colónia Penal Agrícola, Armês, Alcolombal. (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Gradil, Carapiteira. (Das 8 às 15)

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca — ALVERCA:** Oficinas Gerais Material Aeronáutico. (Das 7 às 14 horas).

ALHANDRA: Quinta do Forno, Aldeia do Sobralinho, Sobralinho, Estrada Nacional (parte). (Das 7 às 14 horas).

Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa

Av. António Augusto de Aguiar, 21-1.º LISBOA-1

Telefone 4 68 06

Abertas até 25 de Setembro para a frequência dos Cursos de:

1.º CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

Cozinha — Pastelaria
Mesa e Bar
Escanções
Línguas (aperf.) Inglês
Francês e Alemão

Informações e Inscrições, na Secretaria da Escola, todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17.

post scriptum

Uma alentejana
escreve a Costa Gomes

«General Francisco da Costa Gomes; nesta noite de angústia e de vigília, com o rosto banhado de lágrimas, os punhos cerrados e a alma despedaçada lancei para este papel toda a minha revolta. Pensei em o pôr no cesto dos papéis, onde tenho posto tantos, onde desabafava toda a minha dor, mas este impossível. Com toda a coragem que ainda nunca me faltou, vou tentar com que as minhas palavras cheguem aos teus ouvidos e aos de muitos portugueses, uns «traidores» e outros «patriotas».

Sou alentejana, fui 32 anos camponesa e há dois anos que sou operária, pois apesar de ter só 43 anos de idade já conto 35 anos de trabalho obrigatório de exploração e de miséria, da parte daqueles que sempre me exploraram.

No dia 25 de Abril vi raiar no horizonte a luz da esperança, a luz da liberdade porque sempre lutei. E agora qual não é a minha dor e a minha revolta ao cada dia que passa verifico que o 25 de Abril não foi feito para nós trabalhadores mas sim para uma disputa de poderes: primeiro Spínola, e agora os seus sucessores. Em Belém trava-se uma luta encarniçada pelo poder enquanto os trabalhadores continuam a ser explorados, mas como agora «por enquanto» não vão para Caxias, são espancados e os seus haveres queimados em plena via pública, sem que haja um comandante que se preocupe com isso. Ouvi na Rádio se não estou em erro o Comandante do Centro muito indignado com a falta de respeito com que tinha sido tratado o Presidente da República na manifestação de 27 de Agosto. Só esse oficial ainda nunca pensou na falta de respeito que tem tido para com o povo a quem tudo deve daquilo que é, e, em quem o povo tanto confiou, para em troca esse mesmo povo ser escorraçado, ver queimada toda a riqueza que foi trabalho dos seus antepassados igualmente explorados, sem que esse mesmo oficial se tenha preocupado com isso. Pois ninguém te faltou ao respeito Presidente da República: o que aquele povo que tu tinhas pela tua frente está é farto de ouvir falar tanto em unidade e ver que a maior falta dessa mesma unidade existe no seio daqueles que nos deviam defender do inimigo número um, o fascismo e a social-democracia. As tuas palavras foram inoportunas quando disseste que nesta frente deviam entrar todas as outras forças políticas. Tenho a certeza que já consideraste que foi um erro essa palavra, porque a direita nunca se pode unir à esquerda e tu já tens a experiência das reuniões do M.F.A., que quando um oficial progressista se impõe e exige que acabe em Portugal a exploração do homem pelo homem, caem-lhe todos em cima, e é destituído dos seus cargos. O povo não necessita estar presente para ver, sente.

Pois se há ódio existe o que sempre existiu, é o dos opressores. Quanto a tolerância quem a tem tido mais do que os explorados trabalhadores, que depois de tão cruelmente serem martirizados durante 48 anos, ainda não aproveitaram a liberdade do 25 de Abril para liquidarem todos os fascistas, apenas um foi mandado para o inferno: «Columbano», e até porque esse mesmo foi liquidado porque o trabalhador José Diogo foi obrigado a fazê-lo em sua própria defesa.

O que nós revolucionários portugueses temos de fazer, bem unidos, é mendar a seara de trigo, arrancar todas as raízes às ervas daninhas se queremos ter boa colheita. Aqui do meu Alentejo vai a maldição para todos aqueles que quiserem destruir a nossa Revolução. Malditos sejam todos aqueles que em nome do povo fazem o seu jogo, e uma coisa fique bem assente na memória de todos: que o homem é imortal, fica a viver de geração para geração segundo aquilo que deixa atrás de si. Imortais são Marx e Lenine venerados pelos povos; imortais são também Mussolini, Hitler, Salazar e o será Franco, a noite negra dos povos. De que lhes serviu as pompas em que viveram na sua passagem pelo Mundo, onde só espalharam o ódio e o terror para ficarem eternamente no mundo sob a maldição dos povos que por eles foram oprimidos? Que este grito do povo lançado pela minha boca sirva de reflexão para todos os portugueses sedentos do Poder. O povo nunca perdoará a um Pinochet português que o arraste de novo para o fascismo do qual ainda não estamos libertos. Aqui lanço um apelo a toda a esquerda para que se una e se deixe de teorias e que passe à prática, que se deixe de discussões ideológicas, porque enquanto a esquerda discute e se desorganiza por tudo e por nada, a direita vai avançando sobre o povo. E peço a Deus que este meu grito do povo não tenha que pedir contas um dia do que possa acontecer se a desorganização da esquerda levar o povo para o caos.

Enquanto no meu Alentejo só se pensa em trabalhar e organizar para levar em frente a nossa revolução, os partidos da esquerda passam o tempo em desacordo quando deviamos estar mais unidos do que nunca. Por isso todos ao trabalho e bem unidos porque só assim poderemos vencer.

Eu vejo as armas do povo sobre uma bandeira tantas vezes nas mãos daqueles que nunca lhe souberam o peso, que nunca por essas armas passaram uma noite em Caxias, por isso as arriscam levemente. Mas de uma coisa tenho a certeza: o povo nunca consentirá o regresso do fascismo: Portugal não será vencido. Daqui lanço um apelo a todos os oficiais progressistas, a todos os soldados e marinheiros, não atraiçoem a nossa Pátria, nunca voltem as armas contra os vossos pais, mas sim contra os inimigos da nossa revolução, unidos venceremos.

E tu Presidente da República desculpa a maneira como falo para ti, sei que não vais ficar ofendido, poderá ficar algum oficial, mas tu não porque sabes que eu nunca fui à escola e que de excelências não percebo nada. Só o livro que ainda li foi o Evangelho, e, foi

Continua na pág. 18

A REVOLUÇÃO A ARTE E O IDEÁRIO

TOMÁS TAVEIRA

Espero que não chegue nunca o tempo em que paguemos todos com língua de palmo, o maniqueísmo trágico que neste momento mutuamente nos cega e desnorteia. Mas se chegar, será inútil queixarmo-nos de outrém que de nós mesmo.

Eduardo Lourenço
(Socialismo Impuro)

Já uma vez afirmámos (neste mesmo jornal) que a Revolução era uma invenção, uma formulação cujos dados se pressentem tal como na arte, e cujo modelo não seria único, mas sempre aproximado e em relação ao qual os sucessivos ajustamentos lhe permitiriam uma aproximação cada vez mais rigorosa e vizinha do modelo real.

A Revolução seria segundo este critério uma «invenção artística» com dominantes gnoseológicas muito próximas das que comandam e organizam a invenção ao nível da Arte. Seria assim uma invenção que em termos gerais carece tal como esta de um «estilo» de um «modo» próprio.

Natural seria que esse estilo viesse a influenciar sendo por eles de igual modo influenciado os que à Revolução se entregaram e aqueles que a ela foram chamados como úteis e necessários ao reforço da estrutura de acção e funcionamento do aparelho revolucionário. Como são as pessoas, que surgiram da massa mais anónima para a posição particular de «governantes».

Claro se torna que o estilo e a participação obrigam a uma certa «originalidade», um certo estigma da diferença, o qual obrigam em múltiplas situações artísticas, uma certa dualidade a fazer a sua aparição; motivada pela característica onírica e profundamente humana da estrutura dessa mesma inovação. Se porventura a Arte anterior ou o mundo social e económico que a enquadra é de tal modo diferente e adverso, a Arte de cada momento é uma revolução, uma profunda alteração em ordem a tudo quanto possa representar continuidade.

Assim por exemplo se a Renascença é um dado do historicismo e representa uma revivificação, sob a ciência, de todo o mundo gótico, via Leonardo da Vinci, também, e ao contrário o marxismo, ou as ideias mestras da teoria a diversos níveis desenvolvida por K. Marx representam uma reacção a tudo quanto havia de reformista e difícil no parlamentarismo inglês, e nas Trade Union nascentes e uma revolta de senso e regra em relação a todo o mundo anterior.

Este contraponto que se procura entre Arte e política baseado sem rodeios na mesma estrutura de organização mental e metodológica, conduz-nos a uma avaliação do saldo do pensamento que porventura se traduz no seguinte:

A Arte, para o ser em si, deve ser revolucionária; isto é, inovadora a revolução para atingir os valores humanísticos que a caracterizam deve ser inovadora e profundamente diferenciada do renascimento histórico de onde por oposição, tal como a Arte, provém.

Daqui que se possa tentar com algum risco estabelecer ao nível psicológico um paradigma fundamental e paralelo para ambas as situações:

Arte — Inovação oposta a classicismo artístico

Revolução — Inovação oposta a historicismo político

E deste modo fazer coincidir com cada uma delas o problema do estatuto mental artístico e a infra-estrutura do modo político que se consubstancia ambos numa estrutura de funcionamento mental — A POÉTICA. Se a Arte e a revolução exigem a novidade então para cada uma delas se fará impor um ESTILO que se formaliza e torna evidente tendo como suporte aquela estrutura.

Para a revolução um estilo que será a formalização da acção dos seus «constructores ou técnicos», agindo sob acção de uma POÉTICA, como atrás referimos cuja leitura pelos governantes deveria ter sido inequívoca e rigorosa.

Poética pela qual deveriam ter pautado as suas diferentes «invenções». E de acordo ainda com uma POÉTICA livremente aceite, ou «imposta» como regra, que o artista faz a sua assumpção como inventor actuando como técnico e agindo sob «formas mentais» que a si próprio impôs. Ou sendo político e governante que lhe foram impostas e por ele livremente aceites através de um programa político ratificável na prática. A poética é o programa operatório que o artista o político a si próprio se impõe e de acordo com o qual irá procurar dar corpo à sua obra em termos de estrutura significativa.

Assim e de acordo com esta ideia para todos os governantes até ao V Governo a sua POÉTICA era o programa do M. F. A.

Na acção tal não aconteceu. Os políticos pretenderam-se mais do que técnicos (vertigem do poder e da revolução) em muitos casos flagrantemente apassados políticos. Assim influenciaram, «para cima» ou «para trás» como se preferir, a poética QUE ERA UM DADO, e por arrastamento denegriaram e destruíram em certos casos a coerência do ESTILO da revolução.

Parece assim que se há no discurso técnico algo que porventura possa ser entendido como política, isso deriva apenas do consenso geral errado, criado e gerado na prática pelos políticos até ao V Governo Provisório, que tiveram o mau hábito de tudo reduzir a esta ciência — a ciência política — confundindo nela tudo quanto deveria ser apenas eficiência, operacionalidade e técnica. A uma tomada de posição qualquer por parte de qualquer membro do Governo deveria ter correspondido sempre uma adequação técnica anterior inequívoca, e de tal modo que a posição assumível como política, o seria apenas por extensão de um raciocínio estrito de rigor verificável portanto.

Parece-nos que ao governante se exige, e exclusivamente, que aja como revolucionário, o que de modo nenhum querará dizer político ou ainda menos político de esquerdas ou de direitas.

A ideia de que o político, governante ou actuante, deve

estar altamente politizado não passa de um logro. Na medida em que se supõe uma revolução supõem-se acima de tudo que se esteja profundamente motivado para ela que se aja de acordo com a sua estrutura, que se aja de acordo com a sua POÉTICA...

Assim exige-se ao governante e ao actuante que seja um revolucionário e nunca um servidor de uma certa «ideologia» assim como o artista o não deverá ser de um certo «moneirismo»...

Evidente se torna que são múltiplas as ideologias ou as práticas significativas, que com a revolução têm certos pontos de contacto, o que não afirma que cada uma das ideologias ou das práticas significativas sejam efectivamente revolucionárias.

Levantam-se aqui dois problemas:

a) Dir-se-ia que para ser revolucionário nada mais será preciso que ter fé na revolução e praticar uma adesão ao programa infra-estrutural político que lhe mantém a face «legal».

b) Por outro lado dir-se-ia que não são os «politizados» as pessoas porventura mais revolucionárias e portanto mais profundamente necessárias à revolução.

Pelo contrário verificam-se a este nível dois tipos de entendimento possível.

Um que diz respeito aos «profundamente politizados» de «direita», cujas actuações só por acaso (raro) podem ter algo a ver com a revolução, e com ela serem coincidentes, visto que o seu projecto político não se define como uma estrutura, mas com um fim, para cuja conquista apenas vivem, e à qual basta a especulação e a destruição da luta de classes pela tomada do Poder, pois que são ainda, e cada vez mais, uma e exclusivamente minoritária secção do povo.

São profundamente «reaccionários» por anti-revolucionários e difíceis de enquadrar num trabalho honesto de equipa.

O segundo problema diz respeito aos politizados cuja fidelidade a um partido, os impede de aderirem incondicionalmente à revolução dado que em cada momento se sobrepõem, ou podem sempre sobrepôr, as razões internas morais-militantes «esquecendo-se» dos valores globais de acção conjunta e revolucionária. Tendem a confundir as suas posições e as suas actuações com a conquista do Poder embora em nome de um projecto global, estruturante e justificável.

Assumem a posição de profundos obstáculos, embora actuando honestamente, ao avanço da revolução!

Assim o governante e o actuante deve ligar-se exclusivamente à alma da revolução à sua poética como programa operatório e de acção e transformar-se portanto num TÉCNICO. Um técnico revolucionário que nunca se poderá confundir com o «tecnocrata» dos regimes capitalistas, fascistas ou liberais na medida em que todo o seu processo de actuação está norteado por uma infra-estrutura política basicamente honesta. A infra-estrutura revolucionária.

O revolucionário português tem tido como infra-estrutura um programa de acção em relação ao qual se deverão referir todas as suas atitudes, ou tomadas de posição, logo generativas e de ordem global e não mais sectárias ou partidárias. Para além do mais esta revolução apoia-se, e apoia claramente, sem equívocos, os seus revolucionários.

Por um lado liberta todos os oprimidos dentro e fora do Continente pelas permissas de anulação de qualquer repressão...

Por outro lado é profundamente clara e aberta permitindo toda a espécie de incursões válidas até ao fundo das suas intuições.

O programa, o ideário, a poética desta bela e clara revolução foi esplendorosamente afirmado e impresso naquilo que foi dado o nome de PROGRAMA DO M. F. A. e que num certo sentido terá sido acima de tudo o programa das ideologias do M. F. A. cuja profundidade e capacidade de explicitação da revolução foi obscurecida por uma prática diária de governantes e dirigentes em circunstâncias especiais de luta interna, conduzindo à anulação em alguns casos da calma necessária para o raciocínio fulminante...

Coisa alguma nesta revolução ultrapassou o ideário claro e profundo, inequivocamente afirmado no programa do M. F. A.

Porventura desvios se praticaram mas apenas devido à raiva perturbadora duma velocidade desejada, devido ao amor ao progresso revolucionário.

Alguma coisa o clarificou. O aprofundamento praticado como pausa e prática, como aferição de método, como repensar de algumas das suas permissas fundamentais e que se consubstanciou no pacto M.F.A.-PARTIDOS POLÍTICOS.

Esse aprofundamento assumiu o papel de certa maneira ingrato mas profundamente revolucionário que é o da CRÍTICA, (a inclusão da prática no trabalho teórico).

A revolução aprofunda-se e redefine-se nos seus próprios termos como um dado cultural vivo e intenso nunca como um dado conjuntural, como certos partidos políticos demasiadamente sensibilizados para uma conquista de Poder à boa maneira neoclássica, tem querido fazer crer ao povo e aos revolucionários o que é de certa maneira grave porque gera sempre uma nova força no interior da revolução e pode conduzir à sua divisão.

Contudo é bom que se diga que o maior aprofundamento e clarificação da revolução e do seu programa, integrável a curto prazo na nova prática da revolução, para além das consequentes contradições verificadas dentro da luta partidária, tem sido precisamente este «Underground Revolucionário» que a prática militante, paralela, trouxe ao dia a dia.

Também os revolucionários tal como os artistas no acto da invenção percorrem por vezes percursos paralelos de pesquisa e de acção...

Nacional



Caselas tem duas entradas. Por elas entram e saem os autocarros 14 e 43, cujo trajecto difere numa pequena parte final e que, por isso, não dá grandes vantagens aos trabalhadores que, vindos do centro de Lisboa, regressam a casa. Ambos, 14 e 43, saem da Praça da Figueira, com destino a Ca-

O "desvio" dos autocarros

selas, o primeiro, e à Buraca, o segundo, com passagem por Caselas.

Entretanto o autocarro 23 (desterro-Algés), passava pelo Marquês de Pombal, subia a auto-estrada e, saindo dela, tocava as duas entradas de Caselas sem lá entrar, prosseguindo o seu caminho directo a Algés.

Há anos, o povo de Caselas pedira à Carris que o 23 passasse por dentro do bairro. É que a paragem que serve mais gente da povoação fica entre as duas entradas, chega-se lá por um carro e, no Inverno, um mar de lama quase impede, por vezes, a caminhada. Mas a Carris que não, que mais aquilo, que o desvio prejudicava a malta do Caramão. E andava-se nisto.

Foi então que foi fechada a estrada que servia o Caramão e que os habitantes deste bairro deixaram de poder servir-se

daquela paragem do 23. Ai, um grupo de moradores de Caselas decidiu-se, barricou a estrada junto às duas entradas do bairro e impediu a passagem ao autocarro que, de Algés se dirigia ao Desterro e do outro, que, da mesma maneira, fazia o percurso em sentido contrário.

Passar? Sim, mas só por dentro do bairro.

Enquanto se procedia a esta operação, uma delegação de moradores foi falar a quem de direito e... pronto! O problema está resolvido, o que muito vem beneficiar, na opinião dos moradores do bairro, a população de Caselas.

Ainda aqui, e por enquanto, o povo foi quem mais ordenou. E os pormenores não ficaram esquecidos. Veja-se a paragem, na foto, que mão esperta corrigiu: 43? Pois, mas 23 também!

Se fosse sempre assim...



O recorde mundial de pesca desportiva acostumou-se às águas portuguesas e não parece nada interessado em mudar de País. Boas razões para muitos (Ministério da Agricultura e Pescas incluído), quer pela fama, quer pelo proveito. Mas o melhor da «festa» desportiva que a pesca é, pode muito ser o facto, bastante inédito, de Virgílio Quintal — como já aqui referimos —, do Funchal, ter capturado um «patudo» atum de quase centena e meia de quilos, há dias, quando, em 1960, um outro português (de S. Miguel, nos Açores), pescou outro exemplar com menos 50 quilos. Mas já em 56 demos um ar da nossa graça pesqueira, também a cargo de outro madeirense. Boa Madeira... Razão para dizer que, se quem «canta seu mal espanta», quem «pescar sua força atesta».

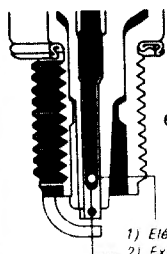
A sua mais bela companheira de viagem.
A vela **NGK** com eléctrodo central em cobre.



Numa viagem por estrada, NGK é a amiga mais indicada para levar consigo. E V. irá apreciar a sua companhia, independentemente do tipo de carro ou motociclo que for a conduzir; desde a pequena motorizada até ao automóvel mais sofisticado.

E eis a razão: a gama das velas NGK é vasta e seleccionada; todas têm o eléctrodo central extra-longo em cobre, e o seu requintado acabamento e concepção permite-lhe viajar com economia quilómetros e quilómetros.

Em mais de 130 países os condutores actualizados e conscienciosos confiam nas velas NGK.



Praticamente todos os construtores japoneses de automóveis preferem estas velas de elevada «performance». A imagem de uma boa condução. NGK.

1) Eléctrodo central em cobre
2) Extremidade em liga especial de níquel

NGK	MARCAS DE AUTOMÓVEIS
BP 6ES	Ford, Fiat, Simca, Mazda, Citroen, Peugeot, Triumph, Renault, Audi, Austin, BMW
BP 6HS	Opel, Renault, Volvo, Rover, Citroen
BP 7ES	Lancia, Fiat, Mercedes
BP 5ES	Datsun, Jaguar, Ford, Toyota
BPR 5ES (RESISTOR)	Datsun, Toyota
BPR 6ES (RESISTOR)	Datsun (2 carburadores), Mazda, Saab V-4, Ford Capri (motor V)
B 5HS	Volkswagen



Poupe combustível fazendo revisões regulares ao motor do seu carro e utilizando velas de qualidade.



auto peninsular

LISBOA — R. Augusto Gil, 29-B — Telef. 76 20 94/5/6
PORTO — R. Ramalho Ortigão, 28-38 — Telef. 2 57 01/2/3/4

SOCIEDADE COMERCIAL DO VOUGA, LDA

Apartado 7 — ÁGUEDA

EXCURSÕES CP

COMBOIO HISTÓRICO

Setembro: 6/7 — 13/14 — 20/21 — 27/28

Passeio fabuloso, a rememorar os primórdios de C. Ferro, por entre as linhas panorâmicas do Vale do Tâmega...

Lisboa - 1.190\$00

Coimbra - 930\$00

MINHO E PENEDA-GERÊS

3 DIAS — Partidas todos os sábados até ao fim de Setembro

Hotel de 1.ª; Ceia e arraial minhoto em quinta dos arredores de Viana do Castelo; Piquenique em pleno Parque do Gerês; e outros atractivos.

Lisboa - 1.520\$00 Coimbra - 1.340\$00 Porto - 1.120\$00

URGEIRIÇA — LORIGA — LUSO

Setembro: 6/7

Hotel em Caldas da Felgueira; Loriga e os seus miradouros, em plena Serra da Estrela; Seia, Buçaco e Luso.

Lisboa - 890\$00

Porto - 830\$00

UISEU E VALE DO VOUGA

Setembro: 13/14

Alojamento no melhor hotel de Viseu (4 estrelas) e visita às mais afamadas terras do Vouga: S. Pedro do Sul, Termas de S. Pedro do Sul, Vouzela, etc.

Lisboa - 950\$00

Porto - 890\$00

FÉRIAS PORTUGUEAS

ALGARVE — BEIRA ALTA — MINHO

— Partidas diárias

COMBOIO (1.ª cl.) e HOTEL — Preços desde:

Albufeira	450\$00	Viana do Castelo	600\$00
Lagos	890\$00	V. P. de Ancora	770\$00
Portimão	810\$00	Urgeirica	850\$00
Praia da Rocha	860\$00	Viseu	780\$00
Faro	910\$00	Guarda	920\$00
Quarteira	790\$00	Covilhã	690\$00
Monte Gordo ...	790\$00	Penhas da Saúde	690\$00

MADRID - EXPRESSO

— Partidas diárias no Lusitânia-Expresso e «TER»
Hotéis 1.ª e 2.ª — centro de Madrid.

Preços desde: Lisboa - 1.250\$00 Coimbra - 1.290\$00

PROGRAMAS DESCRITIVOS E INFORMAÇÕES:

— Lisboa: Estações de Lisboa-Rossio e St.ª Apolónia
EGT — Rua do Arsenal, 124 — T. 367529
— AGÊNCIAS DE VIAGENS



Ora
diga-nos

QUE PENSA DOS ASSALTOS AOS BANCOS?

A vaga de assaltos a bancos que se tem verificado de uns tempos a esta parte não pode deixar de preocupar o povo português, já que agora não é — como no tempo da ditadura fascista — capital do sr. Champalimaud ou do sr. Espírito Santo a ser roubado, mas o capital de todo o povo português. Na verdade, com a nacionalização da Banca, os milhares que ainda ontem «voaram» do Banco Português do Atlântico, pertencem a todos nós. (Também nos pertencia o dinheiro que os srs. Champalimaud e Espírito Santo adquiriram à custa da nossa exploração, mas essa é outra história). E o povo preocupa-se com isso, embora continue confiante.

«Preocupam-me estes assaltos, porque se a Banca foi nacionalizada para dar mais lucro ao País, os roubos estão a prejudicar-nos», respondeu Ermelinda Pereira, telefonista. E acres-



«Não está certo...»

centou: «No entanto, se tivesse dinheiro para depositar no banco, não deixava de o fazer por causa dos roubos. Continuo a ter confiança nos bancos».

Cidalino da Silva, mecânico, deu a seguinte resposta: «Penso que isto não está certo. Esses homens deviam ser mortos para não se repetirem os roubos. Eles roubam os próprios operários. Querem roubar o mais possível para isto 'ir por



«Os roubos estão a prejudicar-nos»

água abaixo'. Mas se eu tivesse 'massa' para depositar, depositava na mesma».

«Olhe, só sei que isso se deve à falta de trabalho», respondeu Joaquim do Carmo, de 20 anos, que transpõe o problema da sua vida para os sistemáticos e frequentes assaltos a bancos no nosso país.

E conta a sua história: decorador no escritório de um coronel antes do 25 de Abril, com a mudança dos



«O pior é se o dinheiro sai do País»

tempos, o escritório fechou e perdeu o emprego. Para sustentar a família — tem um filho de 19 meses e uma filha de sete — tornou-se vendedor de jornais. Reconsiderando depois que os milhares de contos desaparecidos não terão sido roubados por homens que querem matar a fome aos filhos, Joaquim do Carmo comentou: «O pior é se o dinheiro sai para fora do País... para gente que se acha bem fora do País».

GREVE SUSPENSA NO M.E.I.C MAS NÃO NO I.A.C.

Dada a actual ausência de Governo, o que condiciona as negociações, os trabalhadores da secretaria-geral do Ministério da Educação e Investigação Científica suspenderam a greve de braços caídos com ocupação que haviam deliberado encetar.

A decisão foi tomada em reunião geral que exprimiu, no entanto, a sua solidariedade com os colegas do Instituto de Alta Cultura, também eles em greve. Essa assembleia decidiu ainda a permanência dos trabalhadores em reunião de trabalho no Ministério, para se elaborar um caderno reivindicativo que deverá ser presente ao novo Governo, logo que este entre em funções. Será dado ao VI G.P. um prazo de 8 dias para responder concretamente ao caderno, prazo findo o qual se decidirá pela continuação ou não da greve.

GREVE NO IAC

Continua a paralisação de trabalho no Instituto de Alta Cultura onde os trabalhadores exigem, para terminar a greve, «o compromisso formal e público por parte do ministro da Educação e Investigação Científica» em como as reivindicações serão atendidas. O rebanhar da greve teve como causa próxima o repúdio face à publicação do «Diário do Governo» da lista nominativa do pessoal da Direcção-Geral dos Assuntos Culturais. No entanto, explicam os grevistas, a luta do IAC tem como objectivo primeiro «a instauração de uma política de justiça em relação a todos os trabalhadores deste Ministério».

A N.A.T.O. MAIS SATISFEITA COM A SITUAÇÃO PORTUGUESA

WASHINGTON, 12 — (FP e DL) — Falando sobre as relações da N.A.T.O. com os países que dela fazem parte, o secretário-geral da Aliança Atlântica, Joseph Luns, afirmou que era certo a União Soviética ter enviado para Portugal fundos destinados ao Partido Comunista e «conselheiros», apresentados como «diplomatas». Por isso mesmo, o Conselho da Aliança Atlântica já tomou precauções para que Portugal «seja afastado das zonas mais delicadas das nossas actividades», acrescentou Joseph Luns.

Relembramos que no ano passado a delegação portuguesa na N.A.T.O. não participou nas reuniões do ultra-secreto grupo nuclear, já que houve certa relutância por parte de funcionários militares da Aliança Atlântica em revelar, a um Governo em que partici-

vam comunistas, os segredos da defesa nuclear do «Mundo Ocidental».

Joseph Luns, que falava numa conferência de imprensa dada na capital dos U.S.A., na passada quinta-feira, referiu-se à recente evolução da situação política portuguesa afirmando que ela era francamente mais animadora do que se podia es-

perar há cinco ou seis meses. Presume-se que estas afirmações digam respeito às mudanças verificadas ultimamente nos órgãos de poder político-militar, com a melhoria de posições dos oficiais «moderados do grupo dos nove», que propõem um estreitamento das relações com os países da Europa Ocidental.

Trabalhadores corticeiros em greve de zelo

Os sindicatos corticeiros do País, depois de reunidos no Ministério do Trabalho para negociação do seu contrato vertical, deliberaram entrar em greve de zelo, responsabilizando do facto as entidades patronais

que se recusaram a participar nas conversações.

Também o Ministério do Trabalho denuncia a atitude de boicote do Grémio dos Industriais de Cortiça e as suas repetidas faltas aos encontros para ali marcados. Sem se recusar a continuar as diligências para reatamento das conversações, a Direcção-Geral das Relações Colectivas de Trabalho, departamento deste Ministério, declina, no entanto, «quaisquer responsabilidades» por este impasse.

Amanhã, no Cine-Teatro de Santa Maria de Lamas haverá uma reunião geral dos trabalhadores corticeiros que deverá deliberar sobre a luta contra a entidade patronal.

POESIA REVOLUCIONÁRIA

Em homenagem ao povo chileno realiza-se hoje às 19 horas, no Teatro do Nosso Tempo (Praça José Fontana), um recital de poesia revolucionária em que colaborará o boliviano Joaquim Hinojosa.

A entrada é livre.

A C.P. admite trabalhadores do consócio S.B. Réhé

«Mais de 800 dos 1500 trabalhadores do consócio S. B. Réhé, cujo contrato com a C. P. termina no próximo mês e que estavam ameaçados de desemprego vão ser integrados na empresa», esclarece num comunicado as Relações Públicas da C. P.

Depois de afirmar que não se trata da rescisão do contrato com aquele consócio francês mas o fim da empreitada, prossegue: «Não interessa à C. P. nem ao País renovar o contrato com o referido empreiteiro para mais trabalhos deste género. No entanto, dado o estado de envelhecimento da via ainda não renovada e também a necessidade de proceder às tarefas de conservação de toda

a rede, para a manter permanentemente em boas condições de uso, resulta que a C. P. terá de desenvolver, no futuro, um programa sistemático de renovação e conservação.»

«Nestas condições», continua «a C. P. negociou ainda com o empreiteiro a compra dos maquinismos por ela utilizados nestas tarefas.»

Para além dos 800 trabalhadores admitidos, a C. P. com o objectivo de minimizar ainda mais o desemprego entre os trabalhadores do consócio S. B. Réhé, vai colocar mais 300 trabalhadores noutros postos de trabalho onde actualmente há vagas dentro da empresa.



GANHE 9,5% AO ANO

ENQUANTO O SEU DINHEIRO TRABALHA
PARA O NOVO PORTUGAL

Deposite o seu dinheiro na Banca nacionalizada. E ganhe 9,5% ao ano. Aproveitando as novas condições de juro para depósitos a 1 ano e 1 dia. Com a segurança de garantia do Estado. A certeza de contribuir para a construção do novo Portugal.



DEPOSITE NOS BANCOS

Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco do Algarve
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Crédito Predial Português
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Pinto Magalhães
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores

Nacional

ANGOLA

M.P.L.A. LANÇA OFENSIVA EM DUAS FRENTES

O M.P.L.A. sustenta, presentemente, uma ofensiva em duas frentes: no sul, contra a U.N.I.T.A. que pretende desalojar de Nova Lisboa; no norte, contra a F.N.L.A. e em direcção às cidades de Ambriz e Carmo-

na. O M.P.L.A. ocupa agora praticamente doze das dezasseis províncias de Angola. Para além de Luanda, controla todo o leste e todos os postos situados a sul da capital. Nas regiões meridionais a sua influência faz-se sentir numa extensão de duzentos quilómetros a partir da costa. A U.N.I.T.A., aliada da F.N.L.A. segundo acordos locais, mantém o seu domínio à volta das cidades de Nova Lisboa e Silva Porto. Quanto à F.N.L.A., domina sobretudo o extremo norte do país. As províncias de Uíge e Zaire.

Na frente norte, o M.P.L.A. definiu já dois objectivos prioritários: expulsar o seu adversário de Ambriz (a ocidente) e de Carmona a leste).

A relativa facilidade com que tomou Caxito — foi coisa para poucas horas — avivou o optimismo do M.P.L.A.

A partir de segunda-feira as suas tropas avançaram, estando agora a cerca de noventa quilómetros de Ambriz e a cem de Carmona.

A sudoeste, o M.P.L.A. controla a Sã da Bandeira há várias semanas. A partir dessa cidade iniciou uma marcha sobre Nova Lisboa, principal ponto de apoio da U.N.I.T.A. e segunda cidade de Angola. Na quarta-feira, conquistou a localidade de Caconda, situada a meio caminho entre as duas cidades.

No entanto, a U.N.I.T.A. rea-

giu violentamente, atacando o Luso, a leste, «com blindados», segundo o M.P.L.A. Os combates prosseguiram, ontem à tarde, nessa localidade que continua na posse do M.P.L.A.

APOIO SOVIÉTICO AO TRANSPORTE DE RETORNADOS

Pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros portugueses foi divulgada a seguinte nota: «Correspondendo ao apelo do Governo português para o apoio e cooperação internacionais no transporte e assistência aos retornados de Angola, o Governo da U.R.S.S. decidiu pôr à disposição das autoridades portuguesas dois aviões e um navio, que efectuarão várias viagens de transporte de retornados, e prontificou-se a fornecer auxílio sob a forma de alimentos e medicamentos para assistência aos retornados.

Está prevista a deslocação de dois técnicos daquele país

a Portugal para estabelecerem, em conjunto com as autarquias portuguesas responsáveis (IRAN), as melhores formas de concretização do auxílio previsto».

ÁFRICA DO SUL CONDENADA

GENEVA, 11 (R.) — Uma subcomissão das Nações Unidas sobre direitos humanos aprovou uma resolução condenando a África do Sul por enviar tropas para Angola.

A África do Sul enviou uma patrulha de 30 homens para uma estação de bombagem de água na fronteira da Namíbia (Sudoeste Africano) com Angola, no mês passado, ao abrigo dos termos de um acordo entre Portugal e a África do Sul garantindo o fornecimento de água.

Entretanto, a força já se retirou da área.

A subcomissão incitou também os movimentos de libertação rivais em Angola a unirem-se.

TRABALHADORES DO MAR DA C.N.N.

As lutas dos trabalhadores do mar da Companhia Nacional de Navegação continua, não tendo as últimas diligências da comissão de trabalhadores conseguido resultados positivos junto da comissão administrativa da companhia.

Ontem os representantes dos assalariados do mar avistaram-se com os representantes do Governo na companhia. Fizeram-no por iniciativa própria, mas como nos disse um dos trabalhadores presentes ao en-

contro, «tudo ficou em águas de bacalhau». A Comissão administrativa terá remetido a sua responsabilidade para o Governo (que ainda não há), deixando os trabalhadores sem resposta. Os administradores alegaram ter contactos verbais e formais com as autoridades competentes mas que não poderão adiantar mais nada. Os trabalhadores, pelos seus delegados, têm pedido àqueles que compareçam perante os grevistas para lhes explicar qual a situação. Mas tal não foi atendido. A presente situação e o balanço do encontro com os administradores serão objecto de um comunicado a divulgar ainda hoje pelos trabalhadores. «Nunca nos recusámos ao diálogo» — afirmou o mesmo porta-voz dos assalariados. «Mas a luta continua porque nada foi ainda resolvido».

SAÍDA DO IMPASSE?

CONVERSACÕES SOBRE TIMOR NO DIA 20 EM MACAU

JACARTA, 12 — (R) — A Indonésia parece ter abandonado a sua intenção de intervir no Timor Português, depois do dr. Almeida Santos, enviado especial de Portugal, ter acedido ao pedido de Jacarta para negociar com os três principais partidos do território.

«A intervenção da Indonésia tornou-se desnecessária uma vez que o dr. Almeida Santos se avistará com os três partidos, conforme tínhamos pedido» — declararam fontes oficiais.

O enviado português tinha indicado, anteriormente, que se encontraria apenas com a FRETILIN. Porém, após consultas renovadas ontem em Jacarta, declarou que se avistaria também com representantes da U.D.T. e da Apodeti, provavelmente em 20 do corrente, em Macau.

As especulações sobre a eventualidade da intervenção militar da Indonésia recrudesceram esta semana com a notícia de que as tropas da Fretelin continuavam o seu avanço e controlavam agora quase todo o território.

CONTRA INTERVENÇÃO INDONÉSIA

SIDNEY, 12 — (R) — O primeiro-ministro australiano, Gough Whitlam, enfrenta uma crescente pressão no interior do seu próprio partido trabalhista, que governa o país, para que advirta a Indonésia de que não tolerará a sua intervenção militar em Timor Português.

Em despacho de Canberra, o jornal «Sydney Morning Herald» escreve que despertou desconfiança entre os membros do governo «a afirmação de que o pequeno partido timorense Apodeti, pró-indonésio», estaria «pronto a lançar em qualquer momento uma guerra de guerrilhas» na ilha.

ESCASSEZ DE ALIMENTOS

DILLI, 12 — (R) — O presidente da Fretelin, Francisco Xa-

vier do Amaral, solicitou uma ajuda humanitária internacional, especialmente em alimentos, na sequência das lutas civis em que morreram talvez duas mil pessoas, e que teria dado àquele movimento o controlo completo sobre Timor-Leste.

Falando ontem no primeiro aniversário da fundação da Fretelin, o dirigente timorense manifestou a sua preocupação pela escassez da comida, declarando que «não há matinhos suficientes» para alimentar a população.

COMÍCIO DA F.U.R. NO PORTO

“HÁ UM POVO INTEIRO PARA SE REVOLTAR”

«Dois anos amargos de experiência dolorosa de quem confia a sua sorte nas mãos dos seus inimigos. Dois anos de luta e de resistência de um povo contra o regime fascista, em que os melhores filhos do Chile, pegando em armas, dão resposta ao assassino do seu povo — Pinochet —, foram as palavras proferidas pelo representante da F.U.R. que ontem à noite interveio no comício de apoio ao povo chileno, que decorreu no Palácio de Cristal, sob a palavra de ordem «Portugal não será o Chile da Europa».

«É dever de todos os trabalhadores portugueses apoiar a luta do povo chileno. Mas é ainda mais importante impedirmos que Portugal seja um novo Chile», acentuou o orador, perguntando a seguir: «No Chile os sectores mais reaccionários, civis e militares, procuraram, antes do golpe fascista, desarmar os grupos de autodefesa populares. Quem é que em Portugal pretende o mesmo?».

E prosseguindo afirmou: «No Chile procurou-se eliminar, antes do golpe fascista, todos os oficiais que se opunham a uma intentona fascista. Em Portugal e aqui no Porto, saneou-se um oficial-general que tinha revelado ao País as actividades do E. L. P. e que

lutava contra a conspiração fascista: O brigadeiro Corvacho. Mas em Portugal como no Chile há um povo inteiro capaz de se revoltar e de não se deixar vencer sem luta».

No decorrer do comício, em cuja mesa da presidência se sentaram membros da resistência chilena, da F. S. P., do M. D. P./C. D. E., do M. E. S., da L. U. A. R., da L. C. I. e do P. R. P./B. R. e, também representantes do Conselho Mundial da Paz e do «Comité» do Porto de Apoio ao M. P. L. A., foram lidas diversas mensagens de solidariedade à luta do povo chileno, nomeadamente do CIDA-C E DA DORN do P. C. P.

Todas as vítimas de Pinochet e também do regime franquista espanhol, nomeadamente Otaegui e Garmendia, foram relembrados, tendo o comício terminado sob a palavra de ordem «Portugal não será o Chile da Europa», depois de os presentes cantarem a «Internacional».

NOVOS EMBAIXADORES

Realizam-se amanhã, 13, no Palácio de Belém, as cerimónias de entrega de credenciais dos novos embaixadores da Coreia do Norte e do Egipto, respectivamente senhor Ri Von Bon e general Saad Mohammad El-Shalzly.

As cerimónias que se realizam às 10,30 e às 11,15 horas, serão presididas pelo general Costa Gomes.

MULTINACIONAIS E REPRESSÃO

BRASÍLIA, 12 — (A. N. I.) — O historiador brasileiro Moniz Bandeira escreve, no seu último livro, que diversas companhias multinacionais auxiliaram financeiramente a política de repressão no Brasil.

O livro intitulado «Monopólios e Desnacionalização (experiência Brasileira: 1964-1974)», foi posto à venda esta semana depois de ter sido submetido aos censores do Governo militar.

Escreve em determinado passo o autor: «O apoio das multinacionais à política repressiva do Brasil, como em muitos outros países da América Latina, tem revestido várias formas concretas: «Depois dos militares terem assumido o poder no Brasil em 1964, os americanos e outros capitalistas estrangeiros «começaram a subsidiar directamente a política de combate às forças da esquerda sobretudo depois do surto de guerrilhas urbanas desencadeado em 1969 pelos grupos mais radicais».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO DOS DISTRITOS DE COIMBRA, GUARDA, CASTELO BRANCO E LEIRIA

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES

DOMINGO DIA 14

Todos os sócios do Sindicato poderão votar na mesa de voto do respectivo distrito.

Assim:

Distrito de Coimbra-Mesa 1 — Sede do Sindicato, Rua Visconde da Luz, 34/3.º.

Distrito de Castelo Branco-Mesa 2 - (zona da Covilhã) Sindicato Lanifícios da Covilhã.

Mesa 3 - (zona de Castelo Branco)

Assembleia, Alameda da Liberdade.

Distrito de Leiria-Mesa 4 - Bombarral - Átrio da Fábrica Facamex.

Não faltes no cumprimento do teu dever. Não te esqueças de ir identificado com qualquer documento com fotografia.

AS MESAS ABRIRÃO AS 9 HORAS E ENCERRARÃO AS 18

PELA MESA DA ASSEMBLEIA



MOITA DO RIBATEJO

Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem - 75

3 Extraordinárias corridas de Toiros

SEGUNDA-FEIRA, DIA 15 às 17.30 horas

8 Bravos Toiros das Ganadarias de Dr. Ortigão Costa (4) Manuel e Carlos Veiga (4)

CAVALEIROS

RIBEIRO TELLES e ALFREDO CONDE

ESPADAS

RICARDO CHIBANGA

e

JUANITO MARTINEZ (de Albacete)

FORCADOS AMADORES DA MOITA DO RIBATEJO

QUINTA-FEIRA, DIA 18 — COLOSSAL FIM DA FEIRA PARA APRESENTAÇÃO DO NOVO FENÓMENO

PARREIRITA CIGANO

TODOS OS DIAS, DE MANHÃ, LARGADAS DE TOIROS

TERÇA-FEIRA, DIA 16 às 17.30 horas

8 Preciosos Toiros da Ganadaria dos Éxitos, de António Cabral Ascensão

CAVALEIROS

JOSÉ MESTRE BATISTA e JOSÉ MALDONADO CORTES

ESPADAS

MANOLO CORTES (do 1.º grupo de Espanha)

MÁRIO COELHO

FORCADOS AMADORES DE LISBOA

QUARTA-FEIRA, DIA 17 às 17.30 horas

CORRIDA A PORTUGUESA

6 Bravos e Gordos Toiros da Sociedade Agro-Pecuária do Vale do Sado, Lda.

4 CAVALEIROS

RIBEIRO TELLES MESTRE BATISTA EMÍDIO PINTO CORREIA LOPES

3 GRUPOS DE FORCADOS

Amadores de Lisboa

Amadores da Moita do Ribatejo

Amadores do Aposento da Moita

POVO QUE AMAS A FLORESTA SALVA-A DE MÃOS CRIMINOSAS

Até agora arderam já trinta mil hectáres de floresta portuguesa, número atingido só em anos excepcionais. Os prejuízos são inestimáveis para a economia portuguesa e, consequentemente, para o nosso povo, já que ferindo muito gravemente a indústria madeireira, esta só voltará a ter a matéria-prima de que até agora dispunha quando a área ardida for reconstruída, daqui por algumas dezenas de anos.

contravam a debelar outros fogos.

Esta monstruosa vaga destruidora não será debelada apenas pela boa vontade das populações e dos bombeiros; nem mesmo pelas populações

verem vigilantes, de modo a detectarem não só os fogos no seu início como os incendiários.

Também a Guarda Nacional Republicana, a Força Aérea e o Exército poderão desenvolver importantíssima acção de vigilância e prevenção, dispondo de homens e, sobretudo, de material que as populações civis não possuem.

Assim, a G.N.R. e o Exército, podem empregar os seus homens e as suas viaturas patrulhando as áreas florestais e promovendo operações «stop». A Força Aérea, cuja apatia perante a gravidade da situação tem sido várias vezes apontada pela imprensa regional, poderia utilizar helicópteros e aviões que, voando a baixa altitude, localizariam veículos e indivíduos suspeitos que se movimentassem próximo das matas. Poderia ainda denunciar essas presenças suspeitas às forças terrestres ou contra eles utilizar os seus meios bélicos.

A gravidade da situação, para a qual é absolutamente imprescindível chamar a atenção da população portuguesa e das forças mencionadas, exige mesmo, em nossa opinião, que momentaneamente se desviem para este serviço, caso seja necessário, os helicópteros destinados nos socorros a naufragos ou outros.

Finalmente, é fundamental que os criminosos já detidos ou que venham a ser detectados, sejam rápida e exemplarmente punidos.

A bem da floresta portuguesa, da economia nacional, e a bem da Revolução Socialista!



A profundidade do golpe é de tal modo grande, que os fomentadores da contrarrevolução, os que estão interessados em manter a situação de exploradores do Povo português, não hesitaram em vibrá-lo. Só os que de qualquer modo querem agravar e confundir a situação transitória que actualmente vivemos podem estar interessados em queimar fontes de trabalho, de pão, de bem-estar para todos.

Vários indícios há de que uma organização bem apetrechada está por trás da catástrofe que se abate sobre a floresta portuguesa. A saber: não é só a já famosa avioneta branca sem matrícula, descoberta várias vezes por várias pessoas a lançar focos incendiários, mas uma avioneta (não se sabe se a mesma) com a mesma missão já detectada pelo radar de Paços de Ferreira;

em certas localidades, chegou-se a anunciar o incêndio, tão certo era que ia ser provocado (isto aconteceu em Amarante e Vieira do Minho); mais concludentes ainda são as ameaças que os incendiários deixaram (e deixam) nos acessos das áreas atingidas de que, quando já não houver árvores para queimar, se queimarão as casas. Outros factos ainda levam à conclusão de que as mãos incendiárias obedecem a entidade fantasma que meticulosamente planeou golpe tão doloroso na nossa economia. Por exemplo; o facto de se atearem simultaneamente vários fogos na mesma região; a deflagração dos mesmos nos locais de mais difícil acesso, o que implica combate mais lento e complicado; o reacender dos incêndios quando os bombeiros, as populações e os guardas florestais se en-

agora detentoras dos terrenos baldios, outrora vítima inevitáveis dos fogos. A vaga destruidora só será detida se começar a ser combatida na sua origem, isto é, se as populações mobilizadas e se manti-

Nacional

O repórter
de
serviço

MANUEL GERALDO



AS TRÊS "COMADRES"

Num comboio a caminho da Amadora a conversa entre as três mulheres, que se tratavam por «comadres», despertou-nos a atenção. Dizia uma que parecia ser a «ideóloga» do grupo: «Antes ainda podíamos ver filmes históricos ou românticos. Agora é só esta pouca vergonha do sexo e dos nus». E prosseguiu a sua dissertação divagando sobre o que ela considera ser «a cultura socialista do após 25 de Abril». Sempre em tom recriminatório. Ouvimos e ponderámos. E, em certos aspectos, não deixámos de lhe dar razão.

Vejamos porquê: depois do 25 de Abril as salas de projecção em Portugal, e em particular as de Lisboa e Porto, foram invadidas pelo lixo produzido no mundo cinematográfico em matéria de pornografia e violência. E (claro) para o grande público que, com o Movimento dos Capitães, foi dirigido para aquilo que se demarcou ser uma sociedade rumo ao socialismo, estes filmes «em liberdade» apareceram como algo de progressista. O que naturalmente não corresponde, em

90 por cento dos casos, nem de longe à realidade. Antes pelo contrário. E feito o paralelismo com a «moral» fascista, para numerosos portugueses (à semelhança das três «comadres» a que fazemos referência), o socialismo, a atentar na amostragem, seria «a priori» profundamente «imoral».

E isto porque até agora pouca preocupação existiu, por quem de direito, em explicar as origens e os intuitos perseguidos pela filmografia exibida e a posição de classe (burguesa) dos mandatários dos circuitos de distribuição. Posto que a revolução também ainda não chegou ao cinema. E a abolição da censura apenas acabou por servir os interesses daqueles que durante o fascismo se serviram dessa mesma censura, semeando o obscurantismo e a alienação.

Situação a que urge pôr termo. Utilizando de futuro a liberdade de expressão para a exibição de obras que conduzam efectivamente à construção do socialismo, dele sendo verdadeiramente representativas, e não ao seu aniquilamento.

HOJE NO T.N.T.

Recital de poesia com Joaquín Hinojosa

Realiza-se hoje ao fim da tarde no teatro Nosso Tempo (Praça José Fontana, 12-B), em Lisboa, um recital de poesia revolucionária, com a participação do poeta activista boliviano Joaquín Hinojosa.

A sessão começa às 19 horas, a entrada é livre, e Hinojosa lerá textos de poetas bolivianos, chilenos, e de outras nacionalidades da América Latina.

A sessão, embora um dia depois, assinala a passagem do segundo aniversário da queda e morte de Salvador Allende e do Governo de Unidade Popular no Chile.

Joaquín Hinojosa é testemu-

nha viva desses dias de luto e dor que foram os de 11 de Setembro e seguintes em 1973. Ele estava em Santiago quando a ditadura fascista de Augusto Pinochet e suas forças armadas tomaram o poder, e esteve prisioneiro no Estádio Nacional da capital chilena até fugir para a Europa onde actualmente se encontra assilado.

Para assinalar a vinda a Portugal de Joaquín Hinojosa, a Iberlivro, de Lisboa, acaba de editar um livro do poeta: «Mis versos en el combate», com os poemas que o autor escreveu enquanto prisioneiro no período subsequente a 11 de Setembro de 1973.

No ALGUEIRÃO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na TABACARIA MIMO

ADÓQUE
grupo de teatro

(AO MARTIM MONIZ)

— Telefone 57 42 80 —

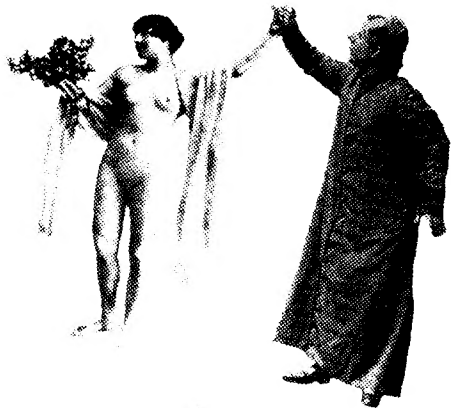
ENCHA O PAPO DE GARGALHADAS
com

**ACIADOS
GARGALHOS**

• A REVISTA QUE DANTAS
NÃO ERA POSSÍVEL!

**ESTREIA
NA SEGUNDA-FEIRA!**

2 SESSÕES: ÀS 20.30 E 23 H.



TEXTO DE FRANCISCO NICHOLSON, MARIO ALBERTO e GONÇALVES PRATO
MUSICA DE JOAQUIM LUIS COMES e BRAGA SANTOS
REALIZAÇÃO PLÁSTICA DE MARIO ALBERTO
COREOGRAFIA DE FERNANDO LIMA
ENCENAÇÃO DE FRANCISCO NICHOLSON

COM

ERMELINDA DUARTE / NICHOLSON / ANTÓNIO MONTEZ / HENRIQUE VIANA / MAGDA CARDOSO
MARIA TAVARES / LIA SENA / FÁTIMA VELOSO / NATÁLIA DE SOUSA / VIRGÍLIO CASTELO
MARIA N'ZAMBI / LUÍSA MACEDO / SILVIA RIBEIRO / TERESA FILIPE / DANIEL FILIPE

(NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS)

SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO CENTRO

(Praça dos Restauradores, 78-3.º — LISBOA)

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea b) do Art.º 31.º dos Estatutos, convoco todos os sócios deste Sindicato no pleno gozo de todos os seus direitos sindicais para a Assembleia Geral Ordinária a realizar na Cantina de Lisboa-P. em 20 de Setembro corrente, às 16 horas, para discussão e aprovação do Relatório e Contas dos exercícios referentes aos períodos:

Ano de 1974
Janeiro a Abril de 1975

Os trabalhos terão início à hora acima referida, com a presença de qualquer número de sócios, de acordo com os nossos estatutos

Lisboa, 10 de Setembro de 1975

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(A) António Joaquim Gouveia

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

SEDE: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73
L I S B O A

CONVOCATÓRIA

SECTOR DE CELULOSE, PAPEL E CARTONAGEM

Convocam-se todos os profissionais do sector em epígrafe para uma Assembleia a realizar no próximo dia 29 de Setembro, das 18 h às 22 h, na sede do Sindicato dos Rodoviários, na Avenida Visconde Valmor, n.º 34-2.º em Lisboa, para votação da integração no sindicato vertical.

A COMISSÃO DIRECTIVA

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Concurso para o 4.º Trimestre de 1975
(Alimentação)

CONCURSO PÚBLICO N.º 3-0094/75 — Batatas
" " N.º 3-0095/75 — Frutas
" " N.º 3-0096/75 — Hortaliças
" " N.º 3-0097/75 — Peixe Fresco ou Congelado e Derivados

Recebem-se as propostas até às 9.30 horas do dia 16 do corrente mês para os mencionados concursos.

Os interessados poderão consultar os cadernos de encargos no Serviço de Aquisições dos Hospitais Cívicos de Lisboa (antigo Instituto Ricardo Jorge, Camo dos Mártires da Pátria n.º 91) em qualquer dia útil, das 9 às 11.30, das 14 às 16 e ao sábado das 9 às 12 até à hora e data marcada para o recebimento das propostas.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Cívicos de Lisboa, em 4 de Setembro de 1975.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
a) Alexandre Pinheiro

MONITORAS E AUXILIARES DE MONITORA

Necessita a Escola de Enfermagem de Faro

GUERRA ABERTA AOS PRÉDIOS INACABADOS

● DESEMPREGADOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL ORGANIZAM-SE EM COOPERATIVAS

Uma longa série de prédios inacabados, por todo o País, é sintoma de um compasso de espera, marcado pelos construtores, ou indício de abandono por quem já não acredita que Portugal regresse aos «bons tempos» do fascismo. Seja como for, os proprietários destas grandes estruturas de cimento armado não tiram proveito do impasse. Como se não bastassem as «ocupações selvagens» para desassossego dos capitalistas, foi criado um grupo esquisito, chamado Movimento Revolucionário das Cooperativas, profundamente alérgico à existência de obras por acabar. Este Movimento não pode ver uma construção parada, que não apareça a fazer perguntas, a querer saber como é, a perguntar como foi, a ocupar quando é caso disso. Os donos das obras de «Santa Engrácia» começam a gemer

Iniciado com três cooperativas, o Movimento representa hoje cinco. São duas cooperativas de electricistas e canalizadores, duas de operários da construção civil, uma de metalúrgicos. Gente saída do desemprego que resolveu unir-se, na esperança de que a união faça a força.

Por objectivos principais, a criação de postos de trabalho e a construção de habitações.

De imediato, eles resolveram fazer os seus orçamentos e apresentá-los aos empresários. Orçamentos sem qualquer hipótese de concorrência: não os move a intenção de grandes lucros mas o interesse de conseguirem emprego para os camaradas (à volta de 80 mil no sector da construção civil). Não resultou. Com o propósito deliberado de boicotar o avanço de trabalhadores que tentam vencer o desemprego, os construtores não aceitaram os orçamentos. Preferem pagar mais caro. Mas rejeitam-nos.

ACABAR OS «INACABADOS»

As circunstâncias aconselharam uma nova forma de luta. O Movimento passou a interessar-se por prédios inacabados, esqueletos de cimento, promessas de habitação, miragens de desespero especialmente para quem vive em barraca de zinco. Depois de se ocuparem de quatro prédios da URBACO (Carnaxide) os homens do Movimento viraram-se para a Reboleira e decidiram dar um sopro de vida a quatro esqueletos abandonados pelo construtor Manuel Lavos André. Após quatro anos de paralisação das obras, meia dúzia de operários dão o seu esforço para levantar paredes, colocar portas, meter janelas, instalar água e luz. Não há dinheiro para materiais nem para lhes pagar o salário, e eles passam um mau bocado.

É saudável o negócio que as cooperativas propõem. De um lado, estão os promitentes compradores de andares (que adiantaram dinheiro e nunca mais o viram, nem aos andares), do outro estão operários que precisam de trabalhar. Haveria apenas que chegar a acordo. E chegaram. Só que o Movimento carece de uma base financeira para o primeiro embate: «Precisávamos de uns dez mil contos para arrancar». Com esta verba garantiriam trabalho a centenas de homens, comprariam materiais, as cooperativas iriam para a frente. Mas não há quem ajude.

que fazer. Estabelecido o impasse que só a burocracia sabe organizar, volta tudo ao princípio: os promitentes compradores «a ver navios» quando querem ver casas; os operários a trabalhar sem verem coisa nenhuma; o problema da (falta de) habitação sempre maior.

O grande responsável pelo imbróglio, senhor Manuel Lavos André reside, ao que se diz, na «Quinta das Andorinhas», na Malveira. A quinta está, cautelosamente, em nome de um filho seu e «vale uns milhares de contos».

Consta que já foram passados mandados de captura, mas

daí a duas ou três semanas haveria 300 a 350 mil desempregados, despedidos de empresas ligados ao ramo. Até parecia que falava com certo regozijo.

OS SENHORES JÁ NÃO DEPOSITAM

Atentos a toda a espécie de manobras que visam, fundamentalmente, o boicote económico, os trabalhadores dão o alarme: os senhorios adoptam nova tática. Até há bem pouco tempo, grande parte dos inquilinos depositava as rendas nos bancos, correspondendo aliás aos interesses dos proprietários. Hoje, os senhorios pedem-lhes que se desloquem aos seus escritórios ou, na alternativa, são eles que se deslocam, ao dia 8 de cada mês, de casa em casa, a fazer a colheita.

A partir daqui, representantes do Movimento propõem que todos os inquilinos sejam obrigados a depositar as rendas no banco, em nome dos respectivos senhorios. «A soma dos depósitos haveria de rondar os 40 milhões de contos por ano». Desenvolvendo a sua teoria, os trabalhadores prosseguem: «No ano em que se construiu mais em Portugal, não se ultrapassou, ainda assim, os 27 milhões de contos. Porque não se há-de investir, agora, digamos 35 milhões?».

Do ponto de vista dos trabalhadores, outra medida revolucionária seria a de obstar a que cada proprietário tivesse rendimentos superiores ao salário máximo nacional. Por estas medidas não seriam abrangidos, porém, os emigrantes-trabalhadores.

CASAS: PRECISAM-SE

No fim do ano passado, as estatísticas oficiais apontavam para 530 mil habitações em falta. Os números tornam ainda mais insólita a existência dos «inacabados», alguns dos quais danificados pelos próprios senhorios, para evitar a ocupação: «O processo consiste em cortar o primeiro lance de escada, ou rebentar o soalho, a canalização, a instalação eléctrica». Há, depois, o caso de prédios cercados de chapas de zinco, a indicar demolição próxima, mas que os técnicos das cooperativas afectas ao Movimento afirmam estarem ainda em boas condições de habitação.

É no conhecimento de inúmeros casos deste jaez que o Movimento Revolucionário das Cooperativas se propõe actuar, no sentido de dar trabalho a homens desempregados e colaborar, com a sua parte, na solução do problema habitacional.

Para já, foi pedida à Câmara Municipal de Lisboa uma relação dos prédios inacabados. O Movimento quer saber como é.



É assim na Reboleira. A construtora Lavos André deixou «inacabados» por toda a parte. Há seis anos que o processo engorda no Tribunal. Os mandatos de captura não funcionam.

VENDER ANDARES DE PAPEL

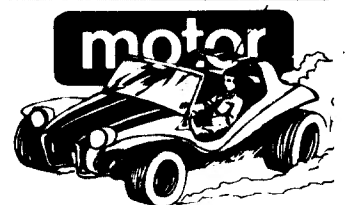
A empresa Lavos André é um caso de burla em tempo de fascismo. Os andares eram vendidos antes de existirem. Vendiam-se no projecto. Não era possível ficar-se indiferente a um projecto feito à escala, certo, colorido, irresistível. Com este mostruário, os agentes de Manuel Lavos André conseguiram vender, só na Reboleira, mais de 30 prédios, por andares. Os compradores ficaram a arder. Foi o que se poderia chamar um caso de fogo sem fumo. Dos trinta e tal prédios nenhum chegou a ser acabado.

Para se resolver o problema iniciou-se agora a volta a um longo circuito, já que o processo Lavos André está no Tribunal. Há muito tempo. Assim, a Comissão de Moradores faz diligências junto da Junta de Freguesia; a Junta pede à Câmara Municipal de Oeiras que dê uma ajuda; a Câmara tenta adquirir os prédios e contacta o Tribunal; O Tribunal tem mais

sempre que lá chega o oficial de diligências, o Lavos André não está. Azar.

DIFICULDADES EM SÉRIE

Entretanto, representantes do Movimento Revolucionário das Cooperativas dizem das dificuldades que vão encontrando, a todos os níveis. E contam, a título de curiosidade, que também o arquitecto Pinto Camelo, do gabinete de Habitação e Urbanização do Ministério do Equipamento Social e Ambiente (IV Governo Provisório) lhes levantou todos os obstáculos possíveis, a pretexto da «insegurança» dos prédios que o Movimento e as Comissões de Trabalhadores tentavam ocupar: «Um dia, ele perguntou-nos que ideia tínhamos sobre a realidade do desemprego. E nós respondemos que os capitalistas tinham grandes responsabilidades pois não investiam e alguns até fugiam do País. Pareceu-nos que ele ficou um bocado chocado. Disse-nos na altura que



AÇORES — 1

O terrorismo da F.L.A. contra a emancipação de um povo

Do nosso enviado especial JOSUÉ DA SILVA

Açores independente ou Açores portugueses. Quer dizer: Açores americanizado de F. L. A. em riste, mantendo os estigmas da exploração do homem pelo homem, ou Açores sem F. L. A., isto é, marchando com ou sem Portugal mas a caminho de uma verdadeira etapa de futuro: o socialismo. Na realidade, porém, (um pouco como está acontecendo cá pelo Continente) o que se revigora, o que deteriora a esperança de um povo, é a jogada de uma certa injustiça histórica: a F. L. A. (Frente de Libertação dos Açores) não é um movimento popular, bem pelo contrário. E, no entanto, por circunstâncias a que não são alheias determinadas ingenuidades estrangeiras mais ou menos encapotadas (em História, nada é casual), a F. L. A. tem os Açores na mão. Com sinais de potentado inviolável: expulsa das ilhas os elementos dos partidos progressistas, saqueia, incendeia, quase mata — lá chegará. Ainda no passado sábado, fez com que, na cidade da Horta, fosse atirado para bordo de um avião, **apenas com a roupa que tinha no corpo**, o delegado do Ministério do Trabalho ali enviado para solucionar alguns problemas dos trabalhadores locais. A F. L. A. espioha, controla (telefones e correios), vigia, ameaça impunemente. Ao perguntarmos, em Angra do Heroísmo, a um oficial das F. A. porque não se actuava contra esta negregada facção do colonialismo norte-americano em terras açorianas, respondeu-nos:

— As Forças Armadas portuguesas não têm nada contra estes **patriotas**. (Sic).

A F.L.A. NÃO É UM FANTASMA

Pensar-se que a F. L. A. não passa de um fantasma erguido por certas franjas reaccionárias das ilhas açorianas, tirar-lhe a força que possui, menosprezá-la como um movimento sem importância, é um erro tremendo. A F. L. A. é a própria reacção, pessoalizada e alicerçada numa organização toda poderosa. A quem não faltam, nem apoios estrangeiros, nem notáveis **reservas** financeiras, alimentadas pelo espírito (e pelo dinheiro) americano dos seus emigrantes nos Estados Unidos. São reais indicativos dessa organização e desse poderio económico, a enorme toalha de propaganda subversiva com que cobre o arquipélago, o teor arrogante dos seus comunicados, o anúncio da formação do E. L. A. (Exército de Libertação dos Açores), a manutenção da estação de rádio-pijata através da qual, às segundas, quartas e sexta-feiras de cada semana, imperitavelmente, das 20.00 às 20.30 (hora local) emite os seus comunicados mentirosos, a sua demagogia perniciosa, a sua **nova ordem** de estilo meramente nazi. Realiza o estado de sítio, faz ameaças, espalha uma espécie de terror branco entre as populações. E isto diante da passividade das autoridades locais. E isto quando, embora dizendo-se em clandestinidade, perfumados «condottieri» da F.L.A. se passeiam descaradamente nas ruas de Ponta Delgada, Angra

do Heroísmo, Horta, etc.. (Só não entram em S. Mateus, na ilha Terceira, porque aí espera-os porrada de criar bicho. Mas falaremos de S. Mateus e do movimento anti-F. L. A. mais adiante.) A F. L. A. não é pela independência dos Açores: é contra a emancipação real de um povo.

TUDO F.L.A.: MENOS O POVO

Numa notícia que enviamos desde os Açores para Lisboa no passado dia 3 do corrente, apontámos o pormenor de as milícias do E. L. A. contarem com alguns oficiais das guardas militares do arquipélago, além dos civis incorporados, sobretudo ex-comandos e «páras» vindos da guerra de África. A nossa fonte de informação achava-se bem baseada. Oslavadores, mormente os latifundiários de S. Miguel e grande parte dos pequenos e médios agricultores das restantes ilhas, enganados pela verrinosa propaganda anticomunista (que joga sempre as mesmas cartadas, ou seja, despojamento de terras e de bens, roubo de filhos e de filhas, morte violenta de velhos e crianças, etc.), estes lavradores, diziamos, também alinham com a F. L. A.. Igualmente parte dos comerciantes açorianos, mas em muito menos proporções. Os burgueses das cidades e vilas. Os intermedeários. Os chulos e desordeiros. Os parasitas. Uns, por pura ignorância. Outros, por puro

po por conta de outrem, os pequenos empregados das cidades e vilas, os motoristas, os administrativos que, apesar de tudo, se apercebem, nem que seja por instinto, do que aquele movimento representa contra os seus interesses de clas-

reaccionários e dos mais reaccionários, visto que só encontramos estas duas escalas de valor) dizer que mentimos. Afirmar que nem toda a gente gráuda dos Açores está com a F. L. A.. Gritar que até há quem defenda a autonomia em



Inscrições como esta vêm-se aos milhares por todos os Açores. A demagogia assim sai mais barata. E sempre dá nas vistas

se explorada, sacrificada, violentada? Onde é que a F. L. A. os mete? Pois na capa do terror da ameaça (anónima ou directa, consoante as circuns-

vez da independência, quem não concorde com os chamados movimentos de libertação, neste caso, **movimento de escravização**. Em aparência exis-

vigaristas.

Escusado será acrescentar que são muito poucos os testemunhos de gente anti-F. L. A. que nos deram o seu nome. O medo impera. A violência tem várias caras.

Também nós somos capazes de alinhar por um verdadeiro movimento de independência. Achamos que todos os povos têm o direito a gerir o seu destino. Mas entenda-se os movimentos de independência a partir de coordenadas de poder popular: Guiné-Bissau, Moçambique, Angola com o M. P. L. A., S. Tomé e Príncipe. O Vietnã, a Coreia do Norte. O Chile de Allende. E por aí fora. Nunca através de cedências que comprometam o futuro dos povos, o seu caminho histórico, a emancipação do proletariado. Nunca para que continuem, como acontece com o sr. José Henriques de Angra do Heroísmo, a existir homens que sugam outros homens para manterem os seus altos requintes e belos privilégios.

Tivemos, neste contacto com o bom povo açoriano, a prova real da prepotência da F. L. A..

Fomos coagidos, ameaçados, seguidos ostensivamente para onde quer que nos movimentássemos. A Gestapo renascida. A Pide dos cafés e ruas das cidades portuguesas de antes do 25 de Abril. De resto, basta parar nos Açores por umas horas, para nos darmos conta de como as pessoas se comportam: só os que dizem bem da F. L. A. ou os que dela são simpatizantes, podem falar alto. Os restantes, conversam em sussurro, o olhar espantado em torno sempre à espera do esbirro de pupilas coruscantes ou da ameaça violenta.

Cena na Praça da Restauração de Angra do Heroísmo. Em serviço, aproximando-nos de um transeunte, **homem do**

povo, e de micrófone em punho, inquirimos várias coisas: sobre a possível autonomia dos Açores, as dificuldades dos trabalhadores locais (o nosso entrevistado pertence ao ramo da construção civil), até aos movimentos de independência. Aqui, o nosso homem responde, abanando a cabeça:

— Eu não concordo com a independência...

— E que nos diz da F. L. A.?

O homem baixa os olhos para o empedrado da rua, mira em redor, dá um passo atrás. E já em plena fuga (em pleno pânico?), murmura:

— Eu não sei nada dessas coisas.

A TAL IMPRENSA «PATRIÓTICA»

Onde estavam os srs. da F. L. A., os «heróicos defensores do povo açoriano», os «lídimos encorajadores da ideia nobre da independência», antes do 25 de Abril? Algum deles terá «currículo» na ex-Pide? Algum deles se levantou um dia contra a opressão que os sátrapas Salazar e Marcelo faziam cair sobre a cabeça dos seus conterrâneos? Não. Beijavam o rabo ao regime odiado e recebiam os embaixadores fascistas com salamaleques e prendas de real valia. Vê-se, por exemplo e bem claramente, os restos dessa bacoquice criminosa (criminosos porque alimentava os atentados do regime contra o povo açoriano), neste artigo de um jornal de Angra, chamado «A União», publicado no dia da nossa chegada àquela cidade, 26 de Agosto de 75, em primeira página e do qual apenas transcrevemos parte, visto que reaceamos, se o mostrássemos por inteiro, vir a cusar vômitos ao nosso leitor:

«O 28 de Maio de 1926 teve a sorte de encontrar um homem. O homem que encarnou concretamente o pensamento e o ideal da revolução de Gomes da Costa.

«Esse homem envelheceu, cansou e cristalizou, como aliás tudo envelhece, cansa e cristaliza. Mas foi um homem.

«O 25 de Abril teve igual sorte. Encontrou um homem. Foi Palma Carlos.

«Mas o M. F. A. teve a infelicidade de o mandar embora, ou melhor, o mau gosto de não ter sabido aproveitar as suas grandes qualidades de estadista emérito.

«E não apareceu outro. É por isso que as F. A. andam à nora à procura de um homem capaz de assumir com senso, rectidão, isenção e equilíbrio as responsabilidades pesadas do ideal democrático da Revolução de Abril de 74».

E prossegue o «brilhante» articulista de «A União», de Angra do Heroísmo:

«Parece que os governos do 25 de Abril precipitaram demasiado os acontecimentos, ou não souberam travá-los a tempo, e foram na voragem.

«Razão tinha o ex-general Spínola quando preconizava uma descolonização mais lenta e segura. Se a opinião dele tivesse prevalecido, o Governo não estaria a braços com as tremendas dificuldades e responsabilidades dos trágicos acontecimentos de Angola e de Timor».



Um açoriano fala para a nossa reportagem na P. da Restauração em Angra: «Independência? Bom... há que ver em que situação, pois isso envolve muitas responsabilidades».

oportunismo. Outros ainda por não saberem em que águas se banham. E no alto de toda esta confusão, a cúpula da F. L. A., protagonizada pelos ricos de S. Miguel e de Angra e por vários ex-açorianos-americanos-raizados nos E. U., desenraizados nos Açores, mas dispostos, como quaisquer vulgares agentes da C. I. A. a minarem o terreno para verem implantado no solo, agora nem sequer pátrio verdadeiramente, o símbolo do capitalismo «made in U.S.A.».

E o POVO? Sim, onde metem os srs. da F. L. A. os pescadores, os operários das fábricas de S. Miguel e da construção civil, os trabalhadores do cam-

tâncias), na camisa de onze varas do medo quotidiano à perda do pão, da segurança, da vida. E é exactamente por estar contra o povo, e é exactamente por não ser um movimento popular e, por isso, ter receio dos autênticos movimentos populares, que a F. L. A. expulsa dos Açores todos os quantos defendam as classes mais desfavorecidas. Para que as coisas retornem (se não retornarem já) ao «antes do 25 de Abril».

A PROVA NO CORPO E NA ALMA

Virão os escribas dos pasquins açorianos (dos menos

tem estes laivos de portuguêsismo em segunda-mão, estes resquícios de casos de consciência. Mas somente na aparência, na superfície. Porque quando descemos à **nudez crua da verdade**, como acontece nesta nossa estadia nos Açores, verificamos, muito facilmente, como quase todo esse aparato de não envolvimento é mentira. E se queremos ver em que escala da sociedade açoriana a F.L.A. é odiada, obrigando-nos-emos, como fizemos em Angra e noutros pontos, a falar com o **homem da rua**. Assim, da boca de um motorista de táxi, escutámos as seguintes palavras recolhidas para o nosso gravador:

Nacional

COMISSÕES DE TRABALHADORES PREPARAM OFENSIVA POPULAR

Quarenta comissões de trabalhadores da cintura industrial de Lisboa elegeram, ontem, um secretariado para organizar uma vasta iniciativa de massas operárias e trabalhadoras contra as forças reaccionárias e pelas conquistas já alcançadas, assunto que será tema de uma conferência de imprensa, a dar pelo secretariado esta tarde, pelas 18 horas na firma J. Pimenta, ao Marquês de Pombal.

O secretariado provisório para a organização desta ofensiva operária foi eleita nas ins-

tações da Copan. «Perante a grave crise político-militar que o País atravessa», explica o secretariado «em que as forças de direita continuam a organizar-se, pondo em perigo a continuidade da Revolução e as conquistas já alcançadas, não pode a classe operária e as massas trabalhadoras ficarem alheias a estas ameaças, impondo-se uma resposta pronta.»

Sublinhe-se que, desde o agudizar da crise no aparelho

de Estado e do poder militar, as grandes lutas de rua dos trabalhadores têm sido encaixilhadas e organizadas pelas estruturas de poder popular — comissões de moradores e de ocupantes, de trabalhadores, de soldados, etc. — secundados pelos partidos que lhes têm declarado o seu apoio. De outros sectores há igualmente a registar propostas de mobilização revolucionária dos trabalhadores, sendo possível prever novas descidas à rua da classe operária e dos seus aliados.

ASSALTO AO B.P.A. RENDEU 5 080.050\$00

Foi de 5 080 050\$00 (cinco mil e oitenta contos e cinquenta escudos) o balanço do assalto à dependência do Banco Português do Atlântico, em S. Sebastião da Pedreira, levado a efeito pelas 9 horas da manhã de ontem. Trata-se de números exactos fornecidos pela gerência do B.P.A.

Informações obtidas posteriormente dão como certa a utilização de duas pistolas metralhadoras e de duas pistolas de guerra (uma «Walter» e uma «Parabellum»).

Segundo trabalhadores do banco, os assaltantes eram cinco ou seis, não mais, todos de rosto descoberto, à excepção de um. Na cabeça usavam «quicos». As suas idades foram calculadas entre 20 e 30 anos, notando-se que agiam com certo à vontade.

Contrariando o depoimento de um popular, que dissera à nossa reportagem ter visto uma senhora apanhar dinheiro espalhado pelo chão e fazer a sua entrega a um funcionário, que, por seu turno, fora obrigado a entregá-lo aos assaltantes, os trabalhadores refutam esta versão. «Se a tal senhora tinha essa idéia, ela foi, concerteza, interceptada antes de conseguir contactar o funcionário, o que, aliás, na altura era impossível».

Também a versão de que

não houvera qualquer tipo de reacção, durante o assalto, é inexacta, segundo os trabalhadores. O que se passou foi que qualquer movimento por parte dos funcionários era seguido atentamente pelos assaltantes que, ao menor gesto, assumiam atitudes ameaçadoras. Perante um breve movimento «em falso» um deles viria a bater violentamente com uma matraca próximo do infractor que tentara levantar a cabeça.

Aliás, e de acordo com declarações do gerente da dependência do B.P.A., os assaltantes pretendiam justamente

que os funcionários mergulhassem as cabeças nos tampos das secretárias. Como não faziam, por acordo certamente estabelecido entre o bando (limitavam-se a soltar grunhidos) chegaram a segurar a cabeça de um ou outro funcionário, fazendo-o dobrar-se e mostrando assim aos restantes o procedimento a seguir.

De notar que o cofre não estava aberto quando os assaltantes entraram no banco. Foram eles que, sem palavras, mas apontando insistentemente com as armas para o cofre, obrigaram à sua abertura.

M.E.S. CONTRA DECISÕES DO C.R.

«As decisões tomadas pelo Conselho da Revolução mostram que no seio do M.F.A. e das Forças Armadas os reaccionários, os direitistas e os sociais-democratas ganham posições», afirma-se num comunicado do MES, Movimento da Esquerda Socialista, emitido ontem em resposta às primeiras medidas promulgadas pelo C.R. após a reunião de Tancos.

Referindo-se à lei constitucional, que impede a divulgação de notícias de carácter político-militar, o comunicado do MES classifica-a como «destinada a silenciar a voz dos soldados, marinheiros, sargentos e oficiais progressistas e revolucionários», acrescentando que «não é a imprensa burguesa, não são os meios de comunicação social na mão da contra-revolução, nem sequer aqueles que frequentemente lhe fazem o jogo, que constituem o alvo desta medida repressiva». «Não nos iludamos, diz o comunicado, os protestos de jornais como «A Luta», o «Expresso» ou o «Jornal Novo» são protestos burgue-

ses; os repúdios de partidos como o CDS, o PPD ou o PS, são repúdios de classe».

O comunicado comenta ainda a decisão do C.R. de encarregar «uma comissão presidida por um oficial como Vasco Lourenço, e integrado por oficiais nomeados pelos chefes dos Estados-Maiores, de reestruturação da Assembleia do M.F.A.», acentuando que tal facto significa que a «entregou nas mãos dos que querem dissolver o M.F.A. nas estruturas burguesas das Forças Armadas». Diz ainda o comunicado do MES:

«Não nos iludamos: se a classe operária, as massas populares e os militares revolucionários não se unirem contra a ofensiva social-democrata que arrasta consigo o fascismo, a estas medidas seguir-se-ão a intensificação dos saneamentos de militares progressistas, a destruição das estruturas democráticas nas FFAA como as ADUS, a repressão sobre os órgãos de Poder Popular e a consolidação de um poder político-militar reaccionário, medidas aliás já apontadas por oficiais «democratas» como o capitão Castro».

Bolsas de estudo de enfermagem

Até 15 do corrente, está aberto concurso para a concessão de bolsas de estudo a alunos dos cursos de enfermagem, nas condições do regulamento em vigor sobre o assunto. Todos os esclarecimentos podem ser obtidos na sede da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro.



PORTO RICO DE GENTE POBRE

(Especial para o «DL») — Portugal, Chile e Vietname foram recebidos de pé, e sob aplausos intensivos, na Conferência de Solidariedade a Porto Rico. Na última sessão de trabalhos foi aprovada por unanimidade uma moção que reprodizimos parcialmente:

«Portugal não pode ser o Chile da Europa. Todos, como nós, que persistem em expressar a nossa firme solidariedade a um povo que durante 48 anos lutou contra a ditadura fascista, e que recebeu com entusiasmo o processo revolucionário iniciado em 1974, têm um apelo solene a fazer: que se intensifique a solidariedade com as forças democráticas de Portugal contra a ofensiva imperialista e reaccionária.»

Afirma-se ainda na moção que deve ser condenada «a exacerbada histeria anticomunista, assim como as aspirações do imperialismo e da reacção para dividir as forças democráticas portuguesas.»

E a moção finaliza com as seguintes palavras:

«Os participantes da Conferência Internacional de Solidariedade com a Independência de Porto Rico, reunidos em Havana em Setembro de 1975, declaram que sempre estarão ao lado do povo português na luta contra o regresso do fascismo.»

ESTERILIZAÇÃO FEMININA

A sessão final não se efectuou nos modernos salões do Hotel Habana Libre, onde tinham decorrido todos os trabalhos da Conferência, mas numa grande escola-piloto a 60 km da capital. Significativamente, a nova unidade escolar cubana tomou o nome de Escola Pedro Albizu Campos, herói porto-riquenho falecido nas prisões norte-americanas.

Trezentos delegados de 79 países representados na CISIPR analisaram as formas de colonialismo e de genocídio praticadas pelos Estados Unidos em Porto Rico, oficialmente rotulado pela política norte-americana «não como país independente mas como Estado Livre Associado».

Foi salientado que Porto Rico «é uma colónia que consome o que não produz e produz o que não consome.»

E mais:

«Um território onde cerca de 35 por cento da população feminina em idade de procriar foi esterilizada numa operação massiva de planificação familiar.»

ALGUNS NOMES DE QUEM LUTA

Foi ainda referido que naquele país «menos de 20 por cento dos habitantes absorve mais do que metade do rendimento bruto e que mais de 40 por cento dos nacionais se encontram emigrados nos Estados Unidos, por força de uma economia dependente, deformada e inflacionária.»

Política económica e socialmente asfixiada pelo imperialismo «yankee», Porto Rico so-

fre igualmente de uma ignominiosa colonização cultural, como comprovaram diversas intervenções dos delegados à Conferência, tendo o próprio presidente Dórticos sublinhado que naquele território a língua espanhola esteve e continuava a estar a ser segregada pelo ensino do inglês.

Estas e outras formas de subjugação, de que a repressão policial é o grande suporte, trouxeram o «caso de Porto Rico» ao primeiro plano internacional e chamaram a atenção para os democratas encarcerados nos presídios americanos e porto-riquenhos.

«Exigimos a liberdade imediata e incondicional dos patriotas Lolita Lebrón, Oscar Collazo, Cancel Miranda, Irving Flores, Andrés Cordero e outros presos políticos existentes» — afirma-se na Declaração Geral da CISIPR.

Trabalhadores da C.R.G.E. exigem libertação de Garmendia e Otaegui

LISBOA, 12 — (ANI) — A Comissão Geral de Trabalhadores e a Comissão Sindical das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade enviaram o seguinte telegrama à Embaixada de Espanha:

«Trabalhadores das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade orgulhosos do País que no mundo primeiro aboliu a pena de morte exigem em nome dignidade e direitos humanos suspensão penas Garmendia e Otaegui e libertação imediata dos mesmos.»

Entretanto, as Companhias Reunidas de Gás e Electricidade cederam à Comissão Democrática Administrativa da Junta de Freguesia de Carnaxide e às comissões de moradores da zona de Algés, a utilização do

seu imóvel na rua Ernesto da Silva, em Algés, para instalação e funcionamento de uma escola primária ou jardim de infância. A CRGE considerou que o imóvel, que antes servia de residência a um técnico da empresa, deveria ser colocado ao serviço da comunidade, pois assim se inseria mais adequadamente no processo de transformação social.

Na zona, existe grande carência de instalações para equipamentos colectivos de apoio social.

A Junta de Freguesia e as comissões de moradores vão, de colaboração com a Câmara Municipal de Oeiras, promover o apetrechamento da escola, que deverá entrar em funcionamento imediatamente.

Em ALTER DO CHAO o DIARIO DE LISBOA vende-se na TIPOGRAFIA TRIUNFO, Rua do Álamo, 12



adoça
sem engordar

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais,
1-A - 1-B — T. 661515
OS CÓMICOS
apresentam
A NOITE DOS ASSASSINOS
De terça a sábado,
às 21.15
Domingos e feriados,
às 18.30
Preço único: 30\$00
Não acons. a menores
13 anos

PI DE LA SERRA

"TRÊS OU QUATRO PALAVRAS, TRÊS OU QUATRO NOTAS E SAI UMA CANÇÃO"

Pi de La Serra, cantor catalão, esteve em Lisboa. Cantou na Aula Magna da Reitoria para um público jovem, estudantil, de várias nacionalidades. As ovações mais expansivas que se ouviam na sala, enquanto Pi cantava, era em castelhano. Pi significa para certa gente de Espanha qualquer coisa de subterrâneo, entranhado em cada um. Uma forma de cantar, uma maneira de estar no Mundo que exige dignidade.

Pi de La Serra canta sempre em catalão. Essa é a sua língua, a sua cultura, a sua opção. Aliás, ele próprio nos confessou que falava muito mal castelhano. Em conversa, suscitada por circunstâncias «alheias à nossa vontade», afluíram alguns pontos. Certos pontos. Coisas tão simples que acabaram por se tornar complicadas. Sem esquemas, nem ordens, fomos falando naturalmente. Em circuito fechado andámos à volta da canção, das palavras, da cultura, do meio em que o homem se inscreve.

A expansão da cultura na Catalunha é um caso antigo. Há uma tradição cultural forte. Ao contrário do que acontece em Castela, onde não existe uma infraestrutura-burguesa expansionista, na Catalunha

lhes permitem apenas o acesso a um público restrito. Para se cantar em Espanha é necessário ultrapassar uma barreira de obstáculos de carácter burocrático.

E não só. Há uma censura

lha que comportasse dezenas de milhares de pessoas era-nos recusada a licença.

Pi de La Serra, esboçando um sorriso que não chegou a ser sorriso, acrescenta Bem... Eu não gostaria de dar uma visão dramática da canção em Espanha...

A vida das pessoas é sempre marcada por um «antes» e um «depois». O «antes» para Pi de La Serra foi o quotidiano vulgar de um filho de família. Fez os estudos secundários. Cumpru o serviço militar. Trabalhou numa agência de publicidade. Hoje é um profissional da canção. De um tipo de canção que também se consome.

Estou perfeitamente de acordo. A canção também se consome, mas não da mesma forma como se consome um cigarro. Se me perguntar para que serve a canção, acho que acima de tudo deve servir para ajudar as pessoas a libertarem-se...

O repórter não crê que seja assim. A libertação passa por conflitos interiores que nunca podem ser despoletados por uma canção. Nem sequer é uma arma contra a burguesia como pretendem os políticos que cantam. Depende do estado de espírito daqueles que a escutam, dos valores socioculturais adoptados pelo indivíduo que funciona como componente de um público. Do momento. Do clima gerado em cadeia. Que começa no «artista» e termina envolvendo os espectadores.

Eu acho que a canção não serve para muito... Porém ao alcance de toda a gente. Pensando bem eu não faço música nem poesia — e, como diz Brassens, três ou quatro palavras, três ou quatro notas e sai uma canção. No entanto, «Grândola, Vila Morena» teve uma função importante talvez devido a uma série de circunstâncias.

Nota-se nas canções de Pi de La Serra uma forte influência dos «blues». Como se explica que uma música bem demarcada pelas condições de vida dos negros americanos seja a expressão rítmica mais significativa de um intelectual da Catalunha?

É verdade tudo isso. Segui esse caminho. Não sei como apareceu em mim a inclinação para os «blues». Até nem falo inglês. Não sei sequer o que dizem as palavras. É o ritmo que me agrada. Aliás não temos música folclórica na Catalunha. E eu gosto muito da música feita, pelo povo autêntico.

Que temas tratam as suas canções. Pi de La Serra?

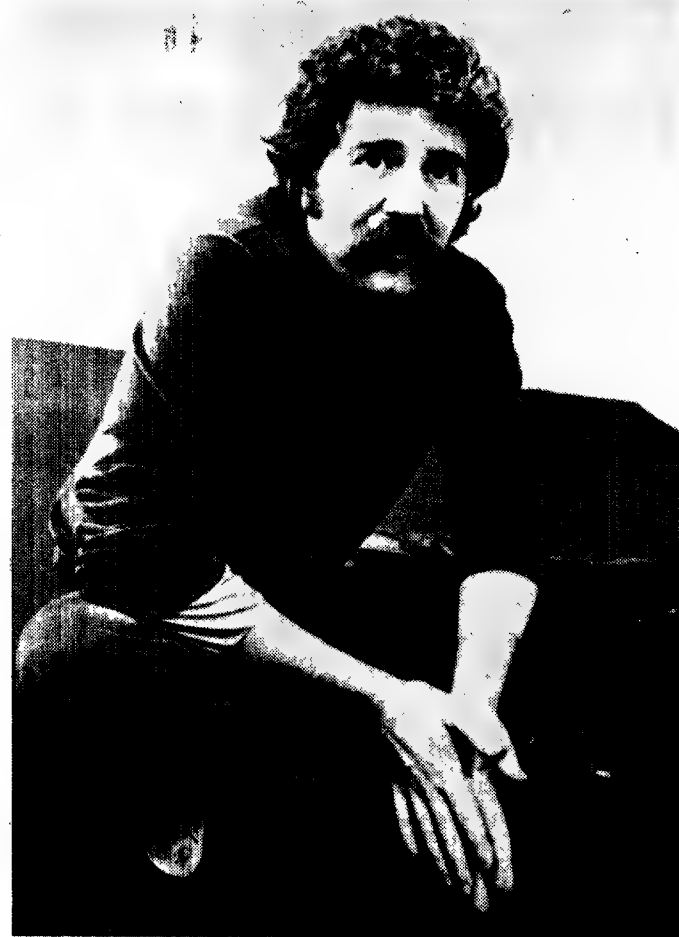
Eu tenho um tipo de trabalho bastante intuitivo. As canções que faço são geralmente histórias com um protagonista que reflectem aspectos da vida quotidiana. Há algumas de carácter imaginativo e outras ligadas a um determinado mo-

mento. Ao fim e ao cabo podem-se considerar... satíricas. Não sei explicar. Não sou a pessoa indicada para falar disso.

Apesar do catalão não ser uma língua acessível aos estrangeiros, tem-se a impressão de que as palavras das canções de La Serra são simples de fácil entendimento. Mas...

Não. É esse o meu problema. Gostaria de conseguir dizer as coisas da maneira mais simples possível. Aliás eu próprio sou complicado. Tento criar canções de maneira crítica. Acho que uma canção instrumentalizada por certos motivos é muito discutível...

O movimento da canção política portuguesa, antes do 25 de Abril, correspondia a uma necessidade de comunicação. De passar a palavra de ordem. De quebrar um silêncio.



Sobre esse movimento, Pi de La Serra tem uma ideia muito concreta.

Creio que a canção surge paralelamente a uma situação política. Não podemos esquecer que a cultura vem sempre depois de se ter conquistado o direito à comida e à igualdade. O País está a começar a

fazer-se e a cultura vira numa fase posterior.

Pi de La Serra cantou para os estudantes. Cantou para os trabalhadores rurais de uma herdade colectiva. Cantou para os operários do Barreiro. E agora vai actuar na festa da «Humanité» em Paris. Esta é a sua opção.



encontram-se raízes que apesar de tudo nunca foram asfixiadas. No século XVI falava-se catalão no Vaticano. Nos anos 30 criou-se na Catalunha o modernismo. As manifestações artísticas, tanto no aspecto literário como plástico ou musical, surgiam em Barcelona com características muito específicas.

O movimento da canção em que Pi de La Serra se insere nasceu há 13 anos. A ele pertencem e nele resistem Maria Del Mar Bonet, Ovidi Montllor, Raimon, Luis Llach e outros nomes menos conhecidos. São uma «elite» na medida em que os condicionamentos impostos

de texto e os trâmites administrativos. Há uma licença concedida de acordo com o local e a região em que se canta.

Por outro lado, a intoxicação planeada do público leva-o a aderir a Rafael, a devorar as histórias aos quadradinhos da Corin Tellado ou gritar histericamente na praça de toiros.

No entanto (afirma Pi de La Serra) podemos dizer com segurança que somos populares. Cantamos em bairros operários e noutros locais frequentados por um público estudantil. Movemo-nos num círculo diferente do da canção comercial. Se nós quiséssemos cantar num estádio de futebol ou num pavil-

A JAMEC EM LUTA:

UMA GARAGEM OCUPADA CONTRA O DESEMPREGO

Queremos melhorar as condições de trabalho, reestruturar a empresa e criar mais postos de trabalho, que a luta é contra o desemprego. Palavras de um dos ocupantes das instalações da Sociedade de Transportes Jamec, Lda., empresa de carros de aluguer e

indemnização, mas continuar com trabalho, e se possível alargar os postos de trabalho, decidimos ocupar a empresa que continua a funcionar normalmente, embora não em pleno, como pretendemos que se faça» — explica-nos, na garagem da Rua Visconde de San-

mana, a substituição da gerência, mesmo por alguém que seja da confiança do patrão, mas que não este, uma vez que não lhe reconhecem idoneidade. Outra exigência refere-se à substituição dos dois encarregados, que não apoiam a sua luta e que, segundo disseram à nossa reportagem, têm outras fontes de rendimento. Os contactos com o patrão, para se encontrar um ponto de acordo, têm decorrido através de intermediários seus, sem que, no entanto, até agora, se perceba uma solução próxima. Apesar disso, os trabalhadores em luta consideram que a ocupação está a decorrer com bons resultados e esta não terminará enquanto não existirem condições de segurança no emprego.

No caso de não haver um acordo, isto mantém-se ocupado, dia e noite. Estamos a laborar tal como dantes. A nossa intenção é melhorar o trabalho e aumentar, logo que possamos, os postos de trabalho. Outra medida que pretendemos pôr em prática é o funcionamento a cem por cento da estação de serviço, o que dará emprego a mais uma pessoa. A luta é empregar pessoas que estão desempregadas — afirma um dos empregados. Mas, na verdade, nem tudo está como dantes. O patrão está fora da loja e, lutando, os trabalhadores ganharam força suficiente para discutir em pé de igualdade. Não é dia santo na loja: os quatro táxis e os doze carros de aluguer lá estão a funcionar, por decisão dos trabalhadores.



Na Jamec, três dos ocupantes falam da sua luta contra o desemprego

de táxis de Lisboa, ocupada pelos oito trabalhadores a partir do dia 6, face à ameaça de desemprego.

Embora a luta da Jamec não seja recente, o ponto crítico da ocupação surgiu agora, devido aos trabalhadores terem sido informados pelo patrão de que este pretendia vender as viaturas da firma, transaccioná-la e, para tanto, despedir os empregados. Assim aconteceu no dia 31, altura em que o caso mudou de figura. «Como o nosso interesse não era receber uma

tarém, um dos assalariados ocupantes. O patrão está fora da loja, mas dentro desta não é dia santo: os táxis continuam em serviço e o aluguer de carros (sem condutor) continua a fazer-se. Os trabalhadores dizem que é possível pôr mais dois táxis a funcionar, que estão parados por desleixo da administração. Serão mais quatro postos de trabalho a abrir.

Os ocupantes exigem, como o fizeram já em reunião no Ministério do Trabalho, esta se-

Estrangeiro

AS MEDIDAS APROVADAS PELO V GOVERNO DEVEM SER PROMULGADAS EM BREVE

O Presidente da República deve, em breve, promulgar a maior parte dos diplomas legais aprovados pelo V Governo Provisório, que se revelou o mais profícuo de quantos estiveram em exercício desde o 25 de Abril de 74. Com efeito, dos sessenta diplomas aprovados pelo último gabinete do general Vasco Gonçalves, apenas cinco foram até agora promulgados pelo Presidente da República e publicados no «Diário do Governo». Este facto, segundo uma nota emitida pela Presidência do Conselho de Ministros, deve-se exclusivamente «ao empenhamento do sr. Presidente da República na resolução da actual crise político-militar, esperando-se que, ultrapassada esta, os diplomas, dada a sua importância, passem a ser promulgados a ritmo normal».

Nos diplomas que aguardam promulgação, estão, entre outros, os que nacionalizam a CUF, e a indústria cervejeira, o que altera o código da contribuição industrial, o que regula o acesso ao ensino superior, o que reajusta os vencimentos da função pública e o que autoriza o Ministério das Finanças a determinar a fusão de duas ou mais instituições de crédito nacionalizadas.

têm assinalado como principal característica do V Governo Provisório a sua grande actividade legislativa, revelando ao mesmo tempo estranheza pela falta de promulgação por parte do senhor Presidente da República dos diplomas aprovados.

Para esclarecimento da opinião pública informa-se que o senhor Presidente da República tem promulgado a ritmo quase normal os diplomas aprovados pelo V Governo Provisório.

existente na promulgação e insistentemente referido por certos órgãos de Informação com intuídos especulativos, deve-se ao natural empenhamento do senhor Presidente da República na resolução da actual crise político-militar, esperando-se que, ultrapassada esta, os diplomas, dada a sua importância, passem a ser promulgados a ritmo normal.

O comunicado apresenta depois a lista dos diplomas que contemplam algumas das medidas importantes tomadas pelo V Governo Provisório, assinalando com (A) os diplomas já promulgados e publicados em Diário do Governo:

- Nacionaliza as empresas cujo único objectivo social é a exclusiva distribuição, no continente, dos produtos da Sociedade Central de Cervejas;
- Nacionaliza os Estaleiros Navais de Setúbal, S. A. R. L.

De sessenta diplomas importantes somente cinco publicados

- Setenave e os Estaleiros Navais de Viana do Castelo (A)
- Nacionaliza a indústria cervejeira (SS. C. C. CUPF, a Cergal, a Copeja, a Imperial);
- Nacionaliza a Sociedade de Gestão e Financiamento S. A. R. L. Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes S. A. R. L.;
- Nacionaliza a Companhia União Fabril S. A. R. L.;
- Altera o código da contribuição industrial;
- Declara em crise o sector da Imprensa Diária (A);
- Dissolve a Agência Noticiosa de Informação;
- Lei orgânica do Ministério do Planeamento e Coordenação Económica (A);
- Reestruturação e reconversão do sector «Publicidade»;
- Cria a Junta Administrativa e de Desenvolvimento Regional (Acores) (A);
- Regulamenta o acesso ao ensino superior;
- Define os princípios a que devem obedecer as delegações e subdelegações de competência;
- Cria uma comissão instaladora para gerir o I. R. A. N. (A);
- Extingue a Enfiteuse;
- Altera o Código do Processo Civil, instituindo o júri para o julgamento dos crimes mais graves;
- Afecta certas receitas, antes pertencentes às autarquias locais, ao financiamento das cooperativas e associações de moradores constituídas com o

- objectivo de promover as ocupações das zonas degradadas;
- Reajusta os vencimentos da função pública;
- Reduz os vencimentos do Presidente da República e membros do Governo;
- Altera o imposto sobre sucessões e doações;
- Definição do sector público e sector privado;
- Fixa e regulamenta o vencimento máximo;
- Institui o controlo organizado da produção pelos trabalhadores;
- Aprova o Estatuto do Instituto das Participações do Estado;
- Aprova o Estatuto do Controlador do Tráfego Aéreo;
- Regulamenta o saneamento nas instituições de Previdência e instituições particulares de assistência;
- Aplica aos hospitais colectivos pertencentes a pessoas colectivas de utilidades públicas administrativas as disposições constantes dos Artigos 1 a 7 do Decreto N. 704/74, de 7 de Dezembro;
- Determina que a Escola Nacional de Saúde Pública deixe de constituir o sector do ensino do Instituto Nacional de Saúde;
- Autoriza que transitem para o orçamento do ano imediato os saldos de participações que não tenham sido totalmente dispendidos no ano em que foram concedidos;
- Permite a elevação até 95 por cento das participações do Estado no custo de obras e equipamento social da iniciativa das autarquias locais ou outras entidades de interesse público;
- Aprova o Plano de acção educativa do M. E. I. C.;
- Cria, na dependência da M. E. I. C. o Conselho Nacional

- de Alfabetização;
- Cria a Universidade Aberta;
- Cria a Faculdade de Medicina de Santana (Instituto de Ciências Biomédicas de Lisboa, integrado na Universidade de Lisboa);
- Permite o estudo de medicina nos hospitais centrais, abolindo a distinção entre hospitais escolares e os restantes;
- Introduz alterações na legislação vigente relativa ao gozo de licença para férias, com efeitos no corrente ano;
- Altera o decreto-lei relativo ao contrato individual do trabalho (cessação do contrato);
- Prorroga por 30 dias os prazos para revisão dos estatutos e para a eleição dos corpos gerentes das associações sindicais;
- Estabelece a forma de nomeação dos Conselheiros e adidos de Imprensa, definindo as suas atribuições;
- Integra nas carreiras médicas estabelecidas pelo Decreto-Lei N. 414/71 o pessoal médico ao serviço dos hospitais distritais;
- Cria no MIT uma empresa pública denominada «Comissariado para a Indústria Metal-Mecânica Pesada»;
- Aprova a Lei Orgânica do Departamento Central do Planeamento;
- Suprime o imposto de justiça e as custas criminais aplicadas a arguidos em processos por crimes políticos e outras infracções da mesma natureza, amnistiadas pelo Decreto-Lei N. 173/74, de 26 de Abril;
- Define o regime jurídico do investimento estrangeiro em Portugal (Código do Investimento Estrangeiro);
- Aprova o acordo comer-

Continua na pag. 18

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metal-Mecânica do Distrito de Lisboa

PLENÁRIO DE ZONA CONVOCATÓRIA

CCT Vertical da Indústria METALÚRGICA

Convocam-se todos os trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metal-Mecânica abrangidos por este Contrato Colectivo para Plenários a realizar nos seguintes locais:

DIA 11 DE SETEMBRO

Mafrá — às 20.30 horas
Teatro de S. Jerónimo

Cacém — às 20.30 horas
Bombeiros Voluntários
Largo da República
Aguilva

DIA 12 DE SETEMBRO

Oeiras — às 20.30 horas
Bombeiros Voluntários de Oeiras

Vila Franca de Xira — às 20.30 horas
Casa do Povo

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único:

Contrato Colectivo de Trabalho:
Informações sobre as negociações.

NOTA: É necessária a apresentação do cartão de sócio do Sindicato. Brevemente serão marcados mais Plenários noutras zonas do distrito.

Lisboa, 8 de Setembro de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metal-Mecânica do Distrito de Lisboa

ELEIÇÃO PARA OS CORPOS GERENTES DO SINDICATO
PARA O PERÍODO DE OUTUBRO DE 1975
A 31 DE DEZEMBRO DE 1977

(MESA DA ASSEMBLEIA GERAL, DIRECÇÃO E CONSELHO FISCAL)

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 76.º dos Estatutos, convoco todos os sócios deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a Assembleia Eleitoral a realizar no dia 4 de Outubro.

Informam-se todos os sócios do Sindicato que, de harmonia com o Artigo 87.º dos Estatutos, funcionarão, entre as dez horas e as vinte e duas, Mesas de Voto, nos seguintes locais:

SEDE EM LISBOA

Calçada de Santos, 3, 2.º-Esq.º — Lisboa

DELEGAÇÃO DE VILA FRANCA DE XIRA

Rua Serpa Pinto, 136, 2.º — Vila Franca de Xira

DELEGAÇÃO DE TORRES VEDRAS

Rua Miguel Bombarda, 23 — Torres Vedras

DELEGAÇÃO DE SACAVÉM

Praça da República, 66-A — Sacavém

Lisboa, 11 de Agosto de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José António Coelho Pinheiro

Geral

"Massacre" numa aldeia do Norte do Líbano

BEIRUTE, 12 — (F.P.) — «Os cadáveres juncam as ruas» da aldeia cristã de Beit Mellat, no norte do Líbano, onde se registou autêntico «massacre», segundo noticiam hoje os matutinos «Al Hayat» e «The Daily Star».

Enquanto fontes oficiais limitam o número de mortos a seis habitantes da aldeia e a dois dos assaltantes, outras fontes pensam que o total das vítimas será bastante superior, só ainda não tendo sido apurado completamente em virtude de as forças de segurança não terem conseguido chegar ao local, dadas as dificuldades de acesso à região — uma das mais pobres do Líbano — e a intensidade do tiroteio.

O ataque a Beit Mellat foi desencadeado pelos muçulmanos das aldeias vizinhas, com a participação de fedáines da Frente Popular para a Libertação da Palestina (F.P.L.P.). Nos cadáveres dos assaltantes foram encontrados bilhetes de identidade libaneses.

Segundo os correspondentes da Imprensa libanesa, os prejuízos em Beit Mellat são importantes, tendo parte da aldeia sido atacada pelos assaltantes, depois de bombardeada com armas de vários calibres. Tanto a igreja local como inúmeras casas foram incendiadas. Ignoram-se os motivos do ataque, tanto mais que a região tem registado ambiente de calma nos últimos meses.

Entretanto, foram encontrados enforcados nas respectivas celas do convento de Deir Acharche, também no norte libanês, três monges maronitas. Os corpos dos três religiosos foram descobertos por outros monges que ontem se dirigiram ao convento no intuito de saberem se este teria sido atingido pelo ataque desencadeado contra a aldeia na passada terça-feira.

ENCERRADA NO CAIRO A VOZ DA PALESTINA

CAIRO, 12 — (A.N.I. e F.P.) — As autoridades egípcias to-

maram as «medidas necessárias» contra a emissora palestina, a Voz da Palestina, encerrando os seus estúdios e pondo termo a todas as suas operações, a fim de combater elementos não identificados que são acusados de tentar quebrar a unidade árabe e prejudicar os interesses dos palestinos e egípcios.

Um informador governamental declarou que a emissora tinha sido encerrada por um «período indefinido de tempo».

Em Beirute, um porta-voz da Residência palestina afirmou que a emissora foi encerrada «de acordo com uma das cláusulas secretas do acordo egípcio-israelita que estipula a cessação da guerra das ondas contra Israel».

O porta-voz salientou que «a medida tomada pelas autoridades egípcias representa uma tentativa para isolar a resistência dos combatentes e das massas palestinas em território ocupado».

A SR.^a ALLENDE PEDE O BOICOTE DA JUNTA MILITAR CHILENA

LONDRES, 12 — (R.) — Hortensia Allende, viúva do presidente chileno derrubado pelos militares, lançou ontem um apelo para o boicote político e económico internacional da junta militar que governa o Chile.

Num veemente discurso proferido ontem à noite durante o comício que reuniu em Londres mil pessoas no segundo aniversário do sangrento golpe que depôs o Governo de uni-

de popular de seu marido, a sra. Allende pediu a solidariedade internacional para combater a junta de Pinochet.

«Apelo ao povo do Mundo para que cesse toda a venda de mercadorias, minerais ou armas à junta e se negue a renegociar a sua dívida externa» — declarou.

Ao comício, organizado pelo Partido Trabalhista Britânico, no Governo, assistiram centenas de refugiados chilenos.

Os documentos de Nixon vão ser divulgados

WASHINGTON, 12 — O Congresso norte-americano ordenou ontem que sejam tornados públicos quase todos os 42 milhões de documentos acumulados durante a presidência de Richard Nixon. Entre eles figura a maior parte das cintas magnetofónicas ligadas ao caso Watergate.

O Senado, imitando a Câmara dos Representantes, aprovou quase por unanimidade uma moção para que se tornem públicos indiscriminadamente todos os documentos que não afectem a segurança nacional.

O presidente Gerald Ford, através da administração de

serviços gerais, havia tentado que o Senado limitasse a divulgação dos documentos e bem assim o acesso geral a eles.

Todavia, o Congresso, que ignorou a exigência judicial de Nixon para que os documentos sejam considerados sua propriedade, também não acedeu ao pretendido pelo presidente Ford.

O Congresso tem agora um prazo que vai até 10 de Outubro próximo para determinar onde e como estes documentos serão guardados para que o público norte-americano possa livremente consultá-los.

OS CINCO MILITANTES DA F.R.A.P. DIZEM TER SIDO TORTURADOS

MADRID, 12 — (A.N.I. e F.P.)

O procurador do conselho de guerra de El Goloso, perto de Madrid, confirmou as penas de morte que pedira contra os cinco militantes da Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica (F.R.A.P.), acusados de terem morto um polícia, em Madrid, a 14 de Julho, e cujo julgamento se iniciou ontem.

Durante os interrogatórios, os cinco réus reconheceram serem militantes desta organização dependente do Partido Comunista Marxista-Leninista de Espanha (P.C.E.-M.L.), mas

declararam-se inocentes quanto ao assassinio do polícia.

Afirmaram ainda que tinham feito confissões na prisão, em consequência das torturas, dos maus tratos e de ameaças contra eles próprios, contra familiares ou contra amigos, alguns dos quais se encontram já presos. Queixaram-se, por outro lado, do isolamento a que foram sujeitos durante dias e semanas e das ameaças dos polícias, depois de terem sido postos à disposição do Poder judicial.

Este conselho de guerra reu-

niu-se exactamente duas semanas depois do de Burgos, em que foram condenados a morte os dois militantes bascos José Antonio Garmendia e Angel Otaegui, também pelo assassinio de um polícia.

Sentados em bancos, os réus estiveram ontem 14 horas algemados.

Por duas vezes, o capitão da Polícia encarregado da segurança, numa sala aliás bem guardada, não atendeu o pedido do presidente para que soltasse as mãos dos cinco homens.

Não foi citada nenhuma testemunha pela acusação e o tribunal recusou todas as solicitações pela defesa. Nenhum perito depôs e não foi transmitida aos advogados nenhuma peritagem, apesar dos seus pedidos.

Na realidade, toda a acusação se baseia nas confissões dos réus, obtidas durante os primeiros dias da sua detenção na Direcção-Geral de Segurança. Estas confissões, lidas pelo juiz de instrução, são pormenorizadas, corroboram-se, apesar de algumas contradições notadas pela defesa, e foram repetidas diversas vezes nos interrogatórios realizados durante semanas quando os detidos estavam incomunicáveis.

Os processados são Manuel António Blanco Chivite, Pablo Mayoral Rueda, Vladimiro Fernandez Tovar, José Baena Alonso e Fernando Sierra Marco.

Assistem ao julgamento mais de oitenta pessoas, entre elas parentes dos réus, e jornalistas nacionais e estrangeiros. Como observador, está presente um representante da Liga Internacional para a Defesa dos Direitos Humanos, de Genebra.

Isabel Perón afasta-se

BUENOS AIRES, 12 — (A.N.I.) — A presidente Isabel Perón afasta-se das suas funções durante cerca de um mês, a conselho médico e a partir de amanhã — anunciou o ministro dos Negócios Estrangeiros, Angel Robledo.

Acrescentou que a presidente não sairá do país e será substituída na sua ausência pelo presidente interino do Senado, Italo Luder.

Indústria automóvel: previsões optimistas

FRANKFURT, 12 — (A.N.I.) — A 46.^a Feira Internacional do Automóvel de Frankfurt

abriu com previsões optimistas dos principais dirigentes industriais sobre o fim da crise do

petróleo e dos reflexos que o facto acarretou para toda a indústria automóvel, a partir de 1973.

Mais de 1000 firmas em representação de 27 países, estão representadas na exposição de Frankfurt, aí ostentando os seus novos modelos ou os melhoramentos introduzidos nos modelos anteriormente lançados, além de uma série «infinita» de acessórios auto.

Os organizadores da Feira Internacional Automóvel de Frankfurt esperam que mais de 700 000 pessoas visitem os numerosos pavilhões da Feira.

Entretanto, um inquérito levado a cabo entre os principais construtores alemães de veículos automóveis indica que muitas firmas têm pedidos em excesso para o corrente ano, pelo que os seus clientes serão obrigados a esperar durante alguns meses a satisfação das encomendas.

A indústria automóvel da República Federal Alemã deverá atingir no corrente ano um total de dois milhões de veículos, o equivalente ao nível atingido nos anos anteriores à recessão automóvel provocada pela crise do petróleo.

GOVERNO AMANHÃ

Continuação da pág. 1

tou um novo texto da plataforma política com base de trabalhos do VI Governo Provisório. Esse novo texto seria a resultante das alterações propostas pelos três partidos ao texto inicial, tudo levando a crer que as divergências tenham sido efectivamente ultrapassadas. Um outro ponto, perfeitamente assente, como o resto já anteriormente noticiámos: não haverá coligação, embora os três partidos tenham elementos seus em diversas pastas, mas a título individual. Recordar-se também que Álvaro Cunhal declarou ontem na Cometa que o seu partido não cautionaria de modo nenhum uma viragem à direita do novo Governo. Por outro lado sabe-se que há ainda algumas questões para resolver, nomeadamente no campo da orientação económica e, muito especialmente, na atribuição da pasta da Comunicação Social. A este propósito

é de salientar que grande parte da reunião do Conselho da Revolução de ontem foi «gasta» a discutir a famigerada lei Constitucional que impede a divulgação de notícias de carácter político-militar, não tendo os conselheiros chegado a qualquer conclusão. Foi, no entanto, apresentada uma proposta para a revogação da dita lei, e, após intensa discussão do problema foi decidido que o comandante Ramiro Correia convocaria para a tarde de hoje, conforme noticiámos noutra local, os directores de todos os órgãos de Comunicação Social.

Por fim, é de registar que o general Vasco Gonçalves deixou ontem o Palácio de S. Bento e se apresentou já no Estado-Maior General das Forças Armadas, aguardando a sua nova colocação. Os membros militares do seu gabinete apresentaram-se hoje.

REPÚDIO CRESCENTE DA "CENSURA"

Por incumbência do Conselho da Revolução o comandante Ramiro Correia reúne-se hoje com os directores dos órgãos da comunicação social. Serão analisados os problemas levantados pela Lei de Censura militar e as tomadas de posição que suscitou.

Nas instalações de «A Capital» realizou-se ontem à tarde uma reunião em que foram apreciados diversos aspectos relacionados com as formas de luta contra a Lei de Censura militar. Foi recusada a adesão do jornal «Tempo» com o fundamento de não se permitir que «reaccionários» se tentem aproveitar da sua luta para fins contra-revolucionários.

Pelo Secretariado Coordenador da luta contra o decreto do C. R. foi emitido o seguinte comunicado:

«Tendo tomado conhecimento da adesão do jornal «O Tempo» à forma de luta encetada pelos trabalhadores da Informação contra o decreto repressivo e reaccionário do C. R., o secretariado formado para

coordenação desta luta, reunido a 11.9.75 vem salientar o seguinte:

1 — Os trabalhadores da Informação ao desencadearem esta forma de luta, colocam-se ao lado dos soldados e marinheiros, e da sua aliança com os operários e camponeses, e têm consciência que lutam não apenas contra um decreto do C. R., mas também contra a ofensiva reaccionária que se desencadeia no País e que pretende retirar aos operários e camponeses e restantes massas populares as conquistas pela luta contra a opressão e exploração, começando por tentar impedir as massas populares de tomarem conhecimento do que se passa nos quartéis.

2 — Os trabalhadores da Informação não permitirão que reaccionários se tentem aproveitar da sua luta para fins contra-revolucionários, sejam quais forem as vestes com que se apresentem.

3 — Os trabalhadores da Informação distinguem a repres-

são reaccionária da repressão sobre os reaccionários e os criminosos fascistas que pretendem exactamente manter e reforçar a ditadura da burguesia sobre as massas populares.

Adiriram à decisão de se opor à lei os seguintes órgãos de Informação: «República», Rádio Clube Português, Rádio Renascença, «O Século», «Expresso», «O Jornal», «A Bola», e «Diário Popular», que constituem o actual secretariado, e «A Capital», «Diário de Lisboa», «Jornal Novo», Alfabet, Clube Radiofónico de Portugal, «Jornal do Comércio», Rádio Graça, «Flama», Emissora Nacional, «Diário de Notícias», «Jornal de Notícias», «Record», ANI, Redacção da Televisão, Jornal Cinematográfico Nacional, Emissora das Beiras, «Vida Mundial», Rádio Estudantil e Rádio Ribatejo.

No «Comércio do Porto» e na RTP realizar-se-ão hoje plenários para decidir a posição a tomar.

Entretanto continuam os protestos de várias organizações,

Espectáculos

UM PASSO EM FRENTE PARA OS MÚSICOS DA E.N.

Por decisão ministerial foram uniformizados os vencimentos das duas centenas e meia de instrumentistas das três orquestras dependentes da Emissora Nacional. Orquestra Sinfónica, Orquestra Ligeira e Orquestra Sinfónica do Porto.

Este problema havia merecido um estudo circunstanciado por parte da direcção, visto os referidos agrupamentos correrem grave risco de desintegração. Mais de 30 instrumentistas, alguns dos quais altamente qualificados, abandonaram as orquestras da E.N. nos últimos quatro anos, tendo ingressado no ensino, noutras orquestras (onde auferem actualmente vencimentos iguais ou superiores a 12 500 escudos) ou emigrado para França, Suíça, e Alemanha, onde é avultado o número de vagas existentes, sobretudo nos naipes de cordas.

Apesar de a pretendida uniformização (com base no orde-

nado mínimo de 9500 escudos) ter constituído um dos pontos fundamentais dos cadernos reivindicativos apresentados, logo após o 25 de Abril, pelos referidos agrupamentos artísticos, só agora foi possível atender esta justa aspiração. Registe-se, contudo, que as três orquestras, não obstante ter sido demonstrada a resolução dos seus problemas, manifestaram-se sempre interessadas, fundamentalmente, em aumentar a sua produtividade artística, através de exposições vindas a público e de iniciativas das respectivas comissões representativas, no sentido de corresponder plenamente aos apelos de dinamização cultural. Com efeito, antes do despacho favorável de 26 de Agosto último já havia sido aprovado pela Orquestra Sinfónica da E.N. um plano de trabalhos que implicaria um aumento de actividades e que triplicaria o número de concertos dado em igual período do ano passado.

PRÉMIOS PARA OBRAS INÉDITAS INSTITUI A SOCIEDADE DE AUTORES

A Sociedade Portuguesa de Autores institui três prémios, comemorativos do cinquentenário da sua fundação, destinados a obras inéditas de teatro, música e direito de autor.

Ao Prémio de Teatro podem concorrer obras que constituam espectáculo inteiro, qualquer que seja o número de actos, com um mínimo de cem páginas dactilografadas e peças em um acto, com um número máximo de sessenta páginas dactilografadas, havendo para as primeiras um prémio de 25 000\$00 e para as segundas um prémio de 15 000\$00, sem prejuízo de atribuição de menções honrosas.

Ao Prémio de Música podem concorrer obras sinfónicas, corais-sinfónicas ou para instrumento a solo com acompanhamento instrumental, e obras de

música de câmara, para instrumentos ou instrumento a solo, ou para voz ou vozes, com ou sem acompanhamento instrumental, havendo igualmente dois prémios de 25 000\$00 e 15 000\$00 para as obras de cada uma dessas categorias.

Ao Prémio de Direito de Autor podem concorrer obras que versem a respectiva problemática, quer no plano nacional quer internacional, com um mínimo de cinquenta e um máximo de duzentas páginas dactilografadas, havendo um prémio único de 25 000\$00.

As obras apresentadas a concurso deverão ser entregues na sede da Sociedade Portuguesa de Autores (Avenida Duque de Loulé, 31) até 30 de Setembro, fornecendo a respectiva Secção Cultural todas as informações necessárias.



O Ballet Nacional da Colômbia iniciou em Paris, na passada semana, uma longa digressão pelo exterior. Depois de percorrer todos os países do Benelux os artistas colombianos atravessarão o Atlântico e prolongarão a sua «tournée» por terras norte-americanas. No Teatro dos Campos Elísios, o ballet sul-americano abriu uma série de manifestações artísticas colombianas a decorrer na capital francesa.

"JANE EYRE" ESTREIA NA RTP

A RTP apresenta, a partir do próximo dia 20 às 22 horas, no II Programa e durante cinco semanas, uma nova série dramática, baseada no romance homónimo de Charlotte Brontë — «Jane Eyre» — obra que em 1847 tornou a sua autora imediatamente famosa.

Jane Eyre, orfã, conhece uma existência miserável em casa de uma tia que a reco-

leu. Aos dez anos é entregue a uma instituição de caridade, onde se manterá até aos vinte anos. Com esta idade, movida pela necessidade de conhecer outra existência, decide concorrer a um lugar de governanta. Vai então para Thornfield Hall, para tomar conta de uma criança de oito anos, Adele. Durante os primeiros meses a vida parece-lhe, nesta nova ocupação, lenta e apagada, apesar de se encontrar rodea-

da pela gentileza do administrador da casa, o sr. Fairfax. Só quando o sr. Rochester, o proprietário e seu patrão, regressa, tudo para ela muda, porque encontra nele o interesse intelectual de uma companhia e, depois, um amor apaixonado. Rochester pede-lhe que casem. No dia da cerimónia, porém, inesperadamente, uma voz opõe-se à realização do casamento com força

de impedimento: trata-se da mulher de Rochester, louca, que passa a vida encerrada num sótão da vivenda. Tudo desaba para Jane, que foge para tão longe quanto lhe permite os seus poucos haveres. Confusa e desesperada, erra de aldeia em aldeia, acabando por, inanimada não poder continuar e, em Moor House, é reconhecida por St. John Rivers, um clérigo, que com a ajuda de uma irmã, a faz voltar à vida. Usando um nome falso, Jane mantém-se em Moor House durante um ano, como pessoa de família, onde assiste às aulas que St. John ministra às crianças da aldeia. Descobre então que os Rivers são seus primos e que um tio comum, John Eyre, lhes deixou a todos uma fortuna considerável. St. John acaba por lhe pedir que parta com ele, como esposa e como companheira missionária, para a Índia. Jane não pode aceitar partir: a sua paixão por Rochester mantém-se viva. E, levada por um impulso mais forte, Jane regressa a Thornfield, onde irá encontrar queimada e destruída a casa de Rochester e este, cego, vivendo perto dali a sua mulher morreu e agora já nenhum obstáculo se opõe à felicidade de ambos.

Jane Eyre é pois uma série filmada produzida pela BBC e que a RTP apresentará aos telespectadores do II Programa, semanalmente, aos sábados.

Contrato Colectivo Vertical do Comércio Retalhista

Comunica-se a todos os trabalhadores abrangidos por este Contrato que se realiza novo plenário, no próximo dia 12, sexta-feira, às 21.30 h., no salão da Voz do Operário, com a seguinte ordem de trabalhos:

— CONTINUAÇÃO DA APRECIACÃO E APROVAÇÃO DO PROJECTO DO C.C.T.

É indispensável a tua presença e participação!

De contrário, não poderá haver novo Contrato Colectivo!

Todos os trabalhadores à assembleia, independentemente da sua profissão, pois o Contrato é vertical!

Os Sindicatos Outorgantes

(do Comércio, Metalúrgicos, Cobradores, Rodoviários, Telefonistas, Electricistas, Construção Civil, Marceneiros, Têxteis, Contínuos e Porteiros)



resolve qualquer problema

Para execução de

CARTAZES "POSTERS"
PUBLICAÇÕES
JORNAIS REVISTAS

Para tiragens superiores a 5 000

SOMOS:

RENASCENÇA GRÁFICA

Rua Luz Soriano, 44 Tel. 320271/2/3 e 321154/5

SERRAT EM CUBA

Joan Manuel Serrat, o intérprete e compositor catalão, vai realizar oito espectáculos em teatros cubanos, anunciou o Conselho Nacional de Cultura.

Serrat começará as suas actuações no Teatro «Amadeo Roldán» em Havana nos dias 18, 19 e 20 e a 21 cantará na cidade de Pinar Del Rio, passando depois às províncias de Matanzas, Las Villas e Oriente.

Televisão



CHILE: HÁ MUITAS MANEIRAS DE FAZER O TRABALHINHO

Assim foi no Chile. Vimos ontem, mais uma vez. A grande esperança, a grande queda, os operários, os estudantes, os camponeses dando largas à sua alegria nas ruas e praças — e depois o assalto, o ataque em grande, o estádio de Santiago transformado em campo de concentração, o fuzilamento, a morte em colectivo, em suma: a grande vingança da burguesia chilena ao serviço do imperialismo...

O documentário dá-nos algumas informações concretas sobre as condições que levaram ao descalabro: o aparelho de Estado burguês perfeitamente organizado, o boicote do imperialismo fora e dentro do país, os órgãos legislativos e judiciais a limitar os movimentos de Allende, a metê-lo numa camisa de forças que viria a transformar-se numa camisa de onze varas, os desentendimentos nunca superados, e antes agudizados, no seio da Frente Popular, umas Forças Armadas tradicionalmente e fingidamente neutrais, a contra-revolução a agir com a maior impunidade à luz do dia e sob todas as formas, etc., etc. Acredito que documentários como este podem fazer muito pelo esclarecimento dos portugueses embalados nas divisões — ou nas ilusões. Acreditará mais se os representantes das forças progressistas viessem, diante das câmaras, dizer que a unidade está a organizar-se — e que por aí o Chile não passará.

Acreditará ainda mais se nos viessem dizer que o saneamento no aparelho de Estado era uma realidade — e que, por esse lado, o Chile também não passaria.

Acreditará muito mais se assistíssemos ao saneamento dos reacconários dos quartéis — e não ao saneamento dos revolucionários.

Acreditará muito mais na eficácia destes documentários, como força motora, de confiança, se fossem outras as declarações de elementos do actual Conselho de Revolução a jornais estrangeiros.

Não basta dizer: não é possível outro Chile em Portugal...Tretas. Há muitas maneiras de fazer o trabalhinho. Daí o apelo emocionante, quase dramático, à unidade, proferido pelo comandante Ramiro Correia, diante dos trabalhadores da CUF, que ontem ouviram. Daí o seu incitamento à organização dos trabalhadores, independentemente do que pensam e dizem as cúpulas dos partidos. Tem razão o comandante Ramiro Correia: é o povo, são os trabalhadores que têm de defender a revolução.

Senão...Bem. O documentário deu a resposta.

Pormenor comovente: a alegria de Fidel e de Allende, lado a lado. De Allende não poderá Fidel dizer jamais que não foi digno do abraço que lhe deu. Felizes seriam os povos — e particularmente o nosso — se pudessem Fidel dizer o mesmo de todos a quem abraçou.

ADRIANA, OU A VITÓRIA DA REVOLUÇÃO

Falar do teleteatro cubano que vimos ontem dava pano para mangas. Poço inesgotável. A extraordinária economia de processos, a renúncia da farfalha técnica a dis-

farçar deficiências de ordem técnica, a qualidade dos actores e da sua direcção, a arte de falar e de estar na televisão, o trabalho em profundidade que tudo isso reflecte, o amor à Revolução que está subjacente a tudo isso — e sei lá que mais, sei lá que mais...

Podíamos, noutro ângulo, apontar a sua qualidade didáctica, essa conquista do artista revolucionário que lhe permite fazer militância sem cair no borda-de-água: aquelas personagens estão certas, dizem o que vivem, vivem o que dizem. Não são meros fantoches sem alma ou de alma emprestada: são pessoas que estão na rua e não nas montras, como os manequins.

Ainda mais: *Adriana em dois tempos* vê-se com um prazer que cresce de minuto a minuto. Não chateia o povo, como certas obras que pretendem (com as melhores intenções, claro!) educar, politizar o povo.

Podia pôr-me para aqui a desdobrar parágrafos sobre parágrafos. Mas para quê? Nada do que eu estou a dizer ajuda a compreender a peça. «Adriana» não precisa que a deslindem: está lá tudo. Em *Adriana*, a água é tão límpida que se vê o fundo com perfeita clareza.

Quando muito, poder-se-ia falar um pouco sobre a situação histórica da peça. Nisso haveria alguma utilidade. Não podemos partir do princípio de que os milhões de portugueses sabem todos quem era o Fulgêncio vampiro e quem é o revolucionário Fidel Castro. Oh quem dera! Certamente, até nisso «Adriana» põe alguma luz — mas aqui para Portugal exigia-se luz mais intensa.

Outro processo, se quiséssemos falar de *Adriana*, seria o de procurar relacionar as situações revolucionárias vivi-

das em Cuba e em Portugal. Recordar aos distraídos, por exemplo, as raízes do anticomunismo e a função que ele exerce como figura de proa da contra-revolução.

Dissemos aqui da quase nula contribuição que a RTP tem dado para o combate ideológico contra o anticomunismo. Claro que tudo se forma mais claro quando nos lembramos que a luta contra o anticomunismo se inscreve como tarefa de um processo verdadeiramente revolucionário — e que entre nós depois do 25 de Abril, houve o anticomunismo no Governo, houve o anticomunismo na Junta de Salvação, houve o Spínola, a breve trecho desvairado, houve o Galvão de Melo, a breve trecho apalhado, houve o Sá Carneiro, houve o Emídio Guerreiro e por aí adiante. Acabámos por ter um senhor chamado Sousa Castro que advoga o saneamento à esquerda e se encontra, no dia de hoje confortavelmente instalado no Conselho da Revolução...

Pois é. Por causa destas e outras é que a Televisão portuguesa, etc. E com este M.

F. A. *quadrúpede* que por aí anda, qualquer dia ainda lhe apertam ainda mais o gargante à TV e então é que nem *Adriana* nem coisíssima nenhuma.

A CONVERSA INÚTIL

Quando nos aparece Artur Ramos a apresentar Rogério Paulo e Carlos Coutinho houve alguma esperança de assistirmos a uma conversa com interesse: ambos homens ligados ao teatro, ambos conhecedores da realidade cubana. E afinal?

Afinal, foi uma indigência. Foi o perfeito festival da inutilidade. Diga-se a palavra certa: chegou a doer...

Confrange a improvisação com que estas coisas se fazem. Esquecer que se está a falar para milhões de pessoas, que há responsabilidades em relação a esse público, é lamentável. Mas aceitamos que é fatal, ainda, este género de trabalho, que a improvisação, mal ordenada Televisão portuguesa é doença por enquanto difícil de sanar. Assim mesmo.

Continua na pág. 18

Hoje



Pitacas esclarece «afinal como é»

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e **Telejornal** — 1.ª edição
- 19.05 **Ver e Pensar** — um programa do Departamento de Programas Infantis e Juvenis.
- 19.25 «**Dois Anos de Férias**» — série filmada, baseada numa obra de Júlio Verne, com Marc di Napoli. Realização de Gilles Grangier — 5.º episódio — 2.ª parte.
- 19.55 **Relatório**
- 20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 21.00 **Afinal como é?** — Pitacas Antunes foca alguns problemas relacionados com os consumidores.
- 21.25 **Eurovisão** — Jogos Sem Fronteiras — concursos entre cidades em que a habilidade dos concorrentes e o seu espírito inventivo é posto à prova.
- 23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
- 23.20 **Fecho**

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e um episódio da série «**Dois Anos de Férias**»
- 21.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
- 22.00 **Noite de Cinema** — «De Boca no Asfalto» («De Boca nel Asfalto») — um filme realizado por Mário Sabbato, da Argentina, para a série «A América Latina vista pelos seus realizadores».
- 23.30 **Fecho**

EXTERNATOS

MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93 • tel. 82 02 21 / 83 46 58

ALVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1 • (Benfica) • tel. 70 69 74 / 5

SÃO VICENTE
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) • tel. 84 88 64 / 5

AULAS DE MANHÃ — TARDE — NOITE

- CICLO PREPARATÓRIO
- CURSOS LICEAIS — GERAL E COMPLEMENTAR
- CURSO GERAL ADM. E COMERCIO
- CURSOS C/ PROGRAMAS PRÓPRIOS (EM PREPARAÇÃO)

ANO LECTIVO DE 1975/76

TAMBÉM

CURSOS DIURNOS P.º ALUNOS MENORES
TURMAS PRÓPRAS C/ LOTAÇÃO LIMITADA
— INSCRIÇÕES ABERTAS —

UMA REVISTA POPULAR!
no TEATRO MONUMENTAL
tel. 5513 (AR REFRIGERADO)
HOJE: 2 SESSÕES: 20.30 e 22.45 H
Domingo a tarde às 16 horas
VASCO MORGADO APRESENTA



Poema: Eduardo Dantas, Carlos Coelho, José Vilhena
Música: João Nobre, João Vasconcelos, Manuel Pádua
MILU • CARLOS COELHO • AIDA BAPTISTA • OCTAVIO DE MATOS
artista convidada
DELFINA CRUZ
atração nacional
HELENA TAVARES
no «compère» CARLOS MIGUEL

O Internacional
VIP BALLEI
18 excentricos
holandeses

e a colaboração de JÚLIO CÉSAR
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

Centro de produção
Teatro
A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«**LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO**»

Desc. às 2.ªs Feiras
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira Tel. 89 50 17
ABEP — Telef. 32 88 23

FÉRIAS EM SESIMBRA

A 30 Km de Lisboa e junto ao mar, o HOTEL ESPADARTE continua a oferecer condições especiais para os seus 80 quartos c/ banho, desde 100\$00 por pessoa, c/ pequeno almoço e taxas incluídas, em quarto duplo.

Diárias com refeições reduzidas de 80\$00.
Crianças: até 2 anos (grátis); até 6 anos 70% de redução; até 9 anos 60% de redução até 12 anos 50% de redução. Facilidades para o adulto que se junte à família no fim-de-semana, ou em dias isolados. Telef. 2233189.

DESTAQUES

I PROGRAMA

Afinal como é? (21.00)

II PROGRAMA

Noite de Cinema (22.00)

SIEMENS
ESTORIL Richard

Amanhã

I PROGRAMA

- 12.45: Abertura e Desenhos Animados; 13.00: Stop; 13.15: Retrospectiva; 13.30: Telejornal; 13.45: Programas dos teatros, dos cinemas e da TV; 13.55: Rock em Stock — sobre os Rolling Stones; 15.05: «Diário de um Professor» — 9.º episódio; 15.30: Expedição; 15.55: «Salto Mortal» — série alemã; 16.55: Ensaio — produção dos trabalhadores da Planigrafe; 17.35: Desenhos Animados; 18.00: «Ilha do Tesouro» — 7.º episódio — «O Desembarque»; 18.30: Cinema de Animação; 18.50: Cada Dia uma Esperança; 19.05: Cartaz TV; 19.30: Concerto; 20.30: Telejornal; 21.05: Noite de Cinema — «As Algemas de Cristal»; 23.25: Telejornal; 23.40: Fecho.

II PROGRAMA

- 20.00: Abertura e Desenhos Animados; 20.15: Stop — um programa sobre trânsito; 20.30: Expedição; 20.55: «Diário de um Professor»; 21.20: Telejornal; 21.50: «O Barão von der Trenck»; 22.50: Panorama — Salvador Allende; 23.15: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**

CLÍNICA DE TELEVISÃO
E ASTRONAUTA

COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e orçamento grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B • Rua Macau, 8

Desporto

Boletim Boletim Boletim Bo

BARREIRENSE:

A CORDA NA GARGANTA

A interdição do campo futebolístico do Barreirense, na sequência dos tristes factos ocorridos durante o jogo com o Académico de Coimbra, traz o Barreiro em polvorosa. A obrigatória mudança para outro cenário (no caso vertente, o rectângulo da Costa da Caparica) provocou uma tremenda diminuição de receitas, a ponto do clube se encontrar na firme disposição de fechar as portas e entregar, chaves e débitos, a quem por lá aparecer.

Perto de um quarto dos associados barreirenses deixaram, durante o defeso, de pagar as suas quotas: como não estão dispostos a ir atrás da equipa, para outras paragens, os débitos avolumam-se, não se vislumbrando (pelo menos até Dezembro, término do castigo federativo) visão clara para a saída da deficitária situação da colectividade que, além do mais, está igualmente a perder a boa receita que normalmente recolhia da venda de lugares cativos por um ano. Estando a braços com a electrificação do «Manuel de Melo» (custo orçado em 360 contos) surge o problema da obrigatoriedade de erguer uma vedação metálica em torno do rectângulo, o que importará em mais 450 contos: que não existem nos cofres nem sequer, a médio prazo, parecem capazes de entrar na tesouraria.

O protesto barreirense é directamente dirigido à P.S.P. local que, cobrando sete mil escudos para ver um jogo de futebol (segundo se crê, com a obrigação de manter a ordem na assistência) se viu ludibriada por meia dúzia de energúmenos que, perante a passividade dos «defensores da lei», entraram no campo e «rubricaram» distúrbios e agressões.

Vai hoje processar-se uma assembleia-geral das gentes barreirenses. Esperamos que, ao lado da calma e da serenidade com que os interessados devem abordar todos os casos, é necessário uma palavra, uma atitude, um gesto de apoio ao clube que é dos mais prestigiosos do País. A solução de efectuar os seus jogos, aos sábados, no relvado da Tapadinha, ainda não é a ideal. Pois, se tanta coisa mal feita e condenável foi rapidamente limpa com uma esponja por vários governantes, que raio de teimosia é esta no persistir em manter castigos que são quase impossíveis de cumprir e significam, drasticamente, o sufocar da vida em certas agremiações desportivas que têm feito mais pelo nosso desporto que todas as entrevistas de directores e secretários?



Os árbitros lisboetas de andebol reuniram-se ontem, na sede da sua Comissão Regional, para debaterem casos da modalidade. Não foi emitido qualquer comunicado a respeito: só a foto fica, por agora, a registar o evento.

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

O basquetebolista Dale Dover, que esteve ao serviço do F. C. do Porto e se encontra actualmente de visita à cidade que faz mal às vias respiratórias do coronel Varela Gomes, é vice-cônsul dos Estados Unidos na Dinamarca.

Inácio, o mais novo integrante do grupo futebolístico principal do Sporting (tem 20 anos e casou recentemente) tem uma meta no horizonte: o curso de professor de Educação Física.

Melhora o pugilismo no Parque Mayer: na última sessão ali efectuada, já apareceu um médico e alguns polícias.

Contrato previsto entre o Monterrey (México) e Eusébio. Proposta do clube: «luvas», ordenados e prémios (montante parecido com 200 contos men-

sais) mais impostos pagos, carro à ordem, apartamento e passagem de ida-volta Lisboa-Monterrey para a família do futebolista.

EVENTUALMENTE CHOCANTE

Um enorme «dossier» respeitante à Associação Académica de Coimbra foi secado aos arquivos da P. I. D. E. / D. G. S. e entregue ao clube da Lusa-Atenas. Agora, entre outras coisas bem curiosas, vai saber-se da razão por que o solitário dr. Armando Rocha se prontificou à sujeição à chacota preparada contra Américo Tomás (desistente do espectáculo) por ocasião de uma célebre final da «Taça de Portugal», que serviu de manifestação contestatária por parte dos estudantes conimbricenses. A crise dos anos 60 vai (quem sabe?) conhecer a divulgação pública dos seus documentos mais elucidativos.

PORTUGAL

Através dos seus departamentos de futebol, os clubes procuram assegurar jogos para o período de interregno (2 a 23 de Novembro) reservado exclusivamente aos trabalhos da selecção nacional. E, as primeiras soluções foram encontradas: em Lisboa, vai realizar-se, por ideia da Associação, uma espécie de Taça de Honra, com participação de quatro emblemas (Benfica, Sporting, Belenenses e Atlético) enquanto que «leões» e «águias» desejam, embora desfalcados dos elementos mais preponderantes, efectuar dois jogos entre si. Simultaneamente, o Vitória de Guimarães foi convidado a deslocar-se ao Zaire: seis jogos previstos, para os quais os vimaranenses solicitaram o «cachet» global de 780 contos.

Foi antecipado para sábado (pelos 16 horas) o jogo Boavista-Leixões, no Bessa. E, como o terreno de Vila de Feira está interditado, o embate Feirense-Lourosa processa-se, igualmente no sábado, em Ermesinde.

Mudanças de camisola nos sectores praticantes do hóquei em patins: Manuel Pereira, do Benfica para a Salesiana; Quim (Sporting), Rui e Dantas (Paço de Arcos) para o Benfica; Lourenço, Tó Ferreira e Bravo (todos do Sporting) para a Académica da Amadora; António Rodrigues (Benfica) e Sapo (Oeiras) para o Porto Mayor; Fernandes (F. C. Porto) troca com Jorge (Académico); Vale (F. C. Porto) transfere-se para o Valongo; Garrancho e Jorge Vicente passam a ocupar os lugares de treinadores das escolas da Académica da Amadora.

Fala-se em que o lugar de director-geral dos Desportos de Moçambique será ocupado por Fernando Adrião.

Chovem os convites para mudanças de hoquistas até além-fronteiras: os mais recentes vêm da Suíça, onde um técnico português ali radicado (Fernando Silva) deseja contratar praticantes.

Dúvidas em relação aos nabinhos Romão e Zeca (lesionados) poderem actuar no jogo União de Tomar-Benfica.

O futebolista Abel continua em negociações com o Vitória de Setúbal.

O basquetebol do Sporting vai ser orientado tecnicamente por Manuel Campos.

PERGUNTAS

A Direcção-Geral dos Desportos contraria o regulamento da Federação de Pugilismo, não autorizando a inscrição de salas naquele organismo dirigente da modalidade. Todavia, vai efectuar-se um «Torneio interbairros» e as salas persistem em comparecer. Como vai agir a D.G.D.?

Fernando Marques, vice-presidente da Federação de Ciclismo, pediu a demissão do cargo, pelo que, a partir deste instante, aquele organismo não dispõe de «quorum», desfalcado (como se encontra) pela repentina saída de outros elementos directivos, semana após semana. Pergunta-se, com a maior naturalidade: depois disto, quem é que autoriza a depilação dos cofres públicos (90 contos, no mínimo, previstos para os gastos) com a ida de uma insólita e pobre se-

lecção de amadores a uma corrida na Bulgária? Vamos lá fazer alguma coisa de útil ou (somente) pavonear meia dúzia de rapazes bem intencionados mas totalmente incapazes de obterem qualquer sucesso marcante?

As dificuldades de ingresso no Estádio da Luz, na passada noite de 4.ª feira (jogo Benfica-Boavista) foram de tal monta que alguns treinadores e árbitros (exemplos de Juca, Mário João, Alinho, e António Garrido) tiveram de andar aos pulos, de camarote para camarote, em busca de uma réstea de espaço livre. Pergunta-se: foram vendidos bilhetes para além da lotação oficial (o que não pareceu: em face das clareiras no terceiro anel) ou registou-se uma invasão de «clientes» sem bilhete na mão?

RARIDADES

Ramalho e Pietra (em serviço militar) são duas baixas nos treinos do Belenenses, que só os poderá utilizar aos domingos, em jogos oficiais. Novidade resteliana: recebido o dinheiro que valeu a transferência de Quinto, os futebolistas «azuis» voltam a concentrar-se (amanhã, será em Colares) antes de actuarem perante determinados grupos contrários.

Duas informações sobre o Leixões: a demissão de um seleccionista de futebol (Armando Correia) por discordar dos critérios de Júlio Galante (presidente indigitado para o clube de Matosinhos) e adiamento do previsto acto eleitoral (indicado anteriormente para 2.ª feira) em face da falta de recinto disponível.

Mohamed Ali e o célebre empresário Don King contribuíram, recentemente, com 10 mil dólares cada um para o fundo das Nações Unidas de auxílio à infância e de luta contra a seca dos países africanos. Ali e King tinham prometido contribuir com uma percentagem dos lucros provenientes da «bolsa» e da receita do encontro entre o campeão e Chuc Wepner. Contudo, o combate saldou-se por um malogro financeiro, o que não impediu os dois de manterem a palavra e a generosidade.

A população de S. Jorge (Batalha) recusa, terminantemente, deixar vedar o seu terreno de jogos. Alguns dísticos afixados na localidade: «Dentro das grades, só os macacos» e «Desporto enjaulado não é desporto».

Muitos árbitros visenses, reunidos em plenário, deliberaram protestar contra castigos impostos a dez dos seus colegas pela Comissão Regional de Juizes de Futebol.

HOJE

Hoje, no Madre de Deus, é homenageada a turma do Estefânia Atlético Clube, campeão lisboeta de andebol na 3.ª Divisão.

Em Viareggio (Itália) para o «Europeu» de Hóquei em Patins, o «cinco» português confronta-se com os parceiros da Alemanha. Ontem, foi dia de repouso para todas as equipas concorrentes ao título.

Esta noite (21 horas) efectua-se uma assembleia geral do Académico de Coimbra.

OPINIÃO

Entrevistado em «Record» (por Fernando Correia que, a seu convite, deu um passeio a Cuba) o director-geral dos Desportos diz, por exemplo, o seguinte:

«Quanto ao trabalho feito, a partir de Janeiro, é evidente que ele não é satisfatório, na medida em que se trata de uma estrutura administrativa, burocrática que evidenciou todos os erros, todas as deficiências, acumuladas ao longo de muitas dezenas de anos, pelo fascismo. É uma estrutura que não teve possibilidades, neste curto espaço de tempo, de resolver problemas fundamentais e questões mesmo de base do próprio desporto, que eu, pessoalmente, penso que ela tinha obrigação de ter resolvido.»

Adiante: «É claro que outro advogado mesmo a criação do Ministério dos Desportos: São perspectivas com as quais nós não estamos muito de acordo, porque defendemos que a prática desportiva deve ser essencialmente de natureza cultural, de carácter formativo e que, portanto, deve estar ligada a uma acção muito mais global de sentido cultural ou então de carácter educativo, de sentido formativo geral.»

Depois: «Num processo, como aquele que estamos a viver, em que a luta de classes se torna, visivelmente, cada vez mais intensa, é evidente que aqueles que se sentem ameaçados pelas perspectivas neste caso concreto do desporto — da perda de prerrogativas é lógico que levantem grandes objecções e, no fundo, tudo aquilo que se tem passado, em relação a um certo tipo de informação dada acerca do trabalho desta Direcção Geral, normalmente radica as suas críticas muito mais numa concepção política, quer da prática desportiva quer da vida nacional, do que propriamente em críticas objectivas ao trabalho da D.G.D. E estas últimas seriam muito necessárias a nós. Aliás, qualquer crítica, aqui dentro, é sempre analisada com muito cuidado, mesmo quando nós sabemos que ela é feita mal intencionadamente, porque pode envolver alguma razão de ponderar.»

Ainda: «É curioso, por exemplo, verificar que numa determinada localidade a população tinha aberto um campo de mini-basquete e dois locais para saltos. Pois, a mesma população que abriu estas áreas desportivas acaba de as tapar. Cobriu-as. Tapou-as!... Isto é significativo do ponto em que é possível manipular uma população, levando-a a defender pontos de vista e a cometer acções contrárias aos seus próprios interesses.»

Mais: «Por exemplo, é significativo que em Bragança, todo o trabalho que se estava a desenvolver (e não era pouco), teve que terminar completamente, por motivos, exclusivamente de natureza política.»

COMENTÁRIO

A palavra para o treinador Joaquim Meirim, em «A Bola»: «Tem havido uma lamentável letargia sobre os assuntos do desporto, por parte da própria Direcção-Geral dos Desportos. Um exemplo: o despacho do ex-subsecretário de Estado, sr. eng. Casanova, para a FPF e DGD, no sentido de dar todo o apoio necessário à preparação do futebol português com vista aos Campeonatos

Mundiais, despacho baseado no parecer, em opiniões, de dirigentes desportivos da R.D. da Alemanha, Polónia e União Soviética. É um erro de omissão. De estranhar numa figura progressista como o sr. eng. Casanova. Não há que copiar. Não há que escutar dos outros para saber qual o tipo de futebol que este país necessita, e como ele, futebol, deve ser dirigido. E há em Portugal homens capazes de dirigir. Cito por exemplo um homem, antigo praticante, antigo dirigente, um homem de eleição para dirigir, para reorganizar, para dar ao nosso futebol as estruturas e as linhas mestras de que ele necessita. Esse homem é Francisco Calado. Porque o futebol, queiram ou não os seus detractores, é um verdadeiro veículo do ponto de vista político, económico e social, e isto em Portugal como em qualquer país progressista. Os constantes ataques ao futebol, baseados na pura ignorância, pode resultar na sua morte, já em 1976, e, com ela, a destruição de tudo o que é Desporto em Portugal. Porque, em qualquer sociedade, o desporto é elemento vital, seja ela comunista, socialista, fascista social-democrática ou capitalista.»

AGENDA

A Delegação Distrital de Lisboa da Direcção-Geral dos Desportos, leva a efeito, no corrente mês, cursos para animadores desportivos, nas seguintes localidades: em Oeiras (a 20 e 21 de Setembro), para basquetebol, volei, atletismo e andebol; nas mesmas datas, em Alverca, para as modalidades de basquetebol, atletismo e futebol; em 27 e 28 de Setembro, em Lourinhã, serão ministrados cursos de basquetebol, voleibol e andebol; na Charneca do Lumiar, igualmente nas mesmas datas, decorrerão os cursos de atletismo, futebol e basquetebol.

A assinalar (ainda) que, caso hajam inscrições suficientes para outro curso de qualquer modalidade não inscrita para já, a Delegação Distrital de Lisboa estará na disposição de satisfazer todos os interessados, levando para isso a efeito o curso pedido.

LA FORA

O Cosmos (de Nova Iorque) derrotou a equipa norueguesa do Vaalerengen por 4-2, num jogo de futebol realizado em Oslo. Péle foi autor de dois golos. Assistiram ao encontro cerca de 17 mil pessoas.

O campeão mundial de xadrez, Anatoly Karpov (da U.R.S.S.) colocou-se à frente na partida final do Torneio Internacional de Milão, ao derrotar o húngaro Lajos Portisch, no segundo encontro, após uma «batalha» de sete horas. A vitória de Karpov deu-lhe 1,5 pontos na final de seis jogos. Portisch tem meio ponto do primeiro encontro.

Os organizadores dos jogos olímpicos de Montreal e os países interessados na respectiva retransmissão televisiva parece terem chegado a acordo, devendo este ser anunciado na próxima 2.ª feira, data-limite para as negociações na sequência das reuniões entre o Comité Internacional Olímpico e a «European Broadcasting Union», esta última teria oferecido mais um quarto de milhão de dólares aos canadianos, para pagamento dos direitos de retransmissão para fora da

Com toda a franqueza

Por
NEVES
DE SOUSA

A MARCHA DA ALEGRIA

As ocupações compulsivas estão na moda: ontem, por um triz, sete clubes (melhor: alguns dos seus dirigentes) não chegavam à Praça da Alegria e invadiam a sede federativa do futebol, para nela se instalarem calmamente. O caso principiou quando o Alhandra (representado por Armando Sequeira, Rufino Moreira e Sacadura Ralha) tomou a presidência de uma reunião com outras colectividades (Barreirense, Aljustrelense, União de Coimbra, Vilafranquense, Operário e Condestável da Batalha) e, na Associação de Lisboa, verberou viva e duramente a atitude federativa de persistir em mandar vedar, com redes resistentes, os terrenos onde, ultimamente, ocorrerem invasões de campo ou agressões a elementos arbitrais.

Como neste País (e, pelo menos, a nível desportivo) não há quem tome atitude incisiva (não existe secretário de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar e, quanto ao director-geral dos Desportos, conhece-se a sua tendência para a repensagem antes de qualquer acção verdadeiramente marcante, o que prolonga indefinidamente a sua quase constante apatia) aí temos que os clubes como as directivas associativas ou federativas, passam a vida a lamentar-se de estarem a ser isolados em todo o processo de progresso que só é vislumbrado através de bonitos relatórios completamente fora das autênticas realidades. «Pour épatez les bourgeois...»

Ora, ontem, a situação difícil em que se debatem sete emblemas atingiu o ponto de clímax. Já que ninguém mais bem colocado mandava qualquer coisa, o ultimatum estava posto à Federação: nada de alterações de campos para os jogos dos emblemas que não tinham vedações em torno dos rectângulos mas, isso sim, abolição (pura e simples) dos castigos nos sentidos impostos pelo Conselho de Disciplina do organismo da Praça da Alegria. Por seu turno, a Federação declarou que nada podia fazer perante as resoluções já tomadas: dura lex é lei mesmo.

Perante isto, os directores clubistas presentes na Associação lisboeta não estiveram com meias medidas: arrancaram com as bússulas viradas para a Praça da Alegria e, nas bocas, o já vulgar estribilho revolucionário: **toca a ocupar a Federação, que é nossa e de**

mais ninguém. Porém, à porta da loja que estava prestes a mudar de patrões, surgiu uma réstea de bom senso: e a decisão ficou adiada por umas horas, após ser elaborada uma proposta em que se exige à Federação, imediatamente, que sejam anulados os castigos injustamente impostos aos clubes, sob pena de deslocarem as suas massas associativas, o que culminaria com a ocupação das instalações da Federação, que é pertença dos clubes, até serem satisfeitas as suas reivindicações.

Lá dentro do edifício federativo, os elementos da gerência presentes recusaram a audição daquele magote de gente (boa meia centena de pessoas quase completamente fora de si) limitando-se a consentir a entrada de três delegados da estranha embaixada, número mais tarde alargado a sete, para uma representatividade dos clubes protestantes. À porta fechada, como se de uma reunião militar do mais alto nível se tratasse, passaram-se três longas horas de dize-tu, di-rei-eu. E, quando já alguns protestantes estavam quase a passar pelas brasas, veio a informação: os federativos achavam que os clubes podiam muito bem protestar, mas tal atitude teria de ser feita pelas vias estabelecidas legalmente, com uma primeira delegação através das suas Associações.

Regresso a penates dos ex-futuros-ocupantes. Isto porque, logo ali e em plebiscito popular, ficou decidido dar um pequeno prazo à Federação (falou-se em três dias) para concordar com os clubes e levantar todos os castigos. Caso contrário, já se sabe: à semelhança de outras marchas épicas de não recuados tempos, aí teremos, armados com a força das suas vozes e de estandartes em punho, associados de (pelo menos) sete colectividades com secções de chuto na bola. Não há secretário? Pois o director-geral que decida. O director-geral está mais preocupado com o badminton e a pesca desportiva? Ataquemos então pelo lado federativo. A Federação não nos liga? Vamos nós para lá. E as leis ficarão revogadas, e outras leis ficarão a valer, consoante o que nos interessa e nada mais. Ah, grande Portugal democrático!

SOLDADOS DENUNCIAM APROVEITAMENTO PARTIDÁRIO DAS SUAS LUTAS

«Hoje, 11 de Setembro, dia triste no Chile e também entre nós, afirmamos que não permitiremos que o caso chileno se venha a passar entre nós, nem que seja por um minuto», disse o major Campos de Andrade, comandante do Regimento de Polícia Militar, ontem, no início de um plenário que nesta unidade se realizou para decidir de alguns problemas que àquela unidade se levantam no momento actual. Seguidamente, todos os presentes observaram um minuto de silêncio pela memória de Allende, pelo Chile dominado pela ditadura fascista de Augusto Pinochet.

Presentes soldados, sargentos e oficiais — foi decidido anular algumas das decisões tomadas pela A. D. U. no dia anterior, sob a alegação de que esta tinha sido dominada partidariamente. Em questão, o M. R. P. P. Foi decidido denunciar publicamente e repudiar a utilização que aquele agrupamento está a fazer da luta dos

soldados (e não só) da P. M. Alguns militares intervieram nesse sentido. Foi assente que deveria ser saneado o furriel Alexandre e proposto o saneamento de dois soldados. Em questão, ainda, algumas comissões de moradores que um dia antes haviam estado presentes por convite feito segundo critério discriminatório.

O major Campos de Andrade mereceu um voto de confiança para se proceder (ele próprio proceder) a uma reestruturação do M. R. P. M. — para que esta unidade se mantenha «ao serviço das classes mais exploradas deste País, rumo à revolução socialista».

Não passaria sem uma referência a decisão tomada na segunda-feira pelo Conselho da Revolução de proibir aos órgãos de Informação o noticiário de carácter militar não veiculado pelas cúpulas das Forças Armadas e bem assim o boicote que a generalidade dos órgãos de Informação es-

tão a fazer a tal decreto. O plenário aprovou uma moção onde o M. R. P. M. «reafirma que a sua posição é e será sempre ao lado e em apoio da classe trabalhadora».

Estiveram no plenário, amplamente convidadas pelos próprios órgãos da unidade sem qualquer critério discriminatório, diversas comissões de trabalhadores e de moradores da zona.

Pouco depois de terminado no M. R. P. M. o plenário desta unidade, começava na Escola Prática de Serviço de Material uma festa-convívio aberta à participação de moradores e trabalhadores da zona, particularmente ou através das suas organizações. Estiveram na sessão, ainda, militares do RALIS, da P. M., do B. R. T. M., das O. G. M. A. e da Armada. Falaram diversos oradores.

No decurso da sessão foi aprovada uma moção onde os militares da E. P. S. M. declararam apoiar «a justa luta dos

trabalhadores do «República» e da Rádio Renascença» e repudiam «toda e qualquer tentativa de partidos burgueses para roubar aos trabalhadores aquilo que eles conquistaram». Mais, diz a moção aprovada: «Apelamos ainda para a união de todos os camaradas soldados e marinheiros na defesa dos camaradas do «República» e da Rádio Renascença». A moção concluiu com a palavra de ordem «Operários e camponeses, soldados e marinheiros, unidos vencerão».

MANIFESTAÇÃO

Entretanto, continua marcada para hoje ao fim da tarde em Lisboa a manifestação a que o «D.L.» fazia referência na sua edição de ontem. A manifestação é convocada pelo Secretariado Nacional Provisório Intercomissões de Trabalhadores.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALO-MECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

APELO

METALÚRGICOS—TODOS OS TRABALHADORES

A REVOLUÇÃO ESTÁ EM PERIGO!

A revolução portuguesa está a ser empurrada para a direita. O centro das decisões políticas passou para as mãos de meia dúzia de oficiais superiores.

A vontade dos trabalhadores foi atraída com as últimas decisões dos chefes militares. É preciso e urgente que seja a vontade dos trabalhadores a governar.

A Comissão Directiva apela aos metalúrgicos e a todos os trabalhadores para que realizem reuniões massivas nos locais de trabalho, nos bairros, nas freguesias, nas aldeias e nos campos.

É urgente construir o Poder Popular através das Assembleias Populares Unitárias. É urgente que as massas trabalhadoras participem na Revolução.

O fascismo ameaçou armar 50.000 reacçãoários. Ameaçou ou já estão armados? As cúpulas da social-democracia vão a Londres, Berlim, Estocolmo, etc., vender os interesses das massas trabalhadoras.

Trabalhadores, as conquistas de 25 de Abril correm perigo de morte. Companheiro, organiza-te no teu Sindicato. Não permitas que a reacção continue a atacar a organização Sindical. Contacta com o teu Sindicato.

Vamos todos lutar ao lado dos militares progressistas, por:

- AVANÇO DAS NACIONALIZAÇÕES!
- AVANÇO DA REFORMA AGRÁRIA!
- AVANÇO DO CONTROLO OPERÁRIO DA PRODUÇÃO!
- AVANÇO DAS ASSEMBLEIAS POPULARES UNITÁRIAS!
- JULGAMENTO DE TODOS OS PIDES E FASCISTAS PRESOS!
- PUBLICAÇÃO IMEDIATA DO RELATÓRIO DO 11 DE MARÇO!
- SANEAMENTO DO APARELHO DE ESTADO!
- SANEAMENTO DOS MILITARES REACCIÓNÁRIOS!
- LUTA CONTRA A VIOLENCIA FASCISTA!
- CONSTRUÇÃO DO PODER POPULAR!
- EM FRENTE PELO SOCIALISMO!

Lisboa, 11 de Setembro de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

Continuação da pág. 16

América do Norte. Semelhante oferta eleva a cerca de 10 milhões de dólares os direitos de transmissão, contra os 18 milhões inicialmente pedidos pelos canadianos.

A tenista norte-americana Chris Evert ganhou já mais dinheiro este ano do que qualquer outra mulher na história do desporto. Segundo a Associação de Ténis dos Estados

Unidos, Chris, com os 25 000 dólares do primeiro prémio do recente «open» norte-americano, elevou os seus ganhos neste país para 261 350 dólares (cerca de 6900 contos). Entrando, porém, em linha de conta com o que obteve em torneios no estrangeiro, a tenista embolsou, em menos de oito meses e meio 280 927 dólares (à volta de 7500 contos). Em todo o ano de 1974, o seu total foi de 261 460 dólares.

Geral

MEDIDAS APROVADAS PELO V GOVERNO

Continuação da pág. 12

cial a longo prazo entre a República Portuguesa e a República Socialista da Checoslováquia, assinado em 1 de Março de 1975;

—Aprova o acordo entre o Governo da República Portuguesa e o Governo da República Socialista da Roménia, sobre a cooperação no domínio do turismo, assinado em Lisboa, em 19 de Março de 1975;

—Aprova o acordo entre a República Portuguesa e o Governo da República da Polónia sobre o desenvolvimento das trocas comerciais, navegação e cooperação económica, industrial e técnica, assinado em Lisboa em 14 de Maio de 1975;

—Aprova o acordo do comércio a longo prazo entre o Governo da República Portuguesa e o Governo da República da Roménia, assinado em Bucareste em 14 de Junho de 1975;

1975;

—Aprova o acordo da cooperação económica, técnica e científica a longo prazo entre o Governo da República Portuguesa e o Governo da República da Roménia, assinado em Bucareste em 14 de Junho de 1975;

—Regulamenta o registo da cisão das sociedades comerciais;

—Fixa disposições relativas ao reinício das sessões das bolsas de valores;

—Dá nova redacção aos Artigos 1, 12 e 13 do Decreto-Lei 42900, de 5 de Abril de 1960 (Junta de Crédito Público);

—Cria o Conselho Coordenador da Política de Crédito;

—Estabelece a forma de nomeação e define a competência da Direcção-Geral dos Serviços de Crédito Público;

—Autoriza o Ministério das Finanças, ouvida a Comissão

de Reestruturação do sistema Bancário, a determinar a fusão de duas ou mais instituições de crédito nacionalizadas;

—Extingue o imposto de trânsito regulado pelo Decreto-Lei N. 24326 de 9 de Agosto de 1934;

—Aprova a Lei Orgânica do Banco de Portugal;

—Abertura de crédito no M. F. a favor da MAI, no montante de 1.700 000 000\$00 para financiamento das autarquias locais;

—Delimita a área social beneficiária de restituição dos terrenos baldios, cingindo-a aos pequenos agricultores e operários agrícolas;

—Suspende transitoriamente o acordo do Alvor celebrado entre o Governo da República Portuguesa e os Movimentos de libertação Angolano (M. P. L. A., F. N. L. A. e U. N. I. T. A.).

CÃO—PERDEU-SE

FOX-TERRIER. Pêlo arame, branco com malhas cinzentas amarelas, há aprox. 3/4 semanas. Gratifica-se bem a quem indicar paradeiro para 47482 ou 612182.

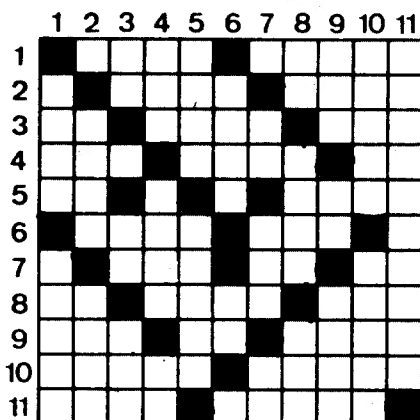


palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 11 183

HORIZONTAIS:

- 1 Costure. Guarnição de arames.
- 2 Quadro. Rezar.
- 3 Alumínio (s.q.). Apelido. Língua.
- 4 Recusa. Nome de mulher. Tempo do verbo haver.
- 5 Viração. Apelido.
- 6 Anéis. Camareira.
- 7 Enal. Distar. Pronome pessoal.
- 8 Letra grega. Rogas. Um cento.
- 9 Cólera. Atmosfera. Estacionário.
- 10 Lastimar-se. Mulheres.
- 11 Serra de Portugal. Semeilhante.



VERTICAIS:

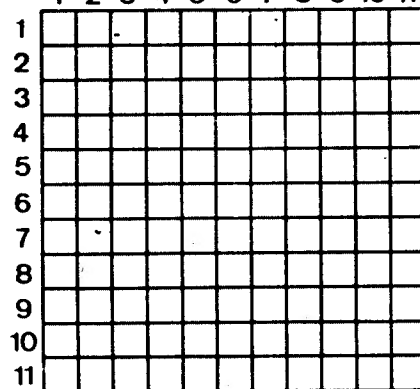
- 1 Romance de Emilio Zola. Planta gramínea.
- 2 Apelido. Rezas.
- 3 Porco (inv.). Nota musical. Suspiros.
- 4 Preposição. Coisa má que prejudica outra boa quando se lhe mistura (fig.). Em partes iguais.
- 5 Impulso. Curar.
- 6 Moeda portuguesa de Dio. Brisa.
- 7 Atomo. Suspiros. Catedral.
- 8 Letra grega. Acrescentar. Utensílios domésticos.
- 9 Sapo do Amazonas. Tempo do verbo ir. irmão de Abel.
- 10 Habilidade. Tempo do verbo ter.
- 11 Limpásemos com areia.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7342

HORIZONTAIS:

- 1 Nome de peixe. Curem.
- 2 Lazer. Ave semelhante à pomba.
- 3 Rente. Agência Telegráfica de Imprensa. Pátria.
- 4 Preposição. Urde. Escândio (s.q.).
- 5 Oceano. Ferro temperado.
- 6 Reza. Gaipas pequenas de uvas.
- 7 Nome científico do pato. Araras.
- 8 Viração. Item. Satélite de Júpiter. Samário (s.q.).
- 9 Felicidade. Preposição e artigo definido. Vai para fora.
- 10 Fronteira. Luxo (pop.).
- 11 Charrua. Habitar.



VERTICAIS:

- 1 Palanque para tocar em bandas de música. Descer.
- 2 Bolor. Desbastar.
- 3 Troças. Ilha inglesa no mar da Irlanda. Dá mios.
- 4 Rio de Itália. Marcai o peso da tara em. Preposição latina que designa movimento.
- 5 Induz.
- 6 Eialósmio (s.q.).
- 7 Magnetizais.
- 8 Aparência. Aguço. Solitário.
- 9 Lista. Base aérea portuguesa. Ente.
- 10 Pronome pessoal. Tostada.
- 11 Notas. Dar mios.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 182

HORIZONTAIS:

- 1 Ta. ANDA. MÃO.
- 2 Impai. Soera.
- 3 Raer. Udos.
- 4 Aar. FIA.
- 5 Ri. Ti. Na Ms.
- 6 Anão. Arqa.
- 7 Ai. DEDO.
- 8 Med. Ses. Mur.
- 9 Orate. Avara.
- 10 Rã. Elava. Ag.
- 11 Amara. Aliso.

VERTICAIS:

- 1 Tirar. Amora.
- 2 Amara. Eram.
- 3 Péu. Nada.
- 4 Aar. Tai. Ter.
- 5 Ni. Fio. Sela.
- 6 Ai. Ge.
- 7 As. Ana. Sava.
- 8 Ou. Dra. Val.
- 9 Medo. Gema.
- 10 Aro. Maduras.
- 11 Oásis. Orágo.

Provérbio: ANDA, MÃO; FIA, DEDO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7341

HORIZONTAIS:

- 1 Za. Sabre. Cr.I
- 2 Ina. Meã. Zoe.
- 3 Gola. Cali.
- 4 Assalta. lam.
- 5 Soera. Temia.
- 6 Sie.
- 7 Ar. Ca.
- 8 Lés. Ama. Sol.
- 9 Amais. Amare.
- 10 Gaita. Rafia.
- 11 Arrás. Oriá.

VERTICAIS:

- 1 Zigas. Ala ga.
- 2 Anoso. Remar.
- 3 Aisen. Sair.
- 4 Aar. Ita.
- 5 Am. Lás. Asas.
- 6 Best. lam.
- 7 Ra. Até. Aaro.
- 8 Mar.
- 9 Zaimo. Safi.
- 10 Colai. Comia.
- 11 Reima. Alea.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

como é que três homens nada mais tem para nos dizer além de banalidades? Como é que passam todo aquele tempo a fazer coscuvilhice sobre o carácter das personagens, quase ao nível do que se praticava geralmente na Praça da Ribeira nos «bons» tempos do romance da coxinha? Como podem cair nesse jogo das cinco pedrinhas, em vez de chamar a atenção do público para o facto de serem aquelas personagens produto de uma sociedade trituradora? Isso, evidentemente, se quisessem dizer al-

guma coisa (e Carlos Coutinho foi o único que chegou a enunciar essa via, logo perdido na desordem geral) porque até na peça estava o processo indicado: o diálogo entre Pancho e Adriana vale quinhentas explicações em mesas-redondas.

Que não dissessem nada, caramba. Ou dissessem tudo, ou seja: da alegria de termos visto uma peça que alimenta o amor pela Revolução, tão importante no momento que o nosso País atravessa, que sustenta a razão da vigilância e das lutas populares. Dissemos isso e podiam ir dormir de consciência tranquila.

post scriptum

Continuação da pág. 3

lá que eu aprendi a sentir amor pelo próximo, mas também lá li que aqueles que só queriam destruir Deus os mandava para o inferno. E por amor ao próximo que te escrevo esta carta aberta e assinada: ouvi na Rádio a carta de uma burguesa que muito me comoveu, para essa revolucionária excepção, vai o meu abraço amigo, mas não assinava que tinha medo, no entanto eu assino toda a minha revolta, ou vencerei com o meu povo de cabeça erguida ou saberei morrer de pé como o fez Catarina Eufémia.

Termino Presidente, muitas mais coisas teria a dizer a ti e a todos, também gostaria de poder dizer-te até amanhã camarada, mas não posso porque se o fizesse não eras Presidente mais de oito dias, e tu fazes aí falta em Belém. Como eu gostava que tu me respondesses uma vez que na Rádio se calaram todas as vozes amigas que tanto esclareciam o povo e o ajudavam. Porque não é de pantufas que se ganham eleições meu Presidente e nem com pessoas do desgraçado povo que como animais vivem em currais só a ouvir as mentiras de um pastor que metido num palácio manda as ovelhas enfiarem-se na boca do lobo, em vez de as defender. Responde sim, pois tenho fé em Deus que as minhas palavras e as tuas não serão em vão, mas responde em palavras que eu compreenda, porque quando eu compreender todos compreenderão, faz um esforço, eu sei que tu não passaste tempo nenhum a brincar com os filhos dos caseiros dos teus pais, por isso sabes poucas palavras do povo, passaste a vida em colégios onde se falava outra linguagem, mas faz um esforço e responde.

Ana Maria Gingado — Quinta de S. Vicente



NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946
HIPOPOTAMÔ Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.



Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	14°
P. DOURADAS	17°
COIMBRA	17°
PORTALEGRE	18°
LISBOA	18°
FARO	22°
FUNCHAL	23°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:

TAVIRA 29°

Mínima:

F. CASTELO RODRIGO 4,6°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 14,5°
Atmosfera 15,5°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

8.54 3,4 m 12.04 1,5 m
21.37 3,2 14.45 1,6 m

Dia 13

10.10 3,3 m 3.19 1,8 m
23.02 3,1 m 16.17 1,7 m

Dia 14

11.32 3,3 m 4.54 1,9 m
17.52 1,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ
AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado temporariamente muito nublado na orla costeira do Douro e Minho; vento geralmente fraco soprando moderado durante a tarde na orla costeira ocidental a sul do Cabo Carvoeiro; neblina matinal a norte deste cabo.



AMANHÃ

NAScer AS 7.16
OCASO AS 19.49



EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito — Música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Orquestras
21.45 Observação de cinema, por Maria Cristiana, Damas Nunes e Moreira dos Reis
22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
22.30 Música popular
23.15 Música variada
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa

16.00 Uma obra... Duas interpretações
17.00 Solos de piano
17.30 O compositor da semana: Britten
19.00 Música portuguesa
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Música coral sinfónica
23.00 Estudos sinfónicos, op. 13, de Schumann
00.40 Música de câmara
01.00 Fecho



Programa em FM 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de tecla
21.00 Conjuntos de câmara
22.00 Solos de piano
22.30 Concerto sinfónico
00.15 Duas obras de Bach
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
21.17 Música para meditar
21.31 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Rubrica policial do inspector Varatojo
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
01.15 Teatro
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à gô-gô
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva

03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS
DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 12.00 às 14.30

Rádio Graça

Das 14.30 às 19.30

Anúncios de Serviço

LISBOA

TURNO C-1

TODA A NOITE

ALVALADE
Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (tel. 712682).

ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis 46-B (tel. 821653).

AREIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 801478); Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (tel. 727721).

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (tel. 41845).

BAIXA
Barral, Rua Augusta 225 (tel. 361534/5).

BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos 14-C (tel. 631699).

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (tel. 702532).

CAMPOLIDE
Central, Rua General Tabor, 17 (tel. 680304).

MADRAGOA
Nunes Simões, Rua do Queilhas 1 (tel. 661275).

OLIVAS SUL
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (tel. 311091).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Avenida Ressa-nho Garcia, 7-A (tel. 571451).

SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160/162 (tel. 761035).

TURNO C-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Aviz, Avenida de Roma, 56-B/C (tel. 715370).

AREIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-A/B (tel. 534027).

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28/30 (tel. 40536).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).

BENFICA
Vitex, Estrada de Benfica, 373-B (tel. 780548).

BOA HORA
Sepal, Calçada da Boa-Hora, 94-A (tel. 631958).

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (tel. 688807).

CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Avenida Júlio Dinis, 10 lojas 18 e 19 (tel. 771661).

GRAÇA
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (tel. 864351).

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (tel. 790480).

PENA
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (tel. 42829).

OUTRA BANDA

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140B/C (tels. 720703-728395).

SANTA CATARINA
Modelar, Largo dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo) (tel. 608896).

XABREGAS
Grifio, Rua do Grilo, 25 (tel. 385264).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G. Guerra, 166 (T. 213953).

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090).

CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T. 2471204). Toda a noite

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (T. 263052). Até às 22 horas

MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T. 260085). Toda a noite

CASCAIS

Cascais, R. Conde de Monte Real, B. das Caixas (T. 282407). Até às 22 horas; Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149).

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461).

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530).

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841).

CACÉM
Araújo e Sá, Ede. Paco de Arcos, lote 1 (T. 2940781).

MEM MARTINS
Rodrigues Rato (T. 2912038).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456).

SINTRA

Simões Estefânia (T. 2930832).

COLARES

Abreja (T. 299088).

PORTO

TURNO 17

ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Sucr., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombeiro, Campo dos Mártires da Pátria, Prelada, Rua Central de Francos, 316; S. Roque da Lameira, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; S. da Bandeira, Rua S. da Bandeira, 236; Ameal, Rua do Ameal, 1227; Campo Alegre, Rua do Campo Alegre, 723; Ferreira da Silva, Rua dos Mártires da Liberdade, 150; Peninsular, Rua Chã, 100; S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297; Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77.

COIMBRA

Dias Ferreira, R. do Brasil, 70 (T. 26046); Higiene, R. Fernandes Tomás, 41 (T. 22634); Santa Cruz, R. das Paideiras, 94 (T. 23569).

Outros espetáculos

LISBOA/Teatros

CAPITÓLIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

A.B.C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»

MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Legenda do Cidadão Miguel Lino»

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«A Noite dos Assassinos»

LISBOA/Cinema

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«O Maneta de Ferro»

MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»

PARIS
21.00 (18 anos)
«A Freira de Monza»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Rosas Vermelhas»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«E o Amor Voltou»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS Oxford
21.15 (18 anos)
«Cama Com Música»

OEIRAS

Oeiras-Cine
21.15 (13 anos)
«Adão às 6 da Manhã»

ESTORIL

Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«A Raça dos Senhores»

CASCAIS

S. José
21.15 (13 anos)
«A Mais Bela Noite da Minha Vida»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Batota ao Jogo»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Mulher das 1000 Caras»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (10 anos)
«Tarzan e o Grande Rio»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Corvo»

PORTO/Cinemas

BATALHA
2.15 (18 anos)
«Amar não Mata»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Primos Carnais»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Tamanho Natural»

RIVOLI

21.15 (10 anos)
«A Mania das Grandezas»

S. JOÃO

21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»

COLISEU

21.15 (18 anos)
«O Ataque dos Sete Magníficos»

VALE FORMOSO

21.15 (6 anos)
«O Hotel da Barafunda»

ESTÚDIO FOCO

21.15 (10 anos)
«Spartacos»

TRINDADE

21.15 (10 anos)
«My Fair Lady»

JULIO DINIS

21.15 (18 anos)
«Os Galãs Atacam»

ESTÚDIO

21.15 (18 anos)
«A carga da Brigada Ligeira»

TERÇO

21.30 (18 anos)
«7 Horas de Violência»

ÁGUIA DE OURO

21.30 (13 anos)
«Os Dois Bombeiros»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«A Viagem»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Os Contos de Canterbury»

S. TEOTÔNIO
21.15 (13 anos)
«Aguirre, o Aventureiro»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Arena»

Cinemas

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.21.15
Não acons. a menores de 13 anos
o filme de Norman Jewison
JESUS CRISTO SUPERSTAR
37.ª Semana
O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBURDIA NO OESTE
5.ª Semana
AS 24 - Grupo D. M. 18 anos
ULTRAJE

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
4.ª semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao publico: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 14.15, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos
MELODY
Colorido
Venha ver como começamos a amar

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19.21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
24 h. M. 18 anos
MODESTY BLAISE

CARLOS MANUEL SINTRA

T. 2930394 21.15
Não acons. M. 13 anos
FRANKENSTEIN JÚNIOR

CINEMA 2000

T. 2100055 Estreia às 21.15 h.
Interdito a menores de 18 anos
AS IRMÃS
Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I

RESTELO

T. 610375 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
ONDE FICA A GUERRA?
c/ Jerry Lewis

EDEN

T. 32076914.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Int. a menores 18 anos
4.ª Semana!
PECADOS EM FAMÍLIA
Colorido

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Um drama de impacto explosivo!
VEREDICTO
3.ª Semana
Com Sophia Loren e Jean Gabin

CASINO ESTORIL

T. 264621 17 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A RAÇA DOS SENHORES

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
INICIAÇÃO

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
O TIGRE DO KARATÉ
A melhor farsa do ano

ROMA

T. 727778 15.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A MATRIARCA
Todos os dias às 18.30
NOVAS AVENTURAS DA PIPÍ DAS MEIAS ALTAS

VOX

T. 720808 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A FÚRIA DO DESEJO
2.ª semana de sucesso

SATÉLITE

T. 562632 15.30, 18.30 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O CIO (HEAT)
2.ª semana

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Para todos (M. 6 anos)
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?
2.ª semana de sucesso

D. JOÃO V. DAMAIA

T. 971794 21.00
Grupo A-Maiores 6 anos
OS 4 MALUCOS MOSQUETEIROS

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos - colorido
Classicos de comédia
PINTORES E RAPARIGAS
com Jerry Lewis e Dean Martin
2.ª Semana

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
BURCH CASSIDY E O KID
DOIS HOMENS E UM DESTINO
c/ Paul Newman, Robert Redford
3.ª semana

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos
4.º mês de êxito sensacional
15.ª semana de encontros
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmüller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JOHN AND MARY
c/ Dustin Hoffman

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O último filme de Pasolini em 2.ª semana
AS MIL E UMA NOITES

AVIS

T. 47163 15.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
2 SAMURAI PARA 100 GUEIXAS

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Amanhã às 24 h. 18 anos
AS NOVIÇAS

CINEARTE

T. 660446 As 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos
O PROSTITUTO
Colorido

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas event. chocantes
7.ª semana

EUROPA

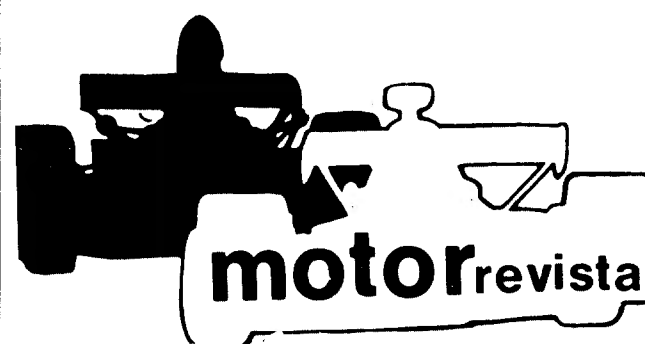
T. 661016 15.15 e 21.15
Grupo A M. 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
Colorido

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
REVÓLVER
Realização de Sérgio Solima

MONUMENTAL

T. 555131 21.15
Grupo A M. 6 anos
UM REI EM NOVA IORQUE
Charles Chaplin e Baxm. Addams





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
 RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
 TEL. 656311/23/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
 RUA LUZ SORIANO, 44
 Telef. 321154/5, 320271/2/3
 RUA DA ROSA, 75
 END. TEL. DIBOIA TELEX 12363
 LISBOA-PORTUGAL



CAMPO PEQUENO, 21 HORAS: A F.U.R. EM COMÍCIO

Realiza-se hoje à noite no Campo Pequeno, em Lisboa, um comício da FUR, Frente Unida Revolucionária. É a primeira iniciativa que a Frente leva a efeito depois da saída do P. C. P. da organização. A convocação para a sessão é feita conjuntamente por seis organizações políticas: F. S. P., L. C. I., L. U. A. R., M. D. P.-C. D. E., M. E. S., e P. R. P.-B. R.

Na convocação feita em folheto volante desde ontem a circular por toda a cidade de Lisboa, o Secretariado Provisório da Plataforma de 25 de Agosto faz um ponto breve da situação política actual e enquadra aí as razões por que este comício se reveste desde já dum significado excepcional.

«No momento em que o processo revolucionário regista um grave impasse e em que estão seriamente ameaçadas conquistas fundamentais obtidas através de duras lutas dos

trabalhadores, torna-se imperioso, agora mais do que nunca, cerrar fileiras e prepararmo-nos para duros combates — diz o folheto. — No momento em que a burguesia lança uma poderosa ofensiva no sentido de recuperar o terreno que teve de ceder após o 25 de Abril, e, sobretudo no 11 de Março, procurando criar as condições que lhe permitam manter e fortalecer a exploração e a opressão sobre o povo trabalhador, constitui tarefa inadiável responder à ofensiva reacçãoária com uma poderosa ofensiva revolucionária.»

Diz ainda a FUR que «é fundamental lutar com toda a energia pelo fortalecimento da unidade dos trabalhadores em torno dos órgãos do poder popular» e «indispensável construir a unidade das forças revolucionárias para derrotar a social-democracia e esmagar o fascismo».

A sessão de hoje começa às 21 horas.



ALVARO CUNHAL NA COMETNA

"O P.C.P. NÃO DÁ CAUÇÃO A UMA VIRAGEM À DIREITA"

Nós continuamos, o Partido Comunista, a manifestar-nos contra um Governo de Coligação, P. S., P. C. P., P. P. D. e M. F. A. Não aceitamos um Governo de Coligação, mas aceitamos dar apoio a um Governo que tenha, no fundamental, uma política justa, e que seja presidido por um homem progressista — afirmou o secretário-geral do P. C. P. numa reunião de esclarecimento que teve lugar, ontem à tarde, na Cometna.

Alvaro Cunhal declarou ainda que neste momento o Parti-

do Comunista não encara a possibilidade de participação num VI Governo enquanto Partido, mas apoia a participação de alguns dos seus quadros desde que esse Governo garanta o avanço da Revolução. Esse avanço não é possível sem o combate aos monopólios e o prosseguimento da Reforma Agrária.

«Há forças de direita» — acrescentou o porta-voz do P. C. P. — «que gostariam de dar uma viragem de 180 graus à política portuguesa, formar um Governo que metesse em

causa as conquistas da Revolução e ter lá o Partido Comunista para dar caução a essa viragem à direita. Ora o P. C. não dá caução a uma viragem à direita». Alvaro Cunhal salientou que neste momento o P. C. não aceitou realizar qualquer encontro com o P. P. D. Em relação ao P. S., tendo em linha de conta as classes sociais em que este se apoia, os comunistas encaram a possibilidade de participarem simultaneamente numa reunião com este Partido convocada pelo Presidente da República e pelo almirante Pinheiro de Azevedo.

A CRISE POLÍTICA

«Nós apoiamos o almirante Pinheiro de Azevedo nos seus esforços para formar o VI Governo» — frisou o dirigente comunista na sua comunicação a cerca de um milhar de trabalhadores da Cometna reunidos no refeitório após uma visita detalhada às instalações da fábrica.

Afirmando que a crise política é profunda e toca o próprio Movimento das Forças Armadas, Alvaro Cunhal traçou uma perspectiva de conjunto da situação política e militar desde o 25 de Abril.

«Foi a aliança Movimento Popular/Movimento das Forças Armadas que deu à nossa Revolução a possibilidade desse projecto inicial passar a transformações importantes na nossa sociedade», continuou Alvaro Cunhal frisando em seguida a importância das nacionalizações e da Reforma Agrária. Passado ano e meio, a força motora da Revolução que Cunhal identificou com o M. F. A. e a força popular organizada, atravessam dificuldades reais para o prosseguimento do processo revolucionário.

«Nós não confundimos os grupos de pressão de terrorismo fascista com a população. Muitas vezes temos desmentido a afirmação de que são as populações que se levantam contra o M. F. A., contra o P. C. e contra outras organizações e partidos progressistas». O dirigente comunista salientou ainda que «as forças revolucionárias têm que compreender que não resolveram os problemas de uma grande parte da população, que há motivos reais de descontentamento».

O SONHO DA REACÇÃO

Embora nos tenhamos todos habituado a considerar o M. F. A. como vanguarda das Forças Armadas e movimento revolucionário capaz de garantir a própria Revolução, Alvaro Cunhal chamou a atenção para

a necessidade de se estar consciente de que as forças reacçãoárias tudo farão para liquidar o M. F. A.

«Nós pensamos que o P. S. tem responsabilidades históricas na profunda crise que a nossa Revolução atravessa, pois abriu o caminho à reacção fascista», afirma Cunhal. Deste modo a reacção aproveitou o caminho aberto pelo P. S. e pelo P. P. D., iniciou o seu ataque anticomunista sem necessidade de aparecer com uma capa própria.

O avanço da direita traduziu-se igualmente no saneamento à esquerda: «Em todo o País houve sargentos e oficiais que foram saneados pelo facto de serem progressistas, pelo facto de poderem ser impelidos à acção reacçãoária de comandos conservadores».

Cunhal em seguida, manifestou a sua confiança em relação à força progressista revolucionária que dentro do M. F. A. procura também uma solução de reunificação das forças revolucionárias de modo a impedir o avanço da direita.

CIDADE MARGINAL

HOMENS

"SUPÉRFLUOS"...

O cabo-verdiano Emílio Sanches, há alguns meses radicado em Amesterdão, tornou-se «indesejável» (o auto de notícia não especifica a razão), para o Governo holandês. E, como tal, recebeu a respectiva guia de repatriamento rumo a Lisboa, onde chegou carregado com quatro malas, transitando posteriormente do Aeroporto da Portela para o Governo Civil. Assim andam os proletários (operários, camponeses, estivadores, almeidas, engraxadores) de terra em terra, explorados, vendendo a força do seu trabalho. Rotulados depois de velhos, gastos, inválidos, traumatizados, inadaptados ou indesejáveis, qual «coisa supérflua», são atirados pela borda fora como as mercadorias já gastas. Até um dia...

DO MAL O MENOS...

Por rixas antigas (mulheres e negócios à mistura), o pedreiro José Africano agrediu à navalhada, numa taberna da Travessa da Cara, o «seu compadre» Pedro Cardoso, causando-lhe graves ferimentos nos braços, dorso e ventre. Depois dirigiu-se à esquadra mais próxima e disse para o polícia de sentinela: «Eu cá fico preso. Quanto ao homem ensanguentado que está ali naquela tasca é levá-lo para o hospital. As contas por mim estão saldadas!». Anote-se que a sua solicitação foi cabalmente atendida nos dois sentidos.

SOVELA MALUCA

Munido com uma sovela, o viúvo António Pereira, de 67 anos, divertia-se a furar os pneus dos carros estacionados na Estrada dos Prazeres. E certamente ainda lá estaria a esta hora (passe o exagero) se o guarda-noturno da área o não tivesse surpreendido. Como explicação para tão inexplicável atitude, António Pereira limitou-se a adiantar: «Deu-me na maluquice para isto!».

NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

A U.D.P. DIZ QUE NÃO RECUA UM PASSO

Com o Pavilhão dos Desportos cheio de antifascistas, a U.D.P. realizou ontem o seu comício de apoio ao povo chileno, encontro que também congregou a F.R.A.P. — Frente Revolucionária Antifascista Patriótica, de Espanha —, a Frente del Pueblo do Chile e a U.L.D.P.-F.O.G.A., União pelas Liberdades e Direitos do Povo-Frente Guerrilheira do Araguaia, do Brasil.

Entre bandeiras e estandartes, cartazes e dísticos, a mesa esteve constituída por Cipriano Pisco, Eduardo Pires, Lurdes Souza, Américo Duarte, e Vladimir Guinot.

Lurdes Souza leu uma mensagem enviada pela União Nacional dos Estudantes do Brasil, em que se anuncia a intensificação da luta antifascista no seu país e se denunciam as livres manobras dos «recém-chegados» portugueses.

Após um militante da Frente del Pueblo de Chile, descrever

como se vive desde há dois anos nesse país sul-americano, denunciou: «Diante da ofensiva reacçãoária, o boicote económico e as greves patronais, as massas proletárias, sob a influência do revisionismo, não foram guiadas no rumo de uma saída revolucionária, no rumo de uma mobilização total contra os seus inimigos tradicionais. Ao contrário, todo o palvreado revisionista era dedicado a manter o movimento de massas dentro dos limites da legalidade burguesa e a manter as massas populares na ilusão acerca da neutralidade política dos altos comandos das Forças Armadas reacçãoárias».

Um militante espanhol da F.R.A.P. — Frente Revolucionária Antifascista y Patriótica, de Espanha, depois de recordar as perseguições e torturas perpetradas pelo regime de Franco, onde militantes revolucionários chegaram a ser obri-

gados a beber ácido sulfúrico, o militante espanhol afirmou que a F.R.A.P. não é terrorista nem esquerdista.

O discurso da U.L.D.P.-F.O.G.A. — União pelas Liberdades e Direitos do Povo-Frente Guerrilheira do Araguaia — violento libelo acusatório contra a ditadura, foi lido por Eduardo Pires, da U.D.P.

Depois de percorrer detalhadamente sobre todos os outros pontos, os revolucionários do Brasil acusam: «Servindo os interesses norte-americanos, o Brasil já estimulou golpes na Bolívia, no Uruguai e participou activamente na conspiração contra o povo chileno. Procura cercar, politicamente, a Argentina. O regime fascista brasileiro volta-se também para a África e boicota e interfere na justa luta do povo português. (...) O general Carlos Alberto Fontoura (embaixador do Brasil em Portugal), um dos homens que montou a P.I.D.E.

brasileira, nada mais é do que um agente da C.I.A. Como aconteceu no Chile, nas vésperas da primeira tentativa de golpe fascista, ou nas vésperas do 11 de Setembro, quando desembarcaram em Santiago agentes do D.O.P. (a P.I.D.E. brasileira), hoje, já cá estão em Portugal, segundo informaram os meios de comunicação portugueses. Não estão aqui, para reprimir os brasileiros, mas sim para ajudar os fascistas a preparar um novo golpe em Portugal».

Palavras de ordem exigiram a imediata expulsão de Carlos Alberto Fontoura, e dos seus polícias, do território português.

«O imperialismo americano foi esmagado pelos povos da Indochina. A sua cova já está aberta. A nós, compete-nos empurrá-lo lá para baixo, bem para o fundo. Temos que ser os seus coveiros!».

Assim, Vladimir Guinot, do Comité Central da U.D.P. iniciou o seu discurso, que seria o último da noite.

A longa intervenção de Guinot centrou-se numa análise da actual situação política portuguesa, onde lembrou: «No princípio, a participação popular andava na boca de todos os partidos burgueses. Mas quando de facto o povo decidiu participar, a sério, não faltaram os gritos aflitos a apelar à calma, ao bom senso e à confiança nos governantes».

E mais adiante: «Ao povo não é dada satisfação do que se prepara. Entram Governos e saem Governos (...) o Conselho da Revolução muda de composição como quem muda de camisa (...) o brigadeiro Pezaret ameaça esmagar a comuna de Lisboa e o Sousa e Castro diz-se arrependido de ter participado no 25 de Abril».

LYCEE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE

AVENIDA DUARTE PACHECO — LISBOA - 1

O Reitor do Liceu Francês «Charles Lepierre» informa as famílias que as inscrições para o ano lectivo de 1975-1976 estão abertas desde o dia 1 de Setembro para os seguintes ensinos:

- Secção Francesa:** Classes do Jardim Infantil
 Classes do 1.º Ciclo Secundário
 Classes do 2.º Ciclo Secundário
- Secção Portuguesa:** Primário — 3.º e 4.º Classes
 Secundário — Curso Preparatório
 — Curso Geral
 — Curso Complementar

Este Liceu recebe alunos de todas as nacionalidades.

As inscrições devem ser feitas na Secretaria do Liceu todos os dias, excepto aos sábados das:

09 H 00 às 12 H 00 e das 15 H 00 às 17 H 00

Não se aceitam inscrições pelo telefone ou por correspondência.